

REABILITAÇÃO DA QUINTA DOS ALFINETES
CASA MUSEU DE MARVILA



HUGO MANUEL CARDOSO OLIVEIRA

Dissertação/Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico: Doutor Arquitecto Amílcar de Gil e Pires

Lisboa, FAUTL, Outubro, 2012



REABILITAÇÃO DA QUINTA DOS ALFINETES
CASA MUSEU DE MARVILA

HUGO MANUEL CARDOSO OLIVEIRA

Orientador Científico : Doutor Arquitecto Amílcar de Gil e Pires

Júri :

Presidente : Doutor Arquitecto Luís Afonso

Vogais:

Doutor Arquitecto António Leite

Doutor Arquitecto Amílcar de Gil e Pires

Lisboa, FAUTL, Outubro, 2012



AGRADECIMENTOS

Dedicado a toda a minha família e amigos, convosco aprendi a viver e a sorrir

RESUMO

Palavras-Chave : Reabilitação, Dualidade, Habitar, Identidade, Carácter

Esta investigação apoiou o Projecto Final de Mestrado desenvolvido sobre o tema: Reabilitação da Quinta dos Alfinetes, Casa Museu de Marvila.

A dualidade da proposta de projecto de arquitectura reflecte-se na conjugação de diferentes tempos, reflectindo linguagens próprias de cada tempo, diferenciadas, mas íntegras. Permitindo-se assim, integrar elementos distintos numa mesma narrativa arquitectónica, manifestando o desejo de revitalizar uma arquitectura adormecida, desgastada, mas acima de tudo de reconhecível valor.

A noção de autenticidade levou a uma estrutura de contrastes, aqui o leve apoia-se no pesado, o luminoso expressa-se a partir das sombras, do estereotómico expressa-se o tectónico.

Ao projectar com o “Lugar” da Quinta dos Alfinetes elaborou-se uma leitura que conjuga todos os níveis e elementos do espaço existencial que a arquitectura existente conforma. A sua importância revela-se no seu habitar específico, explorou-se a tipologia desta quinta de recreio como forma de solidificar a vivência característica ao seu espaço interno.

O seu sistema espacial comportando a capacidade de proceder à estruturação de um suporte físico, fora entendido como mais do que uma materialidade, constituindo dessa forma a base do acto criativo e a independência do projecto de arquitectura. Este não se situou como submisso perante o existente, nem dominante, convive com a ambiguidade proveniente de um diálogo desenvolvido num mesmo patamar entre antigo e novo.

Reservou-se como intenção a capacidade de conjugar a salvaguarda tanto da sua memória estruturante como da sua nova vitalidade, a adaptação da Quinta dos Alfinetes a Casa Museu de Marvila revela um entendimento da noção de utilidade que extravasa a mera conversão programática para se integrar e embrulhar na identidade já estabelecida, preservando ao mesmo tempo o carácter desta quinta de recreio.

Diferenciou-se assim ruína arqueológica de ruína arquitectónica, uma vez que esta última reserva as condições necessárias para adaptação a um novo fôlego e tempo, capacidade única de um património vivo, e da arquitectura.

ABSTRACT

Key-words: Rehabilitation, Duality, Existential, Identity, Character

This investigation supported the Master's final project developed under the theme: Alfinete's villa Rehabilitation, Marvila's House Museum.

The duality of this architectural project proposal is reflected from the different times conjugated, therefore it reflects each time through its own language, these are differentiated but with full integrity. Distinct elements were allowed to integrate the same architectural narrative, with the purpose of revitalizing a dormant and weary architecture, but above all of recognizable value.

The notion of authenticity led to a structure of contrasts, here the light stands on the heavy, through the shadows is light expressed, and from the stereotomic comes the tectonic.

By designing with the place of the Alfinete's villa a reading was elaborated, which conjugates all the levels and elements of the existential space that the established structure conforms. This importance is revealed in its specific type of living, this villa's typology was explored as a way of solidifying the unique living experience that comes from its internal space.

Having the ability to establish the structure of a physical support, it's special system was understood as more than a material manifestation so that it composes the bases of the creative act and the independence of architectural project. It wasn't staged as submisce when facing the existing structures, nor dominant, yet it's able to live with ambiguity that comes from the developed dialogue set in the same stage between old and new.

The ability to conjugate was reserved as intentional, so that both its structural memory and the new vitality were safeguarded, the villa's adaptation to Marvila's House Museum reveals an understanding of the notion of utility, that goes beyond the mere programmatic conversion, so that it can fold and integrate itself on the established identity, preserving at the same time this recreational villa's character.

Archeological ruin was differentiated from architectural ruin, the latter comes with necessary conditions to adapt, bringing forth a new breath and time, the uniqueness of living heritage and architecture.

ÍNDICE

RESUMO	1
ABSTRACT	2
I- INTRODUÇÃO	5
II- ESTADO DA ARTE	6
III- PROPOSTA DE UMA ARQUITECTURA	7
IV- MORFOLOGIA DE UM ESPAÇO EXISTENTE	11
<ul style="list-style-type: none">• A ideia• O território• O lugar da Quinta dos Alfinetes	
V- CONSERVAÇÃO E RESTAURO	27
<ul style="list-style-type: none">• Evolução da noção de restauro• Reconstituição e Ruína Romântica• Carta de Restauro• Carta de Veneza• Carta de Cracóvia	
VI- CASOS DE ESTUDO	33
<ul style="list-style-type: none">• Escola de Música de Louviers• Museu de Moritzburg	
VII- PROJECTAR COM O LUGAR – Projecto de arquitectura	39
VIII- CONCLUSÃO	50
BIBLIOGRAFIA	51
ANEXOS	
Análise Histórica e Cultural	54
Análise Física e Social	66
Análise Geométrica	79
Memória Descritiva	81
Programa Arquitectónico	82
Maquetes	83
Modelo Digital – Perspectivas	88
Listagem de Desenhos	94
Desenhos	95

I - INTRODUÇÃO

O objecto de estudo desta dissertação é a Quinta dos Alfinetes, quinta de recreio do séc. XVIII localizada em Lisboa na freguesia de Marvila. Esta quinta integra o conjunto de quintas e edifícios religiosos que constituem as bases da estrutura urbana e fundiária da zona oriental da cidade.

Esta propriedade erigida pelo Duque de Lafões é composta por um conjunto de edifícios e uma extensão de terreno. Os seus elementos arquitectónicos apresentam-se em estado de ruína, alterados pelas transformações decorrentes da acção do tempo e outros factores, nomeadamente um incêndio que em 1964 consumiu pavimentos e coberturas, assim como um projecto de arquitectura da autoria de Oscar Niemeyer, desenvolvido na década de 90 cuja construção não fora concluída, ficando assim alterado o perfil da extensão natural da quinta.

A reabilitação da Quinta dos Alfinetes foi o tema desenvolvido no Projecto Final de Mestrado.

Esta investigação visa estruturar a evolução do projecto contextualizando-o no campo teórico do Projectar com o Lugar e no campo do Construir no Construído, destacando-se assim uma leitura e interpretação do sistema espacial estabelecido pelas pré-existências, onde a influência da disciplina de Conservação e Restauro de Património estabelece as suas relações com a prática do projecto de arquitectura.

Tendo em conta que o contexto rural onde estava inserida a quinta se transformou ao longo do tempo em contexto urbano, e que o processo de urbanização aproximou a estrutura urbana dos limites da quinta, reconfigurando o seu território, esta investigação pretende reconhecer as condicionantes inerentes à estrutura espacial existente e estabelecer procedimentos que sustentem a intervenção arquitectónica desenvolvida no Projecto Final de Mestrado.

Esta investigação pretende também abordar a relação entre tradição e inovação, estabelecendo um desfaseamento das fronteiras entre novo e antigo, com base na definição de uma noção de autenticidade que estrutura a sua totalidade através de uma metodologia de projecto que engloba ambas as identidades numa única, dando continuidade à acumulação de diferentes substratos temporais. Evidenciando-se assim a estrutura orgânica do projecto de reabilitação do património edificado, urbano e paisagístico em estudo.

Originalmente projectada com uma relação directa à vivência da vilegiatura que se traduzia no seu perfil de quinta de recreio, o projecto de reabilitação enfrenta agora o desafio de coordenar a reconstituição das suas características espaciais e a sua adaptação e integração num contexto urbano, mantendo como objectivo a preservação deste “Lugar” e a sua manutenção futura.

Através de uma intervenção arquitectónica, procurar-se-á responder a um conjunto de questões ligadas ao valor do conjunto arquitectónico existente, formular uma ideia de arquitectura e conformar um programa arquitectónico compatível com a situação existente, revitalizando e adaptando estas estruturas com base no carácter e identidade próprios da tipologia da quinta de recreio, garantindo-lhe uma nova continuidade temporal.

II – ESTADO DA ARTE

O objecto de estudo, a Quinta dos Alfinetes, conjuga várias dimensões de acção de reabilitação arquitectónica, englobando desta forma a escala do território pela sua integração num contexto urbano, onde se mantém a memória do processo inicial de urbanização deste território e a escala do bairro onde se apoia parte do terreno natural da quinta. Encarou-se assim, o potencial de resolver várias condicionantes inerentes ao desenho urbano do sítio, ao transformar o uso da rua e aproveitar a paisagem ribeirinha para se estabelecer um espaço público significativa.

A escala do seu edificado e o facto de constituir uma tipologia de valor histórico, constituiu um desafio entusiasmante perante a oportunidade de proceder à sua revitalização.

Perante a proposta de reabilitação, levantou-se a questão de estas estruturas se situarem no campo disciplinar da Arquitectura ou se, pelo contrário, configuram um projecto no âmbito de outras disciplinas como é o caso da Arqueologia.

A estrutura do projecto baseou-se numa lógica de reconhecimento das condicionantes e possibilidades que o existente conforma, tendo por base a ideia de espaço que estas conformam como substância do projecto.

A verificação desta integridade foi apoiada na metodologia do Projectar com o Lugar, explorando desta forma o espaço existencial presente e o tipo de habitar que este possibilita.

Estipulou-se que se o existente conformasse ainda um sistema espacial que remetesse para a sua estrutura original, verificando-se a integridade do seu espaço arquitectónico, mesmo que os seus elementos se encontrem em estado avançado de degradação, seria passível de ser reabilitado.

Uma vez que a substância da arquitectura é definida pelo seu espaço interno, a integridade desse sistema remeteria para uma reabilitação através de uma intervenção arquitectónica, diferenciando-se e afastando-se de outros campos disciplinares.

Bruno Zevi no seu livro “Saber Ver a Arquitectura “ aborda o tema do conteúdo da arquitectura, o qual é constituído pelo seu espaço interior. Esta definição de espaço interior definido por um envoltório arquitectónico, como substância da arquitectura, é apresentada como a característica fundamental que distingue a arquitectura de qualquer outra disciplina. Aqui o espaço interno é definido como veículo da relação entre espaço e tempo, a quadridimensionalidade, propriedade que possibilita a interacção e apropriação de um espaço pelo Homem.¹

A questão do tipo e qualidade do espaço interior é também abordada por Bruno Zevi, devendo-se portanto proceder a uma avaliação desse espaço. São apresentadas várias formas de proceder a esta avaliação, aquela que foi escolhida nesta dissertação refere-se a uma interpretação espacial relativa ao seu conteúdo, embora as

¹ ZEVI, Bruno .*Saber Ver a Arquitectura*. Trad. Maria Isabel Gaspar Gaetan Martins de Oliveira. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.2000.

restantes categorias de interpretação espacial, a interpretação fisiológica e interpretação formalística, também participem nesta leitura.

No livro “Espaço, Existência e Arquitectura” de Christian Norberg-Schulz é explorada a ideia do espaço existencial como conformação do espaço arquitectónico. Aqui é enunciado um método de avaliação do espaço de uma arquitectura, a partir de um conjunto de elementos definidos como constituintes do espaço existencial, bem como os seus vários níveis, contribuindo para a avaliação do espaço que as pré-existências definem, e se de facto se encontram presentes os elementos basilares ao habitar, sendo esta a condição específica que possibilita a interacção entre o homem e o meio ambiente.

Esta ideia que consolidou a leitura do espaço que a Quinta dos Alfinetes conforma, partiu da noção de espaço existencial e da definição do “Lugar” da Quinta dos Alfinetes, verificando-se e reconhecendo-se o valor do seu espaço arquitectónico.

III – PROPOSTA DE UMA ARQUITECTURA

O projecto de reabilitação da Quinta dos Alfinetes desenvolve-se em diferentes níveis, englobando para além da acção de restauro do edificado existente, uma abordagem mais ampla que comporta desde o nível de inserção urbana do projecto até à transformação do seu sistema espacial, integrando-se assim no seu território e contexto à escala da cidade e do bairro.

A implantação do edificado existente tem uma localização e posição de destaque sobre a sua envolvente, sendo que a sua marcação é efectuada através de um pódio sobre a linha de fecho que caracteriza a topografia do território. Este plano horizontal, escalonado sobre a sua envolvente permanece até hoje inalterado, e sobre este, a vista alcança toda a frente ribeirinha da zona oriental de Lisboa.

Conjugando assim, à concentração da sua massa edificada, o carácter estereotómico da sua implantação, surgindo como referência na estrutura urbana da sua envolvente, onde juntamente com a sua imagem de arquitectura histórica, aliada à sua envolvente natural, se estabelece como núcleo central da organização da estrutura urbana do seu contexto.

A sua localização compõe a base de sedimentação de várias camadas temporais da acção do homem no território. A esta ligam-se os conceitos de memória estruturantes e a noção de persistência do traçado, que segundo Luís Afonso² constitui o suporte para a caracterização do princípio gerador que permanentemente enquadra a articulação da estrutura morfológica presente.

² AFONSO, Luís (1994). *Notas Sobre a Noção de Memória Estruturante*. Carcavelos. F.A.U.T.L.

Juntamente com as estruturas da quinta, a Azinhaga dos Alfinetes mantém o seu perfil, atravessando o bairro e contribuindo para a caracterização da malha urbana que remete para uma ideia do passado deste sítio.

Para além do papel que desempenhou na evolução do traçado urbano neste território, esta arquitectura vai para além da sua função original de quinta de recreio, destacando-se o facto de ao longo do tempo terem sido estabelecidos diferentes usos e funções às suas estruturas, como é o caso do funcionamento de uma trefilaria, a Fábrica Estrela, e mais tarde os escritórios das Companhias Reunidas de Energia e Gás.³

Este histórico de funções do edificado da quinta, corresponde a diferentes apropriações do seu sistema espacial, que transpondo o nível privado, emerge dentro da categoria de equipamento, isto é, espaço privado de uso público. Esta capacidade deve-se em boa medida à sua centralidade e ao facto das dimensões e sistema distributivo da sua compartimentação facilitarem as adaptações necessárias a diferentes ocupações e usos.

A massa edificada foi estabelecida no sítio como marca da ocupação humana, apesar das mudanças neste território o edificado existente apresenta-se como define Kevin Lynch, um elemento marcante⁴. Esta configuração aliada à sua posição de domínio e à topologia do território estabelece uma centralidade ao redor da qual a estrutura urbana se consolidou. O processo de urbanização do sítio, apesar de em alguns momentos não manter distâncias que preservem os limites da quinta na sua totalidade, acaba por colocar o existente numa posição de destaque adequado a um objecto de excepção.

A inclusão do território da quinta na estrutura urbana, estabeleceu uma situação de descontinuidade potenciada pela sua falta de utilização e estado de degradação dos seus elementos arquitectónicos. Parte da proposta define um espaço público na extensão do terreno da quinta, que ao reconfigurar o perfil natural do terreno, permite a dissolução das descontinuidades presentes no vazio urbanístico do bairro.

Esta proposta, contemplando espaços de lazer, de encontro e transição, afirma uma definição da estrutura viária pedonal que configura uma vivência de rua distinta da que as vias presentes permitem, neste momento, essa dinâmica cinge-se a espaços de atravessamento entre os núcleos residenciais e equipamentos presentes na estrutura urbana.

O projecto de arquitectura contempla uma intervenção sobre o construído existente, enquadrando uma acção de salvaguarda do património edificado com base no valor dos seus elementos. A partir deste reconhecimento, procede-se à conformação de um novo programa arquitectónico que adaptando-se ao suporte físico existente, irá explorar as possibilidades que o sistema espacial presente permite, dando desta forma continuidade à memória estruturante desta arquitectura, incluindo uma nova camada temporal que se adapta aos elementos arquitectónicos existentes e completa a narrativa estabelecida com base num discurso contemporâneo.

³ Anexo

⁴ LYNCH, Kevin . *A Imagem da Cidade*. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições70, 2003. pp.90-93. 205 p. ISBN 972-44-0379-3.

O programa proposto da Casa Museu de Marvila possibilita a perenidade do edificado da quinta, ao mesmo tempo que consolida a sua identidade, esta transformação da casa histórica reafirma a ligação da quinta como objecto de excepção, destacando-se no seu sítio e consequentemente na cidade.

As pré-existências presentes correspondem à tipologia de quinta de recreio. A sua conversão e adaptação a novos usos irá reger-se por um conjunto de condicionantes inerentes às características e carácter do seu espaço arquitectónico, impedindo a subversão da estrutura existente pela conjugação de funções dispares cuja validade não contempla a sua continuidade temporal e integração no seu contexto.

A localização da Quinta dos Alfinetes conjuga uma paisagem diversificada que se estende desde as estruturas urbanas envolventes até ao Tejo no horizonte, permanecendo ainda a memória rural deste sítio nos terrenos onde se desenvolvem ainda hortos cultivados pela população local e a abertura espacial concedida pelos descampados.

A Quinta dos Alfinetes, como propriedade da Câmara Municipal de Lisboa, encontra-se numa situação em que a ponderação desta proposta, a partir do desenvolvimento de um programa de espaço privado de uso público referente a um equipamento cultural, visa estabelecer uma conciliação entre os interesses públicos e privados. Anteriormente foi desenvolvido um programa para a implantação no seu território da Fundação Luso-Brasileira, este projecto que não foi concluído, distingue-se desta proposta da Casa Museu de Marvila pela lógica de aproveitamento das possibilidades inerentes à estrutura da quinta, não recorrendo assim a uma secundarização e à consequente segregação do edificado existente, que resultavam do tipo de estratégia e implantação de edificado prevista no projecto anterior. O cancelamento do projecto da fundação traduziu-se na falta de articulação e compatibilidade com o contexto e com o suporte da quinta.

A consulta da população local, por parte de entidades da Câmara Municipal de Lisboa, exprime um desejo de requalificação do bairro e a salvaguarda da sua identidade, sendo apresentada a carência de espaços públicos, com capacidade de se integrarem na malha urbana do sítio, e o reconhecimento da posição central do terreno natural da quinta que remete para a consolidação da estrutura do bairro, contemplando a reafirmação dessa identidade. A inclusão de um espaço público tem também o papel de valorização do bairro e a sua revitalização, garantindo a conservação da memória daquele território.



Mapa de localização (Imagem retirado do Google Earth)

Vistas Aéreas (Imagens retiradas do BingMaps)

IV – MORFOLOGIA DE UM ESPAÇO EXISTENTE

A Quinta dos Alfinetes, apesar da acção do tempo sobre as suas estruturas ainda mantém grande parte dos seus elementos. O seu edificado perdeu coberturas, pavimentos, algumas paredes, alguns muros e jardins, mas os elementos que se mantêm estabelecem ainda um envoltório com a capacidade de definir um sistema espacial específico ao carácter desta quinta de recreio.

O estudo da morfologia espacial constituída pelas pré-existências, tem por objectivo proceder ao levantamento das condicionantes e possibilidades às quais a intervenção arquitectónica de reabilitação irá responder. Desta forma pretende-se fazer uma leitura do espaço existente designando este como suporte físico e artístico do projecto de arquitectura.

Este estudo morfológico tem por base a teoria do espaço existencial, segundo a qual Christian Norberg-Schulz⁵ define espaço como dimensão da existência humana. Com base na interacção entre o homem e o meio ambiente, o espaço arquitectónico surge como a concretização do espaço existencial. Esta investigação incide desta forma na definição de um habitar que o espaço existente possibilita.

Pretende-se identificar os elementos que compõem o sistema espacial em estudo. Este método desenvolve-se através da categorização dos diferentes componentes de espaço existencial: os lugares, centros, direcções, eixos, regiões, limites e aberturas.

A escala de leitura estabelece-se também a partir dos diferentes níveis de espaço existencial, nomeadamente o nível rural, onde se inclui a paisagem e a memória de uso deste território, o nível urbano correspondente à envolvente contemporânea e o nível da casa estabelecida pelo edificado existente.



(Fotografias do autor, interior da casa : piso térreo; escadaria ; lareira ; galeria ; galeria)

⁵ NORBERG-SCHULZ, Christian. *Espaço, Existência e Arquitectura*. Trad. Adrian Margarit. Barcelona:Editorial Blume,1975. pp.15-19. 145p. ISBN 84-7031-233-2

A ideia

O projecto da Casa Museu de Marvila constitui a concretização de uma ideia de arquitectura que suporta a reabilitação da Quinta dos Alfinetes. Esta formulação de uma solução de arquitectura integra a fase inicial do processo de desenvolvimento do projecto, precedendo a fase de análise que estabelece as características do suporte. Esta noção de suporte é estabelecida através de uma metodologia de aproximação à realidade existente do sistema urbano e arquitectónico da quinta. Procedeu-se à estruturação de uma série de condicionantes e à consequente configuração de um campo de possibilidades exploradas no acto criativo do projecto de arquitectura.

Responde-se assim a um conjunto de informações acumulados, de densidade traduzível na formulação de uma solução onde o nível de abstracção é inerente à concretização objectiva de uma arquitectura que concentra diversas estruturas de resposta ao problema apresentado.⁶

“ Quando reflecto sobre a questão da construção da cidade sobre o território, crio uma possibilidade de consideração de que tudo é património, tudo tem aspectos patrimoniais. Devemos ver a importância de cada coisa que está construída (...)”⁷

Na continuação desta abordagem João Luís Carrilho da Graça destaca dois momentos de aproximação do projecto de arquitectura ao território, o reconhecimento do existente e a introdução de possibilidades de conformação, tendo como objectivo a continuidade temporal da relação entre homem e território. Este sistema de aproximação tem como referências o conceito de “esquemas” de Piaget, onde a assimilação e a acomodação constituem a base de influência recíproca entre homem e ambiente, a actuação deste dentro de um conjunto de regras presentes num dado sistema e a capacidade de estruturar a acção, engloba a noção de equilíbrio entre o conjunto de condicionantes e as possibilidades.

O reconhecimento inicial do território através da análise histórica, cultural, física e geométrica do existente⁸ constitui um método de levantamento de informações que sob a forma de imagens individuais se complementam para formar a estrutura de um mapa sobre o qual se desenvolveu a investigação do suporte existente.

⁶ AFONSO, Luís. *Geometria e Prática do Projecto*. 2000. Carcavelos. Faculdade de Arquitectura da U.T.L. pp.3-6. 18p.

⁷ GRAÇA, João Luís Carrilho da . *Manifesto de relação com o território*. Arquitectura e Vida. N°35. 2003. pp-35-40. 98 p.

⁸ Anexos

Com base na formulação de uma totalidade que a realidade do suporte transmite, a solução de arquitectura começou a ganhar corpo, mas foi através de um determinado grau de contenção ao limitar as respostas imediatas e intuitivas, que se esboçou a ideia de uma arquitectura. Esta coordenou por um lado as condicionantes e por outro o acto criativo da concretização arquitectónica. Estabelecendo-se assim a relação estrutural entre a ideia, forma, e o projecto.

A formação do corpo da ideia precedeu aqui o desenvolvimento de um programa arquitectónico, pois a esta está associado o conceito de utilidade de uma arquitectura. Baseando-se na formulação de Vitruvio presente na tratadística disciplinar, encontram-se categorizados os conceitos “firmitas, utilitas e venustas” que condensam os principais objectivos de uma arquitectura.

Sobre esta base Leon Battista Alberti em 1452, no seu tratado “De re aedificatoria”, descreve no primeiro livro, de título Lineamenta, os elementos que constituem a utilidade de uma solução de arquitectura⁹, esta noção não corresponde a um mapeamento de funções ou usos, mas sim à validade de uma resposta perante uma determinada situação espacial e temporal, englobadas no suporte da concepção arquitectónica.

Como Aldo Rossi descreve no seu “Elogio da Arquitectura Civil”¹⁰, a noção e distinção do útil baseia-se num acto de inteligência que coordena condições e possibilidades, essa abordagem estabelece processos de transformação da natureza, com base na utilidade de um projecto perante a condição de progresso.

“ Se a arquitectura enquanto disciplina assume a criatividade como fundamento essencial, o facto é que nunca o progresso criativo se desenvolveu a partir do vazio, à excepção evidente desse momento quase mágico a que corresponde a concretização do facto arquitectónico primordial (...)”¹¹

Assim procede-se à transmissão esquemática da ideia de uma arquitectura, para o projecto de reabilitação da Quinta dos Alfinetes: consolidação de um pólo cultural garantindo a vitalidade da estrutura arquitectónica da quinta, estabelecer as condições necessárias para o seu usufruto público, potenciar movimentos pendulares regulares ligados a uma oferta diversificada de usos, transpor o estatuto de casa histórica para a condição de contentor de cultura, estruturar uma organização baseada na versatilidade espacial que permita a sua fácil apropriação, conformar espaços de contemplação baseados numa vivência que contrasta com a envolvente e remeta para as origens da tipologia quinta de recreio. Explorar as suas ligações ao meio ambiente natural, potenciando a divulgação da história e cultura da zona oriental da cidade de Lisboa.

⁹ BIERMANN, Veronica. *Teoria da Arquitectura, do Renascimento aos nossos dias*. Trad. Maria do Rosário Paiva Boléo. Lisboa: Vernáculo. pp.23-25. 845 p. ISBN 3-8228-2693-6

¹⁰ ROSSI, Aldo. *Elogio da Arquitectura Civil*. pp.1-2

¹¹ AFONSO, Luís. *Geometria e Prática do Projecto*. 2000. Carcavelos. Faculdade de Arquitectura da U.T.L. p.3. 18p.

A adaptação de usos deverá concretizar-se através de um novo substrato temporal apoiado no conceito de “extensão”, devendo completar e complementar o existente, estruturando-se a imagem do novo a partir do antigo, não deixando de parte a noção de autenticidade aliada à linguagem própria de cada tempo.

A edificação deverá apoiar-se em sistemas construtivos compatíveis com o existente e actuais, facilitando assim o seu manuseamento dentro das condicionantes presentes e coerentes com o panorama contemporâneo de desenvolvimento tecnológico, o que se constitui assim como princípio de autenticidade da intervenção arquitectónica.

O Território

“ Existem edifícios que se evidenciam relativamente a uma arquitectura de acompanhamento que sobrepõem determinadas barreiras, pelo seu desenho, que não podem ter uma abordagem tão objectiva como a simples expressão duma eficaz materialização funcional. Estes não só cumprem rigorosamente o seu programa, numa perfeita comunhão entre desenho, forma, materiais e função, mas estão ligados a um sítio como se fossem animais vivos, dando a impressão que a sua existência nesse lugar é intemporal.”¹²

O território da Quinta dos Alfinetes concentra em si a intersecção de três níveis de espaço existencial anteriormente referidos. Mantém assim o espaço referente à sua envolvente natural que reporta à exploração agrícola e à sua memória rural, a sua localização dentro de um contexto urbano e o espaço da casa que estrutura a sua ligação ao processo de urbanidade do território. Podemos assim reconhecer à escala do território dois centros distintos, o centro da extensão natural do seu terreno e o centro do seu edificado, aos quais correspondem diferentes processos de conformação. O centro da sua envolvente natural é estabelecido através da estrutura urbana onde está inserido e que lhe concede uma centralidade com base na sua posição, o centro do edificado corresponde ao processo de implantação e à organização da sua estrutura arquitectónica.

Nesta escala o projecto de arquitectura pretende transformar o centro do terreno natural da quinta num “lugar” significativo, esta concepção de espaço público visa resolver as descontinuidades e ausência de espaços públicos vivenciáveis na estrutura urbana do contexto da quinta.

A ausência de vivência da rua decorre da morfologia urbana envolvente que define vários núcleos residenciais denominados por “ilhas”¹³, que ocupam diferentes localizações sobre um vazio contínuo.

¹² PIRES, Amílcar de Gil e. *Carácter da Arquitectura e do Lugar*. 2008.ARTiTEXTOS06. p.107. 14p.

¹³ FARINA, Mónica. *A Rua, Espaço, Tempo, Sociabilidade: Espaços, Marcas e Símbolos num Bairro de Habitação Social em Lisboa*. 2001: Livros Horizonte. pp. 120-127.

Dentro da estrutura destes núcleos surgem pequenos elementos cujas características remetem para a definição de espaços públicos, como é o caso de pequenas pracetas ou algumas porções de espaços verdes, mas estes não conformam espaços significantes pois a sua escala e as relações topológicas estabelecidas são diluídas pelo vazio contínuo que delimita os núcleos residenciais.

Assiste-se aqui a uma tentativa de impor características do contínuo sólido da cidade tradicional, referenciando-se aos seus vazios que conformam o espaço de rua e a sua vivência pública, mas nesta concepção de cidade impera o contínuo vazio sobre núcleos de espaço construído.

Neste caso dos bairros de Marvila a vivência da rua tradicional fora remetida para o interior dos seus próprios núcleos residenciais, onde se explorou concepções como a galeria dos prédios residenciais a partir da elevação da rua à porta dos seus residentes, o que não contribuiu para a vivência urbana e o contacto entre os diferentes núcleos urbanos.

A concepção de um espaço público a partir do terreno natural da Quinta dos Alfinetes pretende reverter a situação ao tirar partido da sua escala e posição central, para constituir um jardim de dimensão considerável e proporcionado perante a sua envolvente urbana, integrando-se assim como “Lugar” significativa, respondendo à carência de apropriação e habitar característicos de um espaço público.

Esta concepção irá por isso ligar os núcleos residenciais com base no sistema viário pedonal existente ao contrariar a sua desmaterialização e diluição que decorrem de uma concepção viária apoiada na deslocação motorizada.

A inexistência de lógicas de acompanhamento da rua cria uma situação de desenvolvimento e exploração comercial pontual, localizando-se nas bases e imediações dos edifícios residências, estas bolsas de actividade urbana encontram-se separadas e confinadas a cada bairro, a sua concepção previa proteger os moradores de eventuais contactos indesejados entre comunidades, mas o resultado prático destas medidas, potenciado pelas grandes distâncias entre bairros e a insuficiência de referências urbanas, tornou a orientação dentro desta estrutura difícil e colocou situações de falta de segurança que exploraram um sentimento de segregação e isolamento ao remeter os habitantes ao universo do seu bairro.

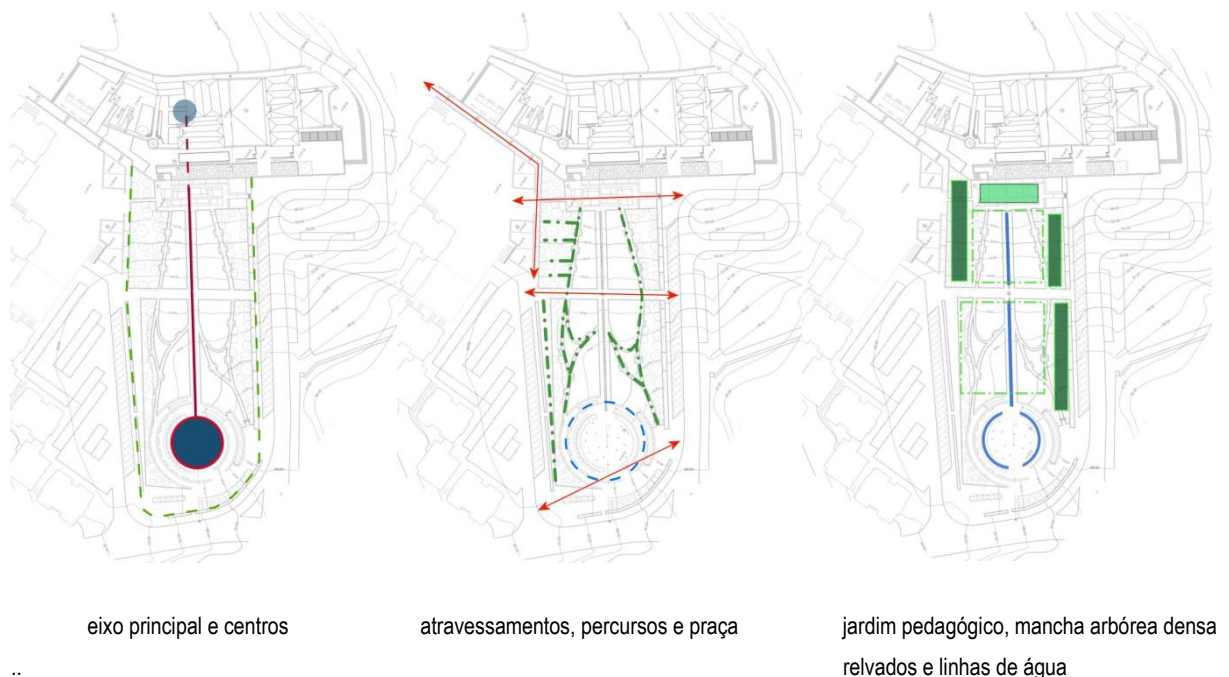
Os problemas identificados na estrutura urbana envolvente remetem para a crise entre cidade tradicional e moderna, apesar do projecto de urbanização deste território ter sido desenvolvido em 1965 e apresentar concepções e explorações que se categorizam dentro de um pós-modernismo inicial, o isolamento da freguesia de Marvila em relação à cidade de Lisboa verifica-se dentro da sua própria estrutura.

A definição das “ilhas” pretendia resolver problemas de segurança e de transformação de um vasto território com uma topografia complicada marcada pelos seus vales. Mas o contraponto com as freguesias que formam fronteira com Marvila, como é o caso de Alvalade e S. João de Brito, mesmo com concepções modernistas não apresentam um desequilíbrio tão marcante entre a densidade de espaço construído e o vazio que aglutina as suas estruturas, daqui resulta a inexistência de significado da rua e de espaço público.

A freguesia comporta dois grandes parques públicos, o parque da Bela-Vista e o Parque do Fundão, mas verifica-se a inexistência de espaços de transição entre a estrutura urbana e a estrutura destes espaços verdes. A estrutura de espaços de acompanhamento das vias é inexistente, assim como a conformação de espaços vazios significantes com as características dos elementos tradicionais do desenho urbano, praças, largos e vias acompanhadas por estabelecimentos comerciais. Estes elementos são ilustrados por Jane Jacobs¹⁴ como os componentes que decidem a vitalidade e segurança da estrutura urbana de uma cidade.

“ Visually oriented architects and planners, preoccupied with the trophies and triumphs of culture, with the representation of the public realm and its public façades, had, for the most part, shamefully compromised not only the pleasurable possibilities but, worse than this, the essential sanitary bases of that more intimate world within which ‘real’ people, people as deserving aspects of concern, actually do exist.”¹⁵

Configuração e transformação da extensão natural da quinta em espaço público



¹⁴ JACOBS, Jane .*Morte e Vida de Grandes Cidades*. Trad. Carlos S. Mendes Rosa.4ªEd. São Paulo:Martins Fontes.2007. pp. 29-123. 499 p. ISBN 85-336-1218-4.

¹⁵ ROWE, Colin e KOETTER, Fred .*Collage City*. Cambridge:MIT Press paperback edition.1983. p.52. 186p.

O Lugar da Quinta dos Alfinetes

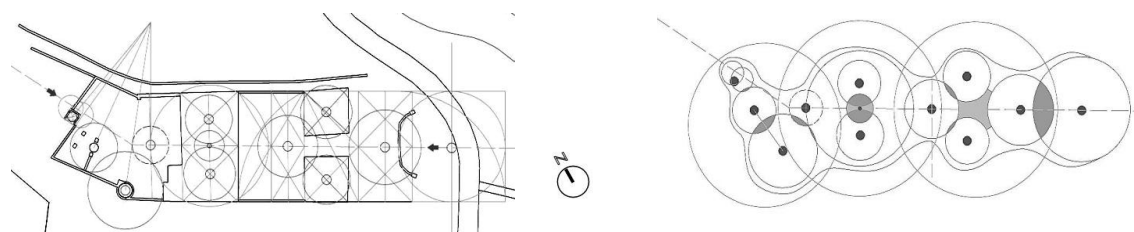
A organização da estrutura urbana de Marvila estabelece uma centralidade correspondente à posição da quinta e surge como marcação do “Lugar”, esta distinção é efectuada a partir da implantação e concentração da sua massa edificada, destacando-se assim a sua relação com o terreno e a distribuição dos seus elementos arquitectónicos.

O conjunto de pré-existências da quinta encontram-se distribuídas sobre o pódium estabelecido pela sua implantação, destacando a concentração das suas massas edificadas e aglutinadas por um conjunto de muros que definem o limite do “Lugar” da Quinta dos Alfinetes. Associada a esta configuração corresponde um centro que à escala do bairro é verificável no peso visual que exerce sobre a envolvente e território.

A estrutura arquitectónica da quinta é composta pelos seguintes edifícios: portal de armas, cavalariças, a casa, pombal, torreão, apoios agrícolas e os muros que definem o limite que conjuga estes diferentes componentes. Inerente ao facto de este conjunto surgir como elemento marcante¹⁶ perante a sua envolvente, revela as relações topológicas que estabelece com o território. A sua posição de destaque juntamente com o eixo que liga os dois centros, o centro da sua envolvente natural e o centro do edificado, e o eixo de progressão da implantação do edificado, definem as direcções principais de organização e orientação da quinta ao nível urbano e ao nível da casa no espaço existencial que é definido ¹⁷.

A concentração e formalização do seu edificado apresentam-se como uma faceta mais complexa da sua identidade, explorando a relação entre o seu interior e o exterior, concedendo ao seu carácter uma dimensão de calma exteriorização ao mesmo tempo que resguarda o seu interior de forma a tornar-se misterioso e sedutor.

Tendo como objectivo explorar esta relação entre o interior e exterior da quinta procedeu-se a uma interpretação geométrica e espacial do “Lugar” da quinta, identificando-se assim o centro do “lugar” exterior da quinta e os centros dos vazios estruturantes interiores, sobre os quais se estabelecem os novos elementos arquitectónicos do projecto. ¹⁸



(Diagramas dos centros dos diversos substratos espaciais, sobreposição e interpretação da composição geométrica)

¹⁶ LYNCH, Kevin . *A Imagem da Cidade*. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições70, 2003. pp.90-93. 205 p. ISBN 972-44-0379-3.

¹⁷ NORBERG-SCHULZ, Christian. *Espaço, Existência e Arquitectura*. Trad. Adrian Margarit. Barcelona: Editorial Blume, 1975. p.55. 145p. ISBN 84-7031-233-2

¹⁸ Anexo: Análise Geométrica p. 78

A estrutura arquitectónica do seu edificado evidencia uma estratificação de lugares dentro de lugares, espaços dentro de espaços que definem o seu sistema espacial e o carácter desta quinta de recreio.

Associada a esta estratificação estabelece-se um conjunto de centros. Estes estão ligados por caminhos e direcções, compondo direcções e transições entre as diferentes fronteiras dos lugares, sendo estas regidas por uma geometria específica e destacável.

Começamos esta leitura pela abertura principal, a porta de referência ao “Lugar” da quinta é concretizada no Portal de Armas. Este através da sua escala, forma e dimensão simbólica constitui o espaço de transição principal entre os níveis de espaço existencial, o nível urbano e o nível da casa, onde para além de estabelecer a função de ligar o espaço público e privado, estrutura e interliga a mudança de escala entre o contexto urbano e a habitação, marcando o início de um discurso que caracteriza o “habitar” específico ao espaço da quinta.

A superfície convexa desta abertura estabelece um momento de intervalo entre as duas margens, e a sua ornamentação barroca com uma estrutura onde se evidencia uma configuração em trompe- l’oeil sublinhando esta transição espacial. Esta abertura é apoiada no eixo principal que estrutura o espaço de recepção da quinta e orienta a progressão ao longo do sistema espacial da quinta.

Esta configuração conforma a sensação de pertença ao sítio, onde a superfície desta parte do envoltório estabelece uma identidade que se estende ao longo da totalidade do espaço enunciando um conteúdo que se torna palpável.

“ O Lugar aparece aqui com um limite bem definido e é caracterizado por ter um interior próprio em contraste com o exterior que o rodeia, o que afirma de uma forma espontânea, a sua centralidade (...)”¹⁹



(Fotografias do autor: Portal de Armas, pátio de entrada, antiga cavalariça)

¹⁹ PIRES, Amílcar de Gil e. *O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa*. Arte e Teoria. Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. nº9. 2007. pp 79-91

O eixo de simetria enunciado pela simetria do Portal coincide com a direcção que liga os centros presentes no sistema espacial da quinta, estendendo-se desde a entrada principal da quinta até à entrada da casa localizada no limite final da progressão visual. A direcção principal atravessa o centro do espaço de recepção no pátio da entrada, através de um eixo que liga este espaço ao centro do espaço de representação presente no pátio de honra. Esta progressão liga os restantes centros, o centro da casa e o centro do pátio interior.

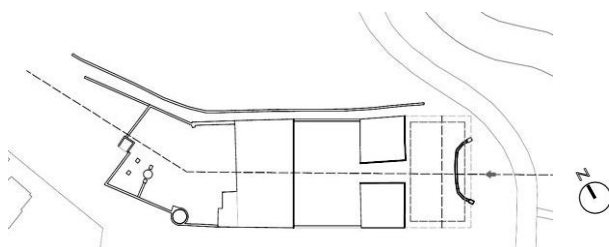
O espaço da recepção é configurado pela simetria coincidente com a direcção principal de desenvolvimento do espaço arquitectónico, que compõe assim o pátio da entrada. O centro deste revela uma relação topológica baseada em distâncias curtas entre os volumes do edificado e o limite que constituem este espaço, bem como uma relação mais próxima da escala humana.²⁰

Aqui a imagem de referência é composta por um caminho que se enuncia entre as cavalariças e termina no pano de fundo estabelecido pela fachada principal da casa. A escala das cavalariças e dos seus componentes, como é o caso das aberturas e vãos, estabelece um escalonamento dimensional que aproxima este pátio e o edificado de uma dimensão íntima que caracteriza este espaço.

Este substrato espacial apesar de identificável apresenta-se incompleto uma vez que o seu limite se encontra diluído pelo desgaste da acção do tempo. Originalmente composto por dois pavilhões, que integravam a organização simétrica e regularizavam o pátio, eles desligavam este espaço do seu exterior, por um lado da azinhaga e por outro do terreno natural, configuração que colocava a interacção do homem com este espaço numa orientação baseada no caminho de acesso à casa, que se estende entre duas margens simétricas mas distintas apenas pelas suas posições em relação ao exterior da quinta.

A inexistência destes pavilhões cria também um isolamento do Portal, que antes se encontrava aglutinado pela arquitectura da quinta, encontra-se destacado das restantes estruturas, o que apesar das suas características de elemento singular pela sua escala e ornamentação, perdeu a capacidade de se integrar e participar de forma efectiva na definição da sequência arquitectónica espacial.

A estrutura do espaço de recepção tem por base o estabelecimento de um caminho linear, curto que prepara a mudança de escala enfatizando o espaço de representação que o precede. O espaço de representação da quinta que encontra o seu centro no pátio de honra.



(Diagrama do espaço de recepção ; Foto do autor: vão da antiga cavalariça)



²⁰ PIRES, Amílcar de Gil e. *O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa*. Arte e Teoria. Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. nº9. 2007. pp 79-91

O espaço de representação tem como principais elementos de composição a fachada principal da casa, os muros laterais e as entradas aos volumes das cavalariças. O plano da fachada principal da casa define uma escala coerente com a importância e independência deste espaço, rege-se pelo eixo de simetria que compõe este espaço e cria um ponto de concentração e equilíbrio na entrada principal da casa. Nesta superfície a caracterização ornamental barroca sublinha a sua valorização e compõe uma narrativa de espaço infinito a partir da modelação da superfície do envoltório da casa²¹, para além de caracterizar a fronteira entre a dimensão do particular e do público.

Esta superfície funciona também como pano de fundo da representação de uma identidade e de uma forma de habitar ligada ao carácter desta quinta de recreio, conjugando elementos de erudição e urbanidade ligados à vivência da vilegiatura associada à tipologia da quinta de recreio.²²

O centro deste espaço corresponde ao seu centro geométrico, mas este recua para o ponto de chegada a este pátio, estabelecendo a mudança de escala e criando também um enquadramento no qual a imagem completa da fachada se destaca pela sua luminosidade.

Esta caracterização de luz contrasta com o interior dos seus vãos e com a superfície adjacente ao pátio dos volumes das cavalariças, estabelecendo um tratamento de claro-escuro em que a orientação da fachada principal e a materialidade da sua ornamentação enaltece a sua configuração, ritmo e dimensão.

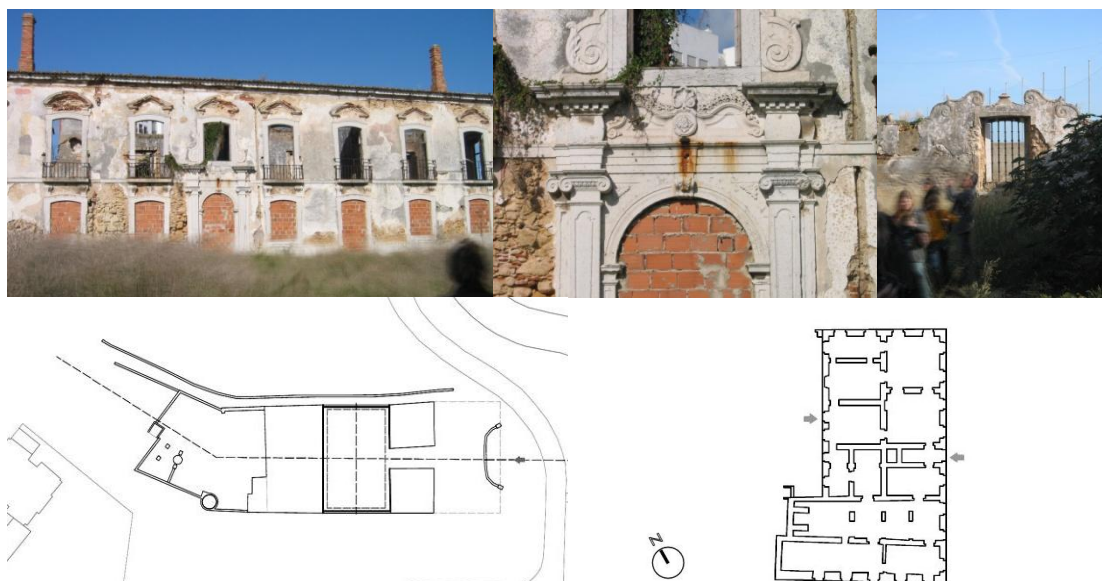
O tratamento da superfície que limita este espaço remete para a composição de palácios italianos renascentistas, como é o caso do Pallazo Farnese. A composição da ornamentação destas superfícies na Quinta dos Alfinetes é coerente com as características do barroco nacional do Sul do país, destacam-se assim os fingidos em cerâmica e a materialidade característica em cantaria de pedra clara calcária.

Para além de alguns danos na ornamentação da fachada da casa, a independência deste espaço apenas acusa interrupção da continuação vertical do seu plano, que enunciada pelo equilíbrio da porta principal, encontraria nas suas coberturas a conclusão de uma narrativa representativa dos valores associados ao uso deste espaço. Pela configuração assimétrica das coberturas associava-se à horizontalidade do plano da fachada a verticalidade concedida pela extensão do seu eixo de simetria e a diferenciação entre esquerda e direita, estabelecendo-se assim a ligação entre o espaço arquitectónico e a vivência e habitar específico a este “lugar”.

“(…) e a arquitectura elege na fachada a moldura, o limite exterior que se articula com a imagem urbana envolvente, convertendo a cenografia urbana, numa unidade extensiva das artes em que participam o pintor, o escultor, o arquitecto e o urbanista.”²³

²¹ PINTO, Jorge Cruz. *Arquitectura Portuguesa: A Imagem da Caixa*. 1ª Ed. Lisboa: ACD Editores. 2007. p. 117. 223p.

²² PIRES, Amílcar de Gil e. *O Lugar da Quinta de Recreio na Periferia de Lisboa*. Arte e Teoria. Revista do Mestrado em teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. nº9. 2007. pp. 79-91



(Fotografias do autor: fachada principal; pormenor da entrada; muro lateral. Diagrama do pátio de honra. Planta da casa)

Este envoltório define assim o limite do interior da casa. O sistema espacial deste interior caracteriza-se por uma fluidez na forma como os espaços estão compartimentos e a relação que estabelecem com o exterior.

O eixo de progressão espacial que rege a estrutura dos elementos arquitectónicos exteriores da quinta estende-se pela casa do proprietário, aqui, este transforma-se no eixo que regra o espaço interior.

Alinhada com este eixo e a partir da entrada principal desenvolve-se a escadaria interior, a compartimentação estabelecida por esta corresponde ao primeiro nível de subdivisão do espaço interior, dividindo-o em duas regiões. Apesar da influência do eixo de simetria, compõem-se espaços assimétricos e distintos, em especial pela forma como estes se relacionam com o limite interior do envoltório da casa marcado pela sua sucessão de vãos e com o exterior adjacente a cada plano de fachada.

Perante a escadaria interior, após entrar na casa pela porta principal, estabelece-se o primeiro ponto referencial para a orientação e compreensão do seu espaço interior, em frente para aceder ao piso superior e esquerda-direita para percorrer o piso térreo. Esta estrutura decorre da sua centralidade associada a um conjunto de direcções ortogonais, enunciando-se assim a estrutura base da compartimentação da casa em ambos os pisos.

²³ PINTO, Jorge Cruz .*Arquitectura Portuguesa:A Imagem da Caixa*.1ªEd. Lisboa:ACD Editores.2007 p.118. 283p.

O eixo longitudinal adjacente ao interior da fachada principal surge como atravessamento da compartimentação espacial da casa, a cada plano interior do envoltório surge uma direcção paralela, esta estrutura axial cria a regra base da compartimentação tipológica da casa²⁴.

Em cada direcção interior, longitudinal ou transversal, desenvolvem-se espaços que conformam galerias ou atravessamentos interiores que se desenvolvem paralelamente à orientação dos planos exteriores da casa, apoiados por alinhamentos de vãos interiores e pela sucessão dos vãos exteriores estruturados numa composição visual que enfatiza um ponto de fuga central e de frente. Esta configuração do espaço arquitectónico interior da casa partilha a característica a que Jorge Cruz Pinto define como “espacialidade infinita dentro do espaço finito da caixa barroca.”²⁵

Após a divisão transversal do interior da casa pelo vão da escada e a definição dos eixos adjacentes aos planos interiores do envoltório, adiciona-se mais uma subdivisão axial através de um conjunto de paredes interiores. O eixo longitudinal concretizado através destes elementos divide o espaço interior em quadrantes, organizados relativamente à sua relação com o exterior, a qual se baseia em níveis distintos de luminosidade e vistas, consoante a orientação dos planos de fachada da casa.

Com base nesta subdivisão é possível diferenciar o quadrante noroeste dos restantes quadrantes pelas características da sua orientação, a luminosidade mais reduzida e a sua ligação ao pátio interior adjacente ao tardoz, indicando a sua dimensão funcional de espaço servente. Este quadrante estava configurado para se estabelecer como espaço servente dos restantes quadrantes no piso térreo, pela sua ligação a espaços de serviço periféricos como é o caso da cozinha, e como espaço de transição entre os cómodos no piso superior.

Aos restantes três quadrantes correspondem subdivisões concretizadas a partir de um conjunto de paredes que garantem definições de vãos compatíveis com o sistema construtivo utilizado, bem como a regularidade do traçado interior destes espaços.

Estas paredes de alvenaria de pedra apresentam uma espessura regular ao longo de todo o traçado interior da casa, característica que é aproveitada para caracterizar a transição entre compartimentos através da modelação da superfície interior dos vãos.

No quadrante sudeste procede-se a uma subdivisão transversal que em ambos os pisos conforma espaços simétricos regulares definindo em planimetria quadrados. Estes espaços pela sua configuração, dimensão, ligação ao pátio de honra e orientação posicionam-se no patamar mais elevado da hierarquia do sistema espacial da casa, e no segundo piso conformavam os cómodos da casa.

²⁴ AFONSO, Luís .*Elementos para uma Metodologia de Caracterização Tipológica*. Lisboa.Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.1986

²⁵ PINTO, Jorge Cruz. *Arquitectura Portuguesa A Imagem da Caixa*.1ª Ed.,Lisboa :ACD Editores Colecção Arquitectura e Urbanismo.2007. pp.117-118. 283p.

O quadrante sudoeste é subdividido em três espaços, os eixos que os configuram geometricamente estendem-se ao quadrante noroeste, conformando assim a partir do vão da escadaria um compartimento de transição para a formação de duas galerias transversais.

A primeira galeria estabelece-se através de três planos de conjuntos de arcos cujas aberturas ligam a fachada principal da casa à lareira que se desenvolve em ambos os pisos, adjacente à fachada do tardo, esta configuração enuncia uma fluidez espacial que se estabelece a partir da ligação à segunda galeria adjacente à fachada sudoeste. Esta segunda galeria concretiza a ligação à envolvente natural da quinta, a relação com o exterior vê a sua importância esboçada na permeabilidade deste plano do envoltório da casa sendo composto por vãos diferenciados no plano de fachada pela sua dimensão, ritmo e forma, incluindo óculos no plano do piso superior, o que denuncia o carácter nobre e representativo deste espaço.

Esta galeria corresponde a um espaço fluído e permeável ao exterior onde o número de vãos é superior a qualquer outro compartimento do espaço interior da casa, a luminosidade deste espaço cria uma relação de contraste entre claro-escuro na sua transição para o exterior. Aqui as sombras correspondem às superfícies interiores dos vãos da fachada e a uma claridade espalhada nas restantes superfícies interiores da galeria.

O conjunto de vistas estruturadas pela orientação dos vários compartimentos da casa, varia desde a paisagem pontuada por habitações unifamiliares intercaladas por áreas de terreno natural, a estrutura urbana ribeirinha desde o Parque Expo até à área industrial do Beato e Xabregas, os descampados e hortos que acompanham a linha ferroviária e o horizonte desta imagem exterior é marcado pela horizontalidade e presença regular do Tejo.

O último centro da quinta corresponde ao espaço definido pelo pátio adjacente ao tardo da casa. Este corresponde à dimensão rural da quinta em que a exploração agrícola e todas as actividades ligadas ao território, concentravam neste pátio os espaços necessários à interacção com a “terra”.

Na sua estrutura encontram-se apoios relativos ao cultivo dos campos, à criação de animais, ao armazenamento e ligação à cozinha, bem como espaços para os serventes da casa. Este pátio identifica-se com a tipologia do pátio interior da arquitectura popular portuguesa²⁶, um espaço íntimo encerrado sobre si mesmo e definindo uma área de serviço ligada à casa. Neste caso essa influência é notória mas o desenho e traçado erudito de alguns dos seus elementos distinguem-no e tornam-se compatíveis com a identidade da casa e o carácter nobre desta quinta de recreio.

²⁶ Sindicato Nacional dos Arquitectos. *A Arquitectura Popular em Portugal*. Volume 1. 1ª Ed. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos. 2004. pp.150-151. 352p.

Em toda a quinta é possível constatar os efeitos da degradação das suas estruturas, mas é no pátio interior ligado ao tardo que se encontram a maior parte dos danos nos seus elementos, paredes inexistentes ou parcialmente destruídas revelam o interior desta arquitectura. Entre os elementos mais afectados encontram-se os volumes correspondentes à cozinha e apoios, o edificado que se estendia desde a casa até ao muro nordeste continuando por este limite até aos volumes adjacentes ao pombal.

Pese embora a degradação dos elementos que compõem este espaço, ainda se mantém a sua estrutura e identidade. Este pátio caracteriza-se por um lado pela configuração dos muros que compõem o seu limite e por outro pelas relações topológicas estabelecidas entre os diferentes elementos presentes.

A direcção principal do traçado geométrica do edificado da quinta estabelecida pelo seu eixo principal atravessa a casa e progride pelo pátio interior, embora aqui já não conforme uma simetria, este encontra a sua importância na forma como se adapta ao terreno, perdendo a sua linearidade e regendo-se por uma organização radial que organiza o edificado. Esta estrutura conforma na extensão da casa uma progressão que corresponde a diferentes substratos temporais. Os diferentes tempos de construção estão patentes no traçado dos diferentes planos de fachada com um tratamento de vãos mais simplificados em relação às restantes superfícies exteriores da casa.

Dada a destruição das paredes exteriores destas extensões ligadas ao pátio, os volumes e planos de fachada que conformam o limite entre o pátio interior e a azinhaga são quase inexistentes, cria-se uma permeabilidade que torna difusa a leitura deste espaço uma vez que o carácter de espaço encerrado se encontra diluído, mas a continuidade desta superfície exterior do envoltório encontra-se intacta a partir dos planos de fachada que se ligam com o restante conjunto de muros que conformam o limite deste espaço.

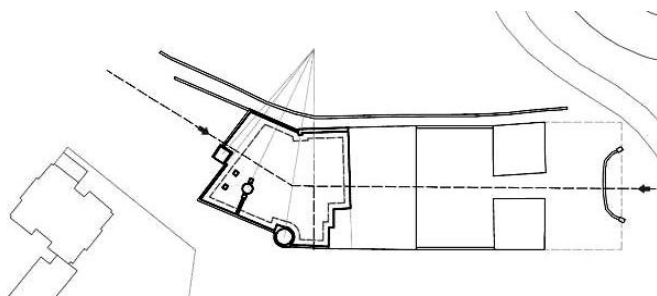
O conjunto de muros que estabelece o limite deste pátio caracteriza este sistema espacial ao aglutinar os edifícios singulares presentes no pátio, ligando a fachada nordeste da casa aos planos da fachada das extensões, ao torreão, a um arco ainda presente, ao pombal e por fim ligando-se à fachada sudoeste da casa.

A distribuição radial, a horizontalidade do limite, e a verticalidade dos elementos singulares caracterizam o pátio, definindo uma fluidez espacial que aglutina as suas posições isoladas e os transforma, ao torná-los parte integrante do limite deste “lugar” ao mesmo tempo que compõem uma imagética referencial à memória estruturante do sítio e do traçado original da quinta²⁷.

Estes elementos singulares apoiados pelas suas geometrias ganham nas suas relações topológicas o seu verdadeiro valor de composição do sistema espacial deste pátio, o torreão marca a abertura que comunica com o exterior ao mesmo tempo que consolida o término da extensão do edificado da quinta.

²⁷ AFONSO, Luís. *Notas Sobre a Noção de Memória Estruturante*. Carcavelos, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. 1984. pp.2-3. 4p.

A aproximação a partir do exterior a esta abertura, conforma o prenúncio do espaço existencial da quinta a partir da dimensão simbólica deste edificado. A escala destes elementos parece reflectir uma síntese da existência da quinta neste território, referindo-se a uma dimensão e escala do homem, reconhecível nos traços de uma arquitectura sensível que nos acolhe a partir das suas aberturas singelas, ao mesmo tempo que protege com a sua materialidade pétrea, este torreão compõe a verticalidade que permite situar o homem na infinidade horizontal da paisagem, ligando terra e céu numa referência à fragilidade da existência humana.



(Diagrama do pátio interior. Fotografias do autor : Torreão, Pombal
Vista aérea, retirada de BingMaps)



A continuidade do contorno da fronteira do pátio encontra um arco. Este estende-se a partir deste limite para pousar no seu espaço interior, para indiciar uma contracção que permite estabelecer uma passagem a um outro nível espacial dentro do espaço do pátio, o muro que aqui separa ganha forma e movimento para permitir a passagem a um outro nível de relação com o ambiente interior. O espaço dentro de espaços que encontra na sua essência a relação que o homem estabelece com a natureza. Dentro deste substrato encontramos um conjunto de elementos compostos por pilares de alvenaria de pedra distintos da restante construção e no seu centro o poço donde se retirava a água que servia toda esta estrutura.

Esta narrativa de verticalidade para vencer a gravidade, o peso que é ultrapassado pela invenção humana²⁸ que sobrevive com aquilo que consegue retirar e beber da terra, é uma síntese da memória da existência humana que primeiro desbravou esta terra e que ainda mantém uma afinidade com a contemporaneidade.

Neste conjunto de edificados presentes neste pátio, o pombal é aquele que melhor articula a ligação à vivência da quinta. O seu carácter hermético e a sua geometria de superfície cilíndrica indicam a dinâmica de adaptação à natureza, a centralidade do seu volume expande-se, por um lado liga-se ao volume principal da casa através do muro que separa o pátio da envolvente natural da quinta e por outro conforma uma ligação quase umbilical à extensão da casa pelo pátio.

²⁸ BAEZA, Alberto Campo. *Pensar com as Mãos*. Trad. Eduardo dos Santos. 1ª Ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2011. p. 29. 150p.

Esta construção diluída pelo tempo com os seus volumes fragmentados, apresenta agora apenas uma direcção geométrica, a constituição de um eixo que conforma a organização radial deste espaço, o que antes surgia como totalidade ou unificação de partes agora apenas sugere essa afinidade ao restante conjunto da casa. Esta continuidade do edificado da casa que se aproximava do muro para se debruçar sobre a paisagem surge agora como sugestão pela fragmentação das estruturas que compõem esta arquitectura.

A sensação de movimento estabelecida nesta composição encontra o seu eco na forma como esta se relaciona com o meio ambiente. O percurso solar ao longo do dia cria neste sistema espacial contrastes marcantes, a orientação do envoltório do tardo da casa parece adormecido na sua própria sombra, relevando o volume da casa para um segundo plano, perante a claridade e luminosidade das superfícies do pombal e torreão que destacam a sua plasticidade, tornando assim difusa a separação entre a dimensão escultórica destes elementos e a função utilitária na quinta.

A luz neste pátio cria um claro-escuro que equilibra a sua importância na estrutura da quinta, afastando-se de uma presença meramente funcional para se afirmar como um espaço de intimidade na quinta, o privado do seu interior, o recinto que melhor estabelece um diálogo entre céu e terra, que se protege ao mesmo tempo que afirma a sua identidade perante o seu contexto. O traço que distingue este espaço arquitectónico de uma solução tipológica repetitiva e sem carácter distinto.

Esta unidade concede uma dimensão simbólica em que a sua narrativa surge como referência à perenidade neste ambiente, ao concretizar um espaço de abrigo, de refúgio, onde o silêncio é sinónimo de repouso e firmamento.

Esta leitura relaciona o valor das pré-existências com a vivência deste sistema espacial, a dimensão humana que interage com esta arquitectura para compreender e se adaptar ao território está na base da intervenção arquitectónica de reabilitação. O suporte não é encarado apenas como elementos sedimentados num determinado local, mas sim como uma estrutura viva, independentemente do estado ou condição do seu envoltório, esta ainda respira a sua ligação ao contexto que integra. Toda a acção sobre este sistema será eminentemente uma acção de arquitectura, afastando assim a imagem ou possibilidade de uma ruína para se afirmar como um suporte físico e artístico com capacidade de suportar uma nova sobreposição temporal cuja camada irá dialogar em patamar de igualdade com a sua envolvente afirmando a sua identidade no território e conservando a sua existência temporal.

V – Conservação e Restauro

A ideia de conservação e restauro está aliada, como estabelece José Aguiar, à ideia de valor reconhecível em algo²⁹, nesta investigação, a atenção foi focada na ideia do valor do espaço arquitectónico enquanto conformação do espaço existencial que define, o valor das pré-existências que o compõem decorre do seu papel na definição do sistema espacial da Quinta dos Alfinetes.

O reconhecimento das características dessa estrutura, permite estabelecer o valor do suporte da intervenção arquitectónica, no projecto de reabilitação. A qualidade e condição física dos elementos existentes são aferidas através do papel que estabelecem nesse sistema espacial.

Após essa leitura e interpretação, tornou-se necessário estabelecer uma lógica de princípios de restauro desses elementos, que suportem o acto criativo decorrente do projecto de arquitectura.

Desta forma, esta investigação debruçou-se sobre a problemática do restauro, mais concretamente do tema “Construir sobre o Construído”. Este contém em si uma introdução à evolução dos princípios desta disciplina ao longo do tempo e será feito portanto um levantamento das diferentes abordagens do tema pelas principais referências dentro deste universo. Desta forma consolidou-se um conjunto de princípios e valores que coordenaram o projecto de arquitectura.

“o facto de o espaço, o vazio, ser o protagonista da arquitectura é, no fundo, natural, porque a arquitectura não é apenas arte nem só imagem de vida histórica ou de vida vivida por nós e pelos outros; é também, e sobretudo, o ambiente, a cena onde vivemos a nossa vida.”³⁰

Na abordagem inicial ao conjunto arquitectónico da Quinta dos Alfinetes é necessário filtrar ou distinguir o campo de acção do projecto de arquitectura de reabilitação por oposição ao domínio de outras disciplinas que integram o campo do restauro. Iremos portanto reflectir sobre a distinção entre a ruína arqueológica e arquitectura, que pela acção do tempo e outros factores, terá aproximado a condição dos seus elementos arquitectónicos do limiar que diferencia campos de acção distintos. A forma de proceder a essa identificação de domínio disciplinar é enunciada por Bruno Zevi, ao recorrer à qualidade ou integridade do conteúdo substantivo da arquitectura – o espaço, que se define como a matéria-prima da arquitectura. No entanto é importante equacionar o que se pode definir como o tempo da ruína, isto é, se este se impõe como um ponto sem retorno à vitalidade inerente ao objecto de estudo, ao estabelecer-se como sedimentação temporal a valorizar.

²⁹ AGUIAR, José. “*Conversas*”, Entrevista conduzida por Raimundo Mendes da Silva, Jornalista: Ana Maria Oliveira Construção Magazine nº 25, Maio/Junho 2008. Porto. publindustria. 2008.

³⁰ ZEVI, Bruno. *Saber Ver a Arquitectura*. Trad. Maria Isabel Gaspar Gaetan Martins de Oliveira. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2000. p.28. 286p.

Esta questão da ruína remete para o surgimento do conceito de restauro, que foi enunciado no séc. XIX pelas experiências e testemunhos de Viollet-Le-Duc , John Ruskin, e as descobertas italianas do legado clássico. Estas três posições distintas sobre o papel do restauro, partilham em comum o facto de não formularem hipóteses de revitalização e adaptação ao tempo em que se procede à intervenção, estruturando aproximações ao passado com base nas suas diferenças culturais e espírito da época.

Na experiência francesa assiste-se ao que fora designado como o restauro estilístico de Eugène Viollet-Le-Duc, o restauro é definido como reconstituição estilística. A ligação com o passado era assumida como reposição formal, com base na linguagem que apresentava o objecto de restauro. Este refazer “à maneira de” está ligado a uma salvaguarda das mudanças políticas e culturais provenientes de transformações políticas, como é o caso do período da Revolução Francesa. Outro factor importante neste conceito de desenvolver uma estrutura e linguagem que o objecto apresentava, é o facto de o projectista neste caso considerar como acto criativo a sua capacidade de desenvolver uma linguagem própria do passado, embora muitas vezes a informação base para essa reconstituição não existir, parece formar a base do desafio criativo a que se propunha Viollet-Le-Duc.

John Ruskin dentro da cultura romântica do período vitoriano inglês, coloca o antigo no patamar do testemunho intocável ou mesmo inacessível, a sua ruína romântica estabelece uma linha temporal inalterável sobre a qual se estabelece uma relação de contemplação³¹. O seu trabalho apresenta uma leitura do passado como base para a concepção de novos modelos de elementos arquitectónicos, a ruína como inspiração é constatável nos desenhos do seu livro “7 Lâmpadas da Arquitectura”.

Em Itália os achados do passado clássico, como é o caso dos elementos da cidade de Pompeia, catalisam uma atitude perante a memória do passado que irá desenvolver-se no movimento do restauro arqueológico. O restauro é entendido aqui como acção de levantamento, categorização e apresentação do objecto de estudo.

Forma-se a ideia de constituição das referências culturais a partir do objecto arqueológico, a acção de restauro irá portanto consolidar as pré-existências tendo em vista a constituição de uma imagem de passado construída sobre e a partir dos objectos de restauro.

Estas atitudes que formaram as bases da evolução do conceito de restauro, são evidenciáveis nas suas ligações ao entendimento actual do conceito de restauro arquitectónico e do papel do património e do monumento na sociedade moderna, embora distintas fundaram a importância do legado memorial e a forma como este se integra e interage com o presente. Outro importante factor, é o facto de o papel do objecto carregado com a imagem do passado e a sua valorização, estarem intimamente ligadas ao tempo e cultura próprios da sociedade onde se elaboram acções de restauro e conservação.

³¹ ALMEIDA, Eneida de . “ *Construir no Construído* ” na produção contemporânea: relações entre teoria e prática. São Paulo:,Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitectura e Urbanismo.2000

A ligação destes elementos a um presente é estabelecida com base neste enquadramento onde se estrutura uma referência entre valor e utilidade.

Uma abordagem diferente perante as ruínas surge na teoria de restauro enunciada por Antoine-Chrysostome Quatremère de Quincy, este procura estabelecer um método científico para a restituição da dignidade e carácter das obras do passado, distanciando-se do que designa como falta de princípios às propostas de manter as ruínas no estado em que se encontram ou mesmo a criação de objectos de imitação, ao se referenciarem à própria ruína

A sua atitude é de restabelecer as condições originais do objecto de intervenção através da recolha de um conjunto de informações, mesmo fragmentadas, que permitam garantir a autenticidade da obra. A sua posição perante o objecto arqueológico musealizado é também de distanciamento, ao considerar que este ao ser colocado fora do seu contexto e misturado numa visão universalista perante o relativismo do museu, da qual resulta o que ele denomina de “cemitérios da arte”³², acabam por lhe serem retiradas as ideias e princípios que garantiam a sua vitalidade.

O testemunho do passado, para Quatremère, constituía a formulação de um ideal e a referência a uma tipologia, as obras do passado que se mantêm por constituírem parte integrante da evolução da arte e constituírem o importante patamar para desenvolvimentos futuros de outras obras, daí que defenda o prolongamento temporal e conservação da existência de monumentos arquitectónicos, a salvaguarda destes é tida como objectivo de garantir a autenticidade da cultura de um povo ao articular a sua história da arte.

“Dún cote, la perfection ideal n'existe que dans l'imagination. Ainsi, pour Quatremère, les ruines de l'Acropole, témoins silencieux de la perfection, servent essentiellement l'esprit critique : il est préférable que les étudiants en architecture se rendent en pèlerinage à Athènes, mais ceux qui n'ele peuvent pás doivent “mettre à profit les leçons de ses ruines eloquentes”.”³³

Esta posição defendida por Quatremère irá encontrar o seu seguimento e evolução no decorrer do séc. XX à que se irá associar a relação entre restauro e projecto de arquitectura dando forma ao tema construir sobre o construído.

Uma vez que esta investigação se debruça sobre o Projecto de Reabilitação da Quinta dos Alfinetes, não se irá proceder à explanação da evolução histórica das diferentes abordagens ligadas ao tema do restauro e conservação. A leitura importante efectuada será a de encontrar pontos comuns relativamente à prática do projecto de arquitectura. Os documentos que fora do âmbito histórico deste universo contêm as referências

³² “De la restitution à la restauration “

³³ “De la restitution à la restauration “

necessárias a estabelecer uma ideia de reabilitação arquitectónica são as convenções e cartas elaboradas com o intuito de criar as bases comuns a uma multiplicidade de intervenções específicas.

Tendo em conta que, paralelamente à história do restauro e conservação, se tem desenvolvido um conjunto de critérios e princípios sobre os quais o arquitecto apoia as suas escolhas e metodologias de projecto, é verificável a coincidência com este tema e a delimitação do campo e domínio da arquitectura como disciplina, com as competências necessárias para levar a cabo as intervenções de reabilitação de arquitectura.

Associadas às condições inerentes ao restauro estará sempre a criação artística numa lógica de reconhecimento do existente e a conformação de uma solução arquitectónica.

A primeira tarefa foi reflectir sobre o que distingue o objecto e suporte da intervenção arquitectónica do objecto de estudo da arqueologia, esta que se estabelece como o campo de acção e domínio da ruína. Essa distinção é efectuada sobre a capacidade do objecto de estudo manter íntegro o seu sistema espacial em detrimento das características do seu envoltório espacial, associada a este reconhecimento do suporte físico arquitectónico está o levantamento do valor do mesmo.

Relativamente à fase inicial deste estudo esse processo aponta para uma avaliação positiva³⁴ destes pressupostos, logo para a conformação de uma resposta, procedeu-se a um conjunto de parâmetros que guiaram essa solução relativamente à especificidade do objecto de estudo, a Quinta dos Alfinetes, que passaremos a enumerar com base no estudo desenvolvido, e a avaliação de casos de estudo como referência à concepção de uma ideia arquitectónica de reabilitação.

A Carta de Restauro de Atenas elaborada em 1931, designa restauro como operação específica e pontual sobre obras históricas e artísticas que apresentam elevada degradação ou destruição, apelando à valorização da mesma e à salvaguarda das suas características, independente do estilo ou época apresentada. A intervenção deve também conciliar os interesses públicos de usufruto e acessibilidade dos bens particulares, relevantes pelo seu valor cultural. Neste campo de acção a envolvente do monumento deve também ser alvo de atenção do projecto enquadrando a conservação do carácter antigo da obra.

A intervenção deve portanto fazer uso das técnicas de construção e materiais modernos necessários à consolidação da obra. É também enunciado o princípio de anastilose, recolocando elementos na sua localização original quando possível, ao mesmo tempo que se deve evitar a desmontagem e remontagem dos elementos constituintes.

Esta leitura é relevante para o caso da Quinta dos Alfinetes, uma vez que se trata de património classificado, em que embora a degradação das suas estruturas e destruição de alguns elementos seja considerável, estes e a sua envolvente natural permitem salvaguardar e conservar o seu carácter.

³⁴ ZEVI, Bruno. *Saber Ver a Arquitectura*. Trad. Maria Isabel Gaspar Gaetan Martins de Oliveira. 5ª Ed. São Paulo, Martins Fontes. 2000. p.28. 286p.

Dada a necessária consolidação dos seus elementos, em especial as paredes construídas em alvenaria de pedra, onde se apresentam patologias que tornam necessário a utilização de técnicas modernas que garantam a sua resposta estrutural às solicitações de cargas a que estarão sujeitas.

Destaca-se portanto a valorização do antigo e medidas de prevenção da sua deterioração através de métodos necessários à sua integridade e continuidade temporal.

A influência das experiências de Cesare Brandi e da elaboração da Carta de Veneza em 1964, reflecte-se na elaboração da proposta de reabilitação da Quinta dos Alfinetes. Nela incide a importância de salvaguardar não só os elementos físicos da obra mas também o seu testemunho e memória de um passado ligados ao seu sítio e contexto, estabelecendo a noção de autenticidade como forma de transmissão desses valores, mesmo que esta obra se apresente como modesta perante outros exemplos, vale por si como obra arquitectónica isolada.

Estes princípios também estabelecem que a sua conservação seja uma acção de manutenção permanente e o restauro como acção excepcional dentro de um espírito crítico e metodologia científica, em detrimento da reconstituição de elementos e informação perdida. Outra característica importante é a capacidade de adaptação da obra a um novo programa, desde que este se revele útil e não subverta ou destrua a sua estrutura ou características intrínsecas ao seu carácter, salvaguardando também a estratificação de diferentes tempos presentes na estrutura da quinta.

Esta abordagem enquadra também a criação de acrescentos, presentes na reabilitação da obra como adequados, desde que estes sejam integrados de forma a se diferenciarem do antigo mantendo a sua originalidade e harmonizando-se com o existente e reforçando a identidade da sua totalidade e dos tempos apresentados.

A Carta de Cracóvia elaborada em 2000 parte das indicações precedentes da Carta de Veneza, para reforçar a individualidade e especificidade de cada obra e situação, através da qual se efectua a ligação a diferentes épocas, associada à transformação de valores inerentes às características do património. Esta carta estabelece também o património paisagístico e urbano como objecto de salvaguarda o que reforça a intenção de manter a envolvente natural da quinta e a sua transformação em espaço público.

Nestes princípios está incluída a estruturação e estudo de metodologias materiais como forma de garantir a identidade e significado histórico, estilístico e sociocultural, como aparece enunciado na Carta de Veneza.

A noção de autenticidade da intervenção está directamente relacionada com o uso de elementos e linguagens actuais em detrimento da reconstituição de elementos perdidos.

O restauro e a preservação de ornamentação presente na quinta indica a introdução de um projecto de especialidade, com as apropriadas metodologias e competências necessárias à preservação destes elementos, o que relativamente ao envoltório da quinta ganha relevo uma vez que se apresenta um conjunto de elementos

decorativos que apesar de manterem a sua integridade se encontram danificados, isto inclui não só as cantarias e fingidos cerâmicos, mas também o próprio reboco de argamassa em base de cal pigmentada que introduz uma coloração específica bem como uma textura que garante a consolidação da sua identidade.

Com base no estabelecimento destes princípios de estruturação do projecto de arquitectura consolidou-se a ideia de arquitectura, que perante a proposta do programa arquitectónico da Casa Museu iria incluir não só o restauro das pré-existências como também a inclusão de novos elementos, tendo o objectivo de se integrarem e completarem os espaços necessários à transformação do edificado histórico e a sobreposição de uma nova camada temporal.

A leitura inicial do sistema espacial da quinta, do “Lugar” e carácter que este estabelece, permitiu consolidar as pré-existências como suporte não só físico como artístico, desta forma garante-se a autenticidade e a conformação de uma adequada solução criativa para a revitalização desta arquitectura.

A concepção dos elementos constituintes desta nova camada decorre do desenvolvimento do conceito arquitectónico – extensão. O que ultrapassa a formação de acrescentos com o intuito de estabelecer bases de adaptação a um programa, pois é encarado como ideia de diálogo entre antigo e novo, baseado na estrutura de uma continuidade formal e simbólica presente na estratificação de diferentes tempos de intervenção, extensão como movimento de adaptação ao “Lugar” e ao sistema espacial presente.

Este conceito de extensão coordena também um entendimento de materialidade. Os elementos perdidos para além dos constituídos por alvenaria de pedra, foram na sua maioria as estruturas e elementos de madeira.

Esta dualidade lança a forma como se cria a ligação com o passado, a extensão com base na criação de uma referência a um interior que se perdera e que agora regressa, a uma consolidação com o existente por contraste, opondo-se ao pesado o leve, ao escuro o claro, ao estereotómico o tectónico³⁵.

Este diálogo entre sedimentos tem como intuito garantir a autenticidade do antigo com o novo, pois é a partir do existente que surge uma nova camada, com base em ideias inteligíveis quer a nível formal como material.

“(…) coisas mais intrínsecas que constituem a arquitectura : o material, a construção, o carregar e ser carregado, a terra e o céu – a confiança nos espaços aos quais se permitem serem verdadeiros espaços; espaços nos quais se cuida do invólucro, do material que o distingue, da concavidade, do vazio, da luz, ar, cheiro, da capacidade de absorção e ressonância?”³⁶

³⁵ BAEZA, Alberto Campo. *Pensar com as Mãos*. 1ªEd. Casal de Cambra: Caleidoscópio. 2011 p. 58. 150p.

³⁶ ZUMTHOR, Peter. *Pensar a Arquitectura*. Trad. Astrid Grabow. Barcelona: Editorial Gustavo Gili 2005. P.28. 65p.

O reconhecimento desta possibilidade de diálogo com o existente conforma mais do que um contraponto de materiais, é a forma de completar a narrativa existente ao incluir uma linguagem própria da actualidade, com os seus próprios sistemas construtivos, mas acima de tudo tornar-se parte integrante do discurso que a arquitectura já estabeleceu com o “Lugar”, o sítio e o terreno.

Esta abordagem pode formar uma dualidade ou mesmo ambiguidade, mas esta não é evitada, pelo contrário a procura de uma autenticidade decorre sem comprometer o acto criativo, não se estabelece uma arquitectura submissa nem dominante, apenas se pretende uma totalidade cuja harmonização se estabelece a partir da busca de um ponto de contacto, no qual a extensão prolonga a existência do espaço presente no suporte.

“ Os arquitectos já não se podem deixar intimidar pela linguagem puritanamente moralista da arquitectura moderna ortodoxa. Gosto mais dos elementos híbridos do que dos “puros”, mais dos que são fruto de acomodação do que dos “limpos”, distorcidos em vez dos directos, ambíguos em vez de articulados, perversos tanto quanto impessoais, enfadonhos tanto quanto “interessantes”, mais dos convencionais do que dos “inventados”, acomodáticos em vez de excluentes, redundantes em vez de directos e claros. Sou mais favorável à vitalidade desordenada do que à unidade óbvia. Incluo o non sequitur e proclamo a dualidade”³⁷

VI- Casos de Estudo

Os casos de estudo integrados nesta investigação apresentam diferentes reabilitações arquitectónicas, que partilham em comum e com este estudo, o facto de procederem ao desenvolvimento de extensões. Aqui a extensão assume-se como a consolidação do carácter do edificado existente e a integração de um novo substrato, distanciando-se de um mero acrescento para operar como adaptação e revitalização do existente.

O diálogo entre antigo e novo é baseado na exploração das características do suporte sobre as quais são estabelecidas relações de dicotomia, surgindo assim um contraponto entre as características do suporte e do novo, pesado e leve, opaco e transparente, baixo e reflexivo, claro e escuro, sendo portanto assumida uma autenticidade, proposta que integra diferentes materialidades e linguagens a partir de temas base do desenvolvimento de uma ideia de arquitectura.

³⁷ VENTURI, Robert . *Complexidade e Contradição em Arquitectura*. Trad. Álvaro Cabral. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 2004. pp1-2. 231p

A integração de metodologias e técnicas contemporâneas é por isso encarada como a natureza de salvaguarda e continuidade das pré-existências, que desta forma estabelece a articulação do sistema espacial existente e a sua consequente consolidação.

A conversão e adaptação a um novo programa, assenta nas condições e possibilidades do suporte existente. Relativamente a estas, surge a conformação de um novo tempo que se espelha numa imagem de totalidade baseada na dualidade e continuação de acumulação de distintas épocas de intervenção.

O objectivo da autenticidade linguística é a garantia de harmonia com o existente e a diferenciação clara dos mesmos, demarcação que se estabelece na base de uma ideia de extensão como exteriorização de toda uma nova vitalidade. Os elementos perdidos ou desadequados não são alvo de reconstituição, mas são estruturadas formas de completar e articular o espaço estabelecido pelo suporte, fazendo a referência a uma sobreposição de valores relativamente ao espaço perante o envoltório arquitectónico.

Ao se completar os volumes e elementos perdidos ao longo do tempo firma-se a ideia de arquitectura e a confirmação do carácter da mesma. À estereotomia inerente à materialidade e forma de cada edifício antigo é oposta uma camada de carácter tectónico. Esta ambiguidade e complexidade é tida como valor a explorar e afirmar, sem criar subversões ou secundarizações das pré-existências, garante-se uma unidade com base num contexto temporal que não se mostra submissa, acolhendo essa dualidade como característica específica de cada intervenção.

Outra característica deste conceito de extensão é a procura de uma exteriorização do espaço interno do objecto de estudo que se revela na imagem exterior do edificado, criando um diálogo fluído entre atmosferas e ambientes, destacando-se os jogos de transparências e reflexos inerentes a um novo tratamento de luz como elemento integrante do projecto de reabilitação. Relativamente a esta temática procura-se reafirmar a ligação entre terra e céu que vem anunciada no suporte.

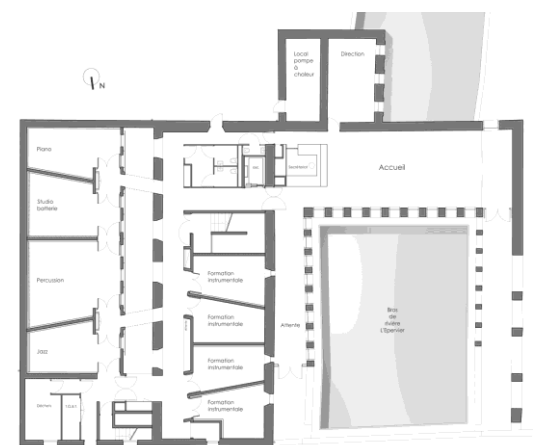
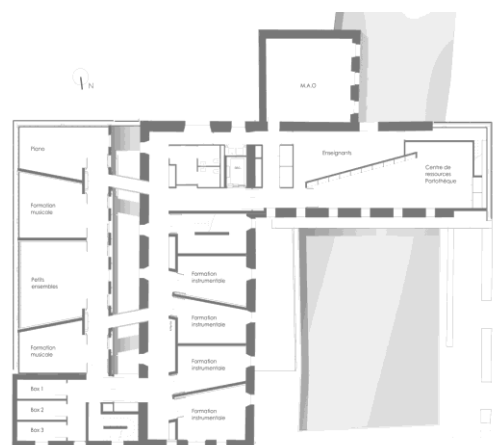
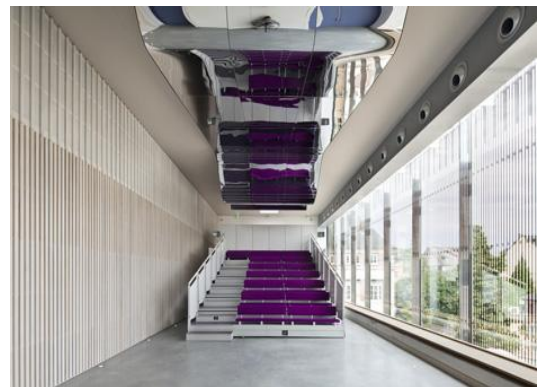
Neste projecto a extensão e reabilitação de um convento do séc.XVII parte das características do suporte, nomeadamente um claustro sobre água, para se relacionar com o novo volume de características vítreas que se distingue pela sua transparência e reflexividade da sua materialidade, pousando sobre os elementos que conformavam uma das alas do convento. Este volume conforma uma sala de orquestra e caracteriza-se pela atmosfera criada pelo seu tecto suspenso ondulante e polido que exterioriza a sua identidade e mantém a sua relação com o plano de água do claustro, no piso térreo do convento.

Outra forma de contrastar com a materialidade do existente é a aplicação de painéis pré-fabricados brancos que concedem uma sensação de leveza e verticalidade ao expandirem as paredes de alvenaria de pedra aparente do envoltório do convento.

A dicotomia entre o carácter estereotómico do existente e o tectónico do novo concede a sensação de o volume flutuar sobre o plano de água e reflectir o céu quase como se desaparecesse e se misturasse com a envolvente criando uma ausência de peso que se traduz numa ambiguidade perante o suporte existente.

O convento já fora alvo de conversões programáticas funcionando como prisão e tribunal, em 1827 a igreja existente foi demolida e o tribunal transferido para uma nova ala do edifício. Em 1934 o processo avançado de degradação acumulou o seu peso sobre as estruturas e parcialmente destruído foi convertido em escola de música em 1996.

O programa da reabilitação visava estabelecer uma funcionalidade inerente à tipologia da escola e como reverso dessa adaptação surge a intenção de estabelecer uma nova imagem que inclui a narrativa do antigo convento mas afirmando a sua actual dimensão de escola, explorando a sua imagem para se afirmar no centro da cidade com uma nova vitalidade, consolidando assim a estrutura do espaço arquitectónico que define e caracteriza o seu “lugar”.



Imagens extraídas do site www.dezeen.com

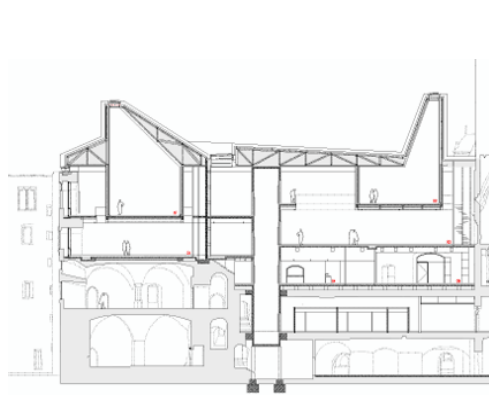
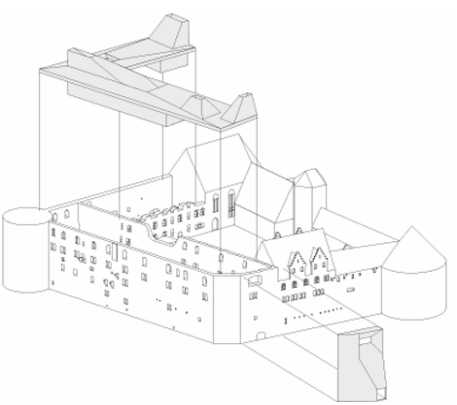
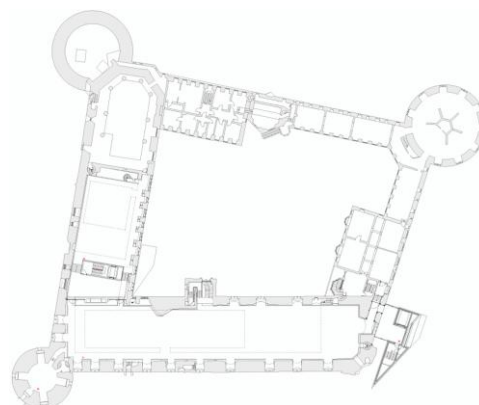
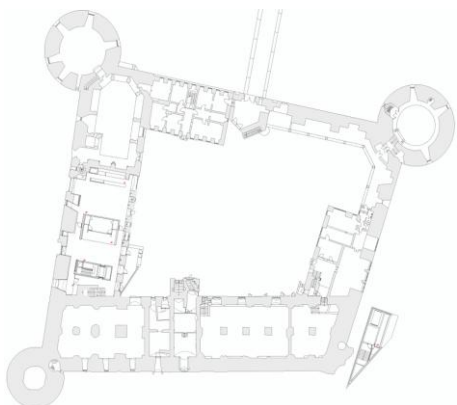
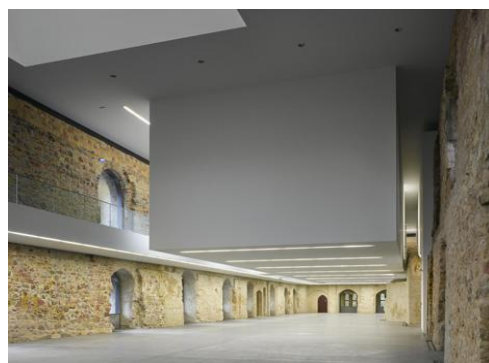
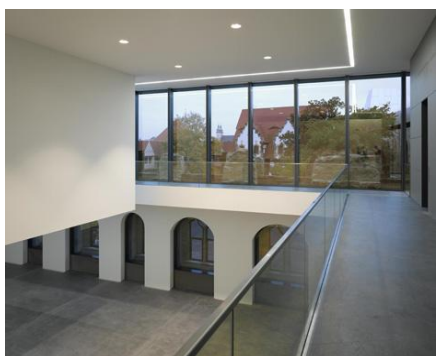
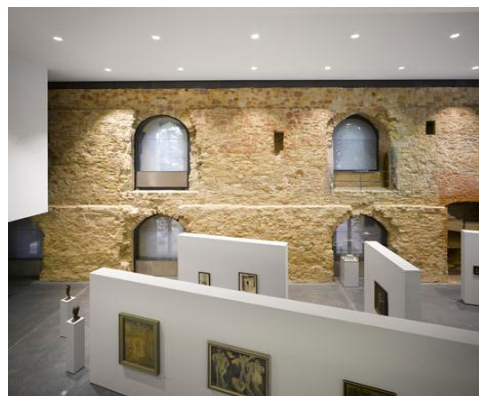
Este projecto de reabilitação intervém sobre o castelo de Moritzburg, património importante de arquitectura gótica do séc. XV. Este antigo edifício sofrera várias alterações e degradações ao longo do tempo e a consequente perda de vários elementos, destacando-se a perda da cobertura e de um dos quatro torreões que compõe o contorno do seu envoltório, mas o restante do seu sistema espacial conseguiu manter-se íntegro permitindo a intervenção de reabilitação. Esta vem conceder uma nova vitalidade a um edifício que se encontrava em ruínas pois desde uma intervenção em 1828 nunca teria sido alvo de operações de restauro ou conservação, revelando uma perda de elementos ao longo deste tempo.

A ideia de reabilitação desta arquitectura estrutura-se a partir do edificado em três níveis : a conformação de uma nova cobertura, a consolidação das alas do antigo castelo onde se perderam pavimentos, como áreas de exposição, e a integração de um núcleo de distribuição vertical que completa e articula a estrutura onde se situava o torreão perdido.

A extensão da cobertura é projectada como um elemento singular que alberga várias funções na mesma estrutura, conjugando a capacidade de direccionar luz ao interior das alas, através de um conjunto de poços de luz, e ao mesmo tempo cria uma série de plataformas e volumes que se estendem pelas alas do castelo, aproveitando a inexistência de pavimentos para criar situações de duplo pé-direito, tornando o percurso por estes espaços marcado pela conjugação e sobreposição de tempos e formalidades distintas cuja dualidade é sinónima de integração.

Aqui também é verificável a vontade de manter o carácter de castelo medieval sobre o qual se acumulam e pousam os elementos que conformam o novo, a sua linguagem e materialidade actual revelam uma procura de leveza e de carácter etéreo que não se sobrepõe à importância do existente nem compete ao nível de escala, mas cria uma imagem de contemporaneidade e de revitalização de toda a sua estrutura.

Estas características conformam uma arquitectura onde a leveza da extensão se envolve no existente, estas características tectónicas misturam-se na identidade do castelo como reflexo da sua autenticidade.



Imagens extraídas do site www.dezeen.com

VII- Projectar com o Lugar - Desenvolvimento do Projecto

O projecto desenvolvido de reabilitação da Quinta dos Alfinetes estrutura-se em duas vertentes, uma de aproveitamento e restituição das características da estrutura existente e outra de desenvolvimento de extensões. Esta lógica pretende salvaguardar o carácter da quinta de recreio e adaptá-la a um novo tempo compatível com o habitar próprio do seu sistema espacial.

O programa arquitectónico estabelecido, a Casa Museu de Marvila, parte das possibilidades de adaptação dos espaços existentes, coordenando estes com os novos elementos que garantem a sua funcionalidade e a autenticidade da intervenção. Incidiu-se portanto numa reestruturação do espaço interno dos volumes principais da quinta, a casa do proprietário e as antigas cavalariças, estes pela sua escala e dimensão dos seus espaços interiores bem como pela versatilidade dessas estruturas tornaram-se no centro do trabalho desenvolvido.



(Fachada noroeste do pátio interior – fotografia do autor)

Após o reconhecimento das características da estrutura espacial presente, foram escolhidas aquelas que mais contribuem para o carácter desta quinta de recreio e que se tornaram objecto de exploração no projecto.

Este trabalho focou-se na existente estratificação, espaços dentro de espaços. A imagem exterior da quinta que indica uma sobreposição e concentração de massas volumétricas aparentemente amalgamadas, revela de facto um determinado perfil, proveniente do facto de a composição desta arquitectura responder por um lado à adaptação ao sítio e por outro a uma organização que se envolve à volta de vazios estruturantes interiores e exteriores, estas características definem a hierarquia espacial que cria a sua sequenciação espacial .

As extensões propostas tem como objectivo a redefinição dos limites da quinta e manter a hierarquia espacial existente, sublinhando a definição de espaços com importância na consolidação da imagem espacial de cada substrato, a adequação ao programa arquitectónico desenvolvido e a exteriorização de um novo tempo.

Pretende-se também aproveitar a forma como o sistema espacial existente é caracterizado pelas relações topológicas entre os diferentes elementos arquitectónicos. Desta interacção resulta a caracterização dos três vazios estruturantes interiores da quinta: o espaço de recepção, o pátio de honra e o pátio interior.

O projecto numa fase inicial decorreu de uma série de opções relativas à salvaguarda, restituição e aproveitamento de elementos arquitectónicos que compõem o suporte físico e artístico do acto de projecto. Em termos de elementos a salvaguardar destacam-se os elementos que constituem o pátio interior : torreão, pombal, arco, pilares de pedra e fachadas remanescentes da antiga extensão da casa.

Em termos de restituições definiram-se dois grupos de elementos perdidos dos quais os registos existentes e a pertinência da sua formalização original levaram a refazer estes elementos, referindo-se assim o caso das coberturas da casa e das cavalariças.

Por outro lado as extensões foram estabelecidas sobre as implantações dos elementos perdidos, é o caso dos pavilhões do espaço de recepção e a extensão da casa que acompanhava as fachadas que se encontram isoladas. Aqui pretende-se completar os elementos existentes mas através da sua própria autenticidade, que se configura através da sua linguagem e estrutura contemporânea. Longe de um “fazer à maneira de”, estes elementos apenas partilham com o passado o facto de integrarem os mesmos estratos espaciais e partirem da mesma implantação, não ficando por isso definida a tipologia, formalização ou caracterização estrutural de início, decorrendo isso da continuidade do acto criativo de projecto.

Este entendimento e leitura do suporte existente não constitui condicionantes, pelo contrário integram a ideia criativa da arquitectura a desenvolver.

A casa e as cavalariças constituem os volumes existentes a reaproveitar, estes pela versatilidade e escala dos espaços que conformam possibilitam a integração dos espaços nucleares do programa arquitectónico a explorar, esta opção de projecto concentra-se na manipulação e modelação dos seus espaços interiores, a substância e matéria-prima deste trabalho.



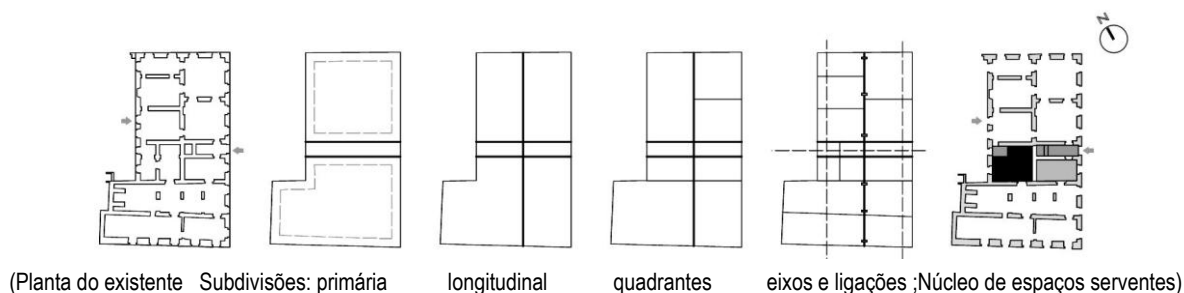
(Diagrama dos limites indefinidos) (Fotografia do autor: fachada sudoeste da antiga cavalaria, perda de um pavilhão)

A versatilidade dos espaços desta quinta de recreio foi explorada em duas vertentes, a individualidade de cada compartimentação existente e a escala desses espaços. Como característica, a versatilidade destes espaços baseia-se na organização de espaços regulares de escalas generosas a partir de alinhamentos axiais e espaços de transição, garantindo assim uma estrutura baseada em superfícies ortogonais e regulares que facilita a variação de usos desses espaços ou a acumulação de funções.

A orientação dentro destas estruturas depende da sucessão dos compartimentos e da sua individualização quer pelas suas relações entre compartimentos e exterior, quer pela sua escala e caracterização das suas superfícies, destacando-se a composição dos vãos e enquadramento de vistas.

Os espaços interiores, quer da casa quer dos restantes volumes contêm áreas generosas e pés-direitos altos, assim este conjunto de espaços base é aproveitado e explorado no projecto de arquitectura, nomeadamente as áreas dos compartimentos da casa, rondando entre os 20m² e os 100m² com pés-direitos de 3,7m e 3,9m, por sua vez os volumes das cavalariças têm áreas de 150m² cada um. Sobre estas dimensões é fixado o programa arquitectónico ao suporte.

Aliada à versatilidade espacial surge a individualização de cada compartimento baseada numa organização espacial coerente com uma composição regrada pela subdivisão espacial e estrutura axial. O volume da casa apresenta um espaço nuclear e centralizado, dada esta regra base da caracterização do sistema espacial explorou-se a possibilidade de concentrar nele os espaços serventes do programa. Apesar das suas dimensões reduzidas comparativamente com os restantes compartimentos, possibilitou-se essa disposição ao aumentar a largura desse espaço até aglutinar os dois compartimentos à sua esquerda. Desta forma conseguiu-se concentrar grande parte dos espaços serventes, em especial no piso térreo, onde para além dos acessos verticais, escada e elevador, se estabelecem a recepção e as I.S..



Esta concentração central de serviços liberta dois pólos distintos da casa. Estes com as suas áreas consideráveis tornam-se a base de suporte do programa arquitectónico. O lado este é caracterizado por dois compartimentos principais de base quadrangular que conjuntamente com o seu pé-direito se aproximam de espaços cúbicos, definidos em ambos os pisos da casa. O lado oeste estrutura-se em dois compartimentos principais onde se destaca a profundidade das suas bases rectangulares conformando assim galerias que se destacam pela sua relação com o exterior, através dos seus vãos, e pela composição de um conjunto de arcos que se repetem em ambos os pisos.

A galeria intermédia apresenta em ambos os pisos duas lareiras de excepção, pelas suas dimensões e tratamento formal este espaço orienta-se e concentra nestas o foco, distinguindo estes espaços. Dado o seu menor número de vãos comparativamente à outra galeria, é através de um conjunto de arcos que se acentua a sua profundidade e aumenta a intensidade lumínica no seu interior. A galeria ligada à fachada sudoeste apresenta-se como espaço de representação pela sua relação com a envolvente natural da quinta e pelas características e número considerável de vãos.

Os volumes das cavalariças devido ao facto de permanecerem intactos apenas os seus envoltórios, facilitam a sua reutilização e adequação a novos usos, a única condicionante é o facto de se restituir as suas coberturas, geometrias importantes para a estrutura formal deste projecto arquitectónico.

Os volumes que conformam o momento de chegada à quinta, bem como o pátio de honra, possuem em grande medida características estereotómicas que os tornam perfeitamente identificáveis, quase sólidos platónicos perfeitos, estes cubos fechados sobre si mesmos com poucas aberturas ao exterior reservam a capacidade de serem transformados e aproveitados como elementos de referência.

Parte das características aproveitadas é o facto de as aberturas nas fachadas adjacentes ao pátio de honra terem dimensões de excepção, construídos para poderem ser atravessados por cavalos, mas o facto de as restantes superfícies albergarem poucos e pequenos vãos criam a vontade de os libertar ao exterior, apesar de se tentar não comprometer as suas características herméticas.

Ambos volumes tiveram pavilhões acoplados às suas fachadas sul, a partir destas pistas estruturaram-se aí as implantações de extensões, estas com eixos de desenvolvimento paralelos ao eixo principal de progressão geométrica do edificado existente e alinhados com as aberturas já existentes.

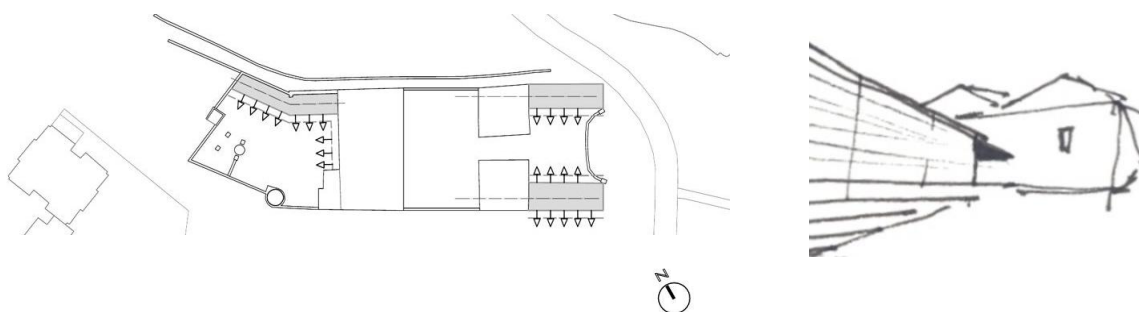
O volume sudeste com a nova extensão redefine a fronteira que medeia a azinhaga e o interior da quinta e abre-se sobre o espaço de recepção. O volume sudoeste ao ser estendido cria a possibilidade de se ligar à paisagem, formando uma plataforma com uma vista privilegiada sobre o rio Tejo e a cidade, ambas acabam por se conectar através do portal de armas, que desta forma se volta a tornar parte integrante do restante conjunto edificado da quinta.

No caso dos dois edifícios da entrada foi explorada uma relação de contrastes, aliando às suas características um novo conjunto que se estabelece como tectónico, contrapondo assim o leve ao pesado. Em termos de programa os espaços complementam-se, um dos volumes (este) foi programado para se criar um conjunto de espaços que albergam um auditório, espaços de exposições (antigo) e uma galeria (novo). No outro volume (oeste) desenvolveu-se uma casa de chá (antigo) e uma esplanada (novo) sobre a paisagem natural da quinta, tendo a cidade ribeirinha como horizonte.

Os elementos arquitectónicos do novo são constituídos a um nível primário por pavimentos e coberturas. Os pavimentos ligam-se à mesma cota da implantação dos volumes existentes e estendem-se até encontrarem o portal de armas, criando assim uma diferença de cotas desde a entrada da quinta até estas estruturas. Essa diferença de cotas define por sua vez os limites interiores do espaço de recepção da quinta. Estas plataformas para além da continuidade programática do interior dos volumes existentes, fazem parte do conceito de exteriorização servindo como base para o lançamento e suporte das coberturas planas que se almeja parecerem simultaneamente pairar sobre os pavimentos e movimentarem-se do interior dos volumes de pedra para o exterior.

A extensão do espaço da casa estruturada no pátio interior, surge da necessidade de aumento de área útil e principalmente da vontade de, através deste volume, incluir este pátio na fluidez do espaço interior da casa e incorporar algumas características próprias deste espaço exterior, fechado sobre si mesmo mas com escala suficiente para ser percorrido e vivenciado, parecendo constituir um momento à parte com o seu perímetro animado pelos volumes peculiares que criam um característico skyline, a partir do qual se estendem conjuntos de sombras estendidas sobre o pavimento que foi aproveitado para definir um jardim onde já existia uma árvore.

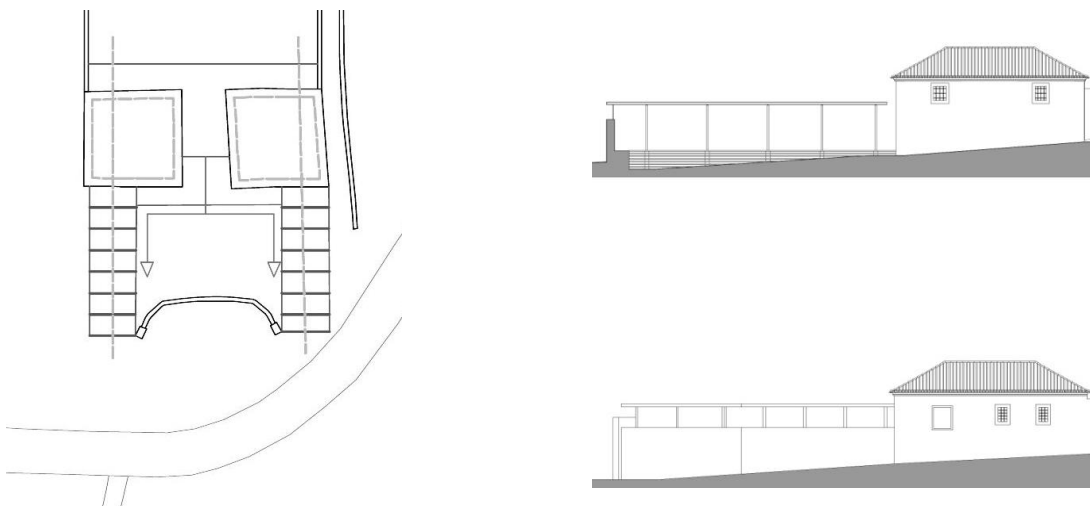
Neste edifício surge também a possibilidade de aumentar o número de vãos da fachada do tardo transformando os espaços adjacentes a estes em espaço de maior importância dentro do sistema espacial da casa, uma vez que estes estavam relegados para segundo plano, como espaços de transição entre os espaços serventes do antigo conjunto da cozinha e os espaços principais adjacentes às outras fachadas.



(Diagrama da relação entre o novo e o exterior)

As extensões são entendidas como uma exteriorização, isto é, uma vontade de aludir a um passado perdido e a um futuro onde se revelam alguns pontos comuns, com um interior protegido e que agora é invocado como forma de criar laços com as estruturas existentes. Explorou-se o contraste entre estruturas com materialidades e características distintas cujo ponto em comum são os elementos perdidos ao longo do tempo sobre os quais se aludiu a uma massa branca, etérea que com a sua leveza pousa sobre a firmeza do existente.

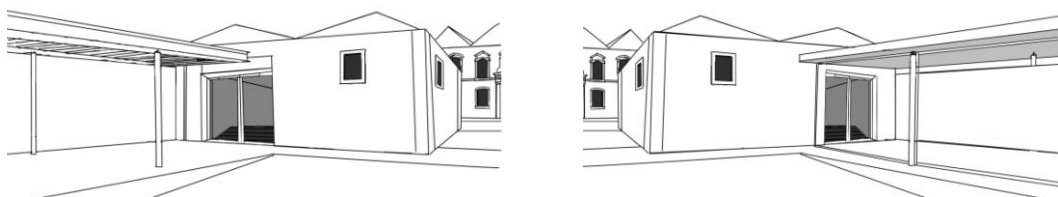
Esta caracterização alude a um interior perdido, os estuques, as madeiras, e painéis de azulejos que faziam parte deste espaço são assim reinterpretados. A vontade de ligar estas extensões à memória das pré-existências não se estabelece apenas em termos de materialidade, o desenrolar deste edificado parte também de uma intenção de por um lado mimetizar o suporte em que se encontra e por outro lado impelir uma sensação de movimento, de libertação da casca de pedra e assumir a sua posição, os alinhamentos axiais são desta forma o ponto de partida para se estabelecerem progressões compassadas ritmando movimentos lineares.



Definição dos eixos de progressão geométrica das extensões dos volumes que conformam o espaço de recepção

Modelação dos elementos constituintes das extensões contrapondo ao pesado o leve.

Perspectivas do espaço de recepção da quinta.

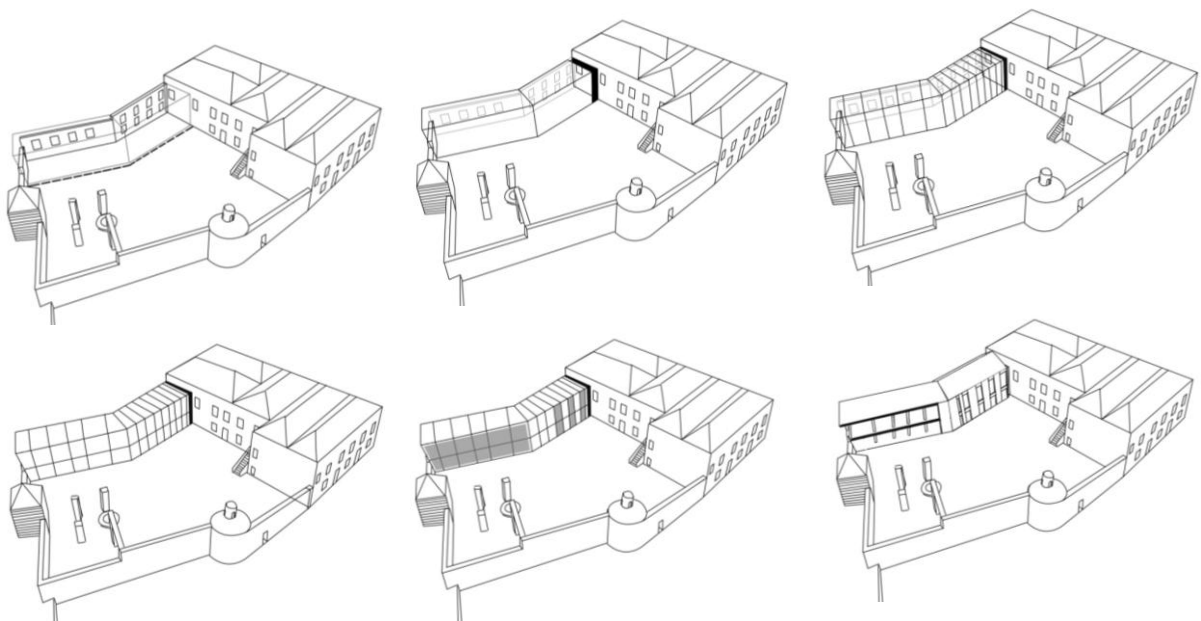


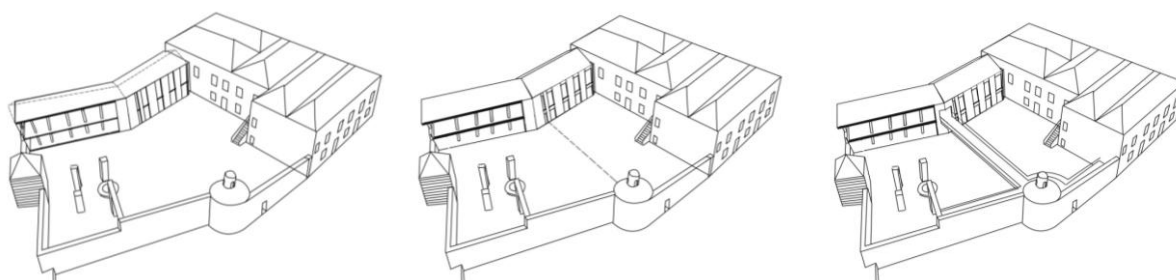
Tentado mimetizar o existente foi estabelecido um prolongamento das características formais do envoltório da casa, para progressivamente ganhar a sua própria identidade. Assim o novo integra características estruturais do existente, como é o caso do ritmo dos vãos, para depois se definir um novo tempo. Com estes princípios regrou-se a formalização de um novo corpo cujo tratamento das suas superfícies exteriores evidenciasse uma ligação ao existente mas que progressivamente alcançasse a sua própria individualidade.

O tratamento dos vãos da nova extensão parte da integração do ritmo e dimensões dos vãos existentes na fachada adjacente, e de forma sequencial, esse ritmo é alterado com a intenção de criar uma imagem de movimento e de continuidade. A relação base entre cheios e vazios estruturados é de aumentos graduais de vazios até encontrar o limite da implantação. Este movimento alcança, no extremo final da sua evolução, um espaço marcado apenas por elementos estruturais pontuais, que assemelhando-se à estrutura de uma “loggia”, este espaço revela o interior da nova extensão como indício da presença de um novo tempo e identidade.

Desta forma consegue-se exteriorizar o pavimento do novo como uma plataforma flutuante, tectónica que cria a dualidade pretendida entre novo e antigo. Esta leveza será trabalhada também na cobertura deste volume. A cobertura é modelada como um elemento de integração como as coberturas restituídas à casa, mas também como um elemento com identidade própria que se estende para tentar pairar sobre o antigo.

A materialidade desta extensão exhibe um novo tempo, aqui, o revestimento exterior aplicado foi estruturado com painéis brancos de betão pré-fabricado, com um sistema de fixação ocluso, procurou-se associar às características tectónicas uma adjectivação de corpo etéreo, distinguindo-se do existente ao mesmo tempo que surge como leve, deslocado mas integrado, um tempo misterioso de revitalização de todo o sistema espacial desta quinta de recreio.





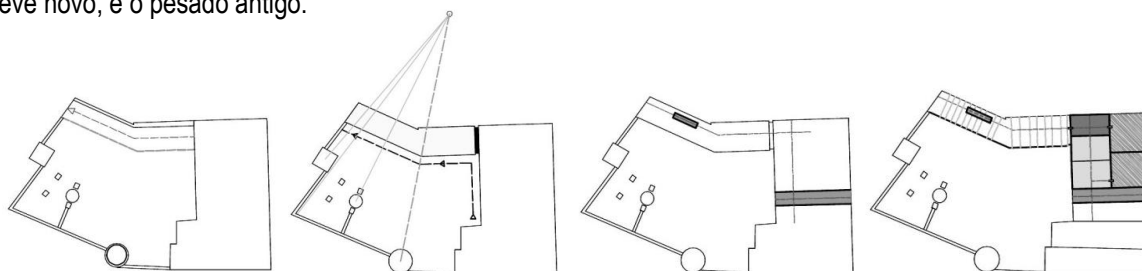
A conectividade deste volume com o espaço interior da casa é baseada num espaço de transição no extremo nordeste da planimetria da casa para articular o interior existente e o interior do novo. No piso térreo este espaço funciona apenas como transição sequencial, mas no primeiro piso este alberga os espaços de serviço que apoiam as novas funções, nomeadamente a copa de apoio ao bar e o espaço de foyer que se encontra ligado aos espaços das salas dedicadas a formação, workshops e palestras.

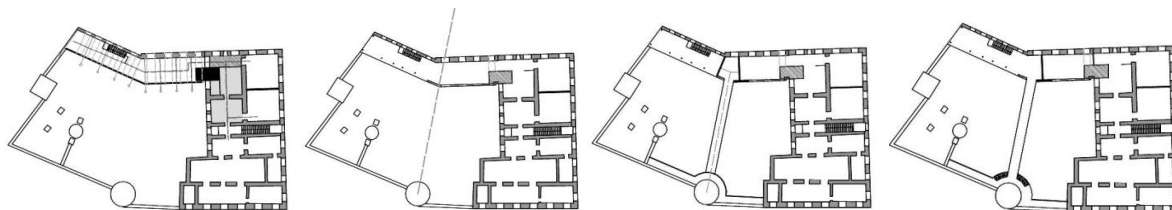
Este novo corpo contempla espaços de exposições no piso térreo e o bar no primeiro piso. Tirando partido da sua geometria e apoiando-se na linha de quebra do volume cria-se uma subdivisão espacial para incluir a ligação directa ao pátio interior no piso térreo e uma esplanada no piso superior.

Esta linha de quebra responde às influências do sistema radial de eixos que compõem os elementos arquitectónicos presentes no pátio. Dentro desses elementos, o pombal que antes se encontrava ligado através de um conjunto de compartimentos ao corpo anterior perdido, ficou isolado, decidiu-se então reatar essa ligação ao mesmo tempo que se estruturou um espaço de transição entre exterior e interior, sendo assim, estendeu-se um eixo de ligação ao pombal, uma linha de contacto que abraça o pombal para desta forma se materializar e concretizar essa conexão.

O elemento arquitectónico que procede a essa transição foi desenvolvido sob a forma de um passadiço, uma ponte que permite ligar o antigo pombal à unidade dos edificadinhos da casa e possibilitar um percurso aéreo sobre o pátio interior, para se debruçar sobre a paisagem natural e a envolvente da quinta.

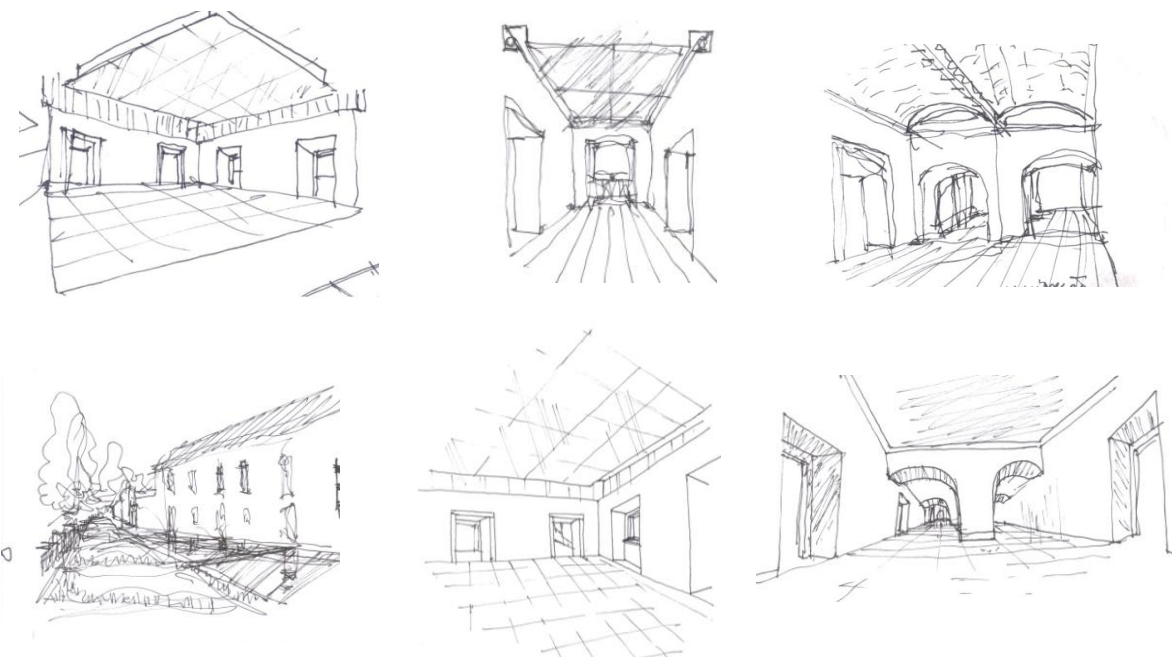
Este passadiço partilha com as restantes extensões uma materialidade própria, sob aço e madeira concebeu-se uma linha esbelta pairando sobre o existente, reforçando assim a dualidade da simultaneidade do leve novo, e o pesado antigo.

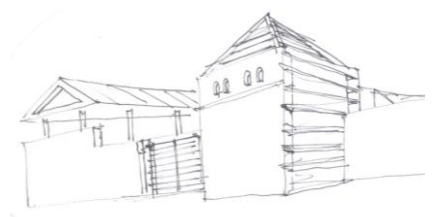
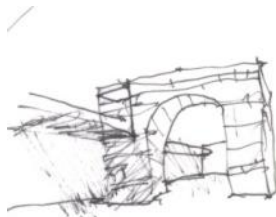
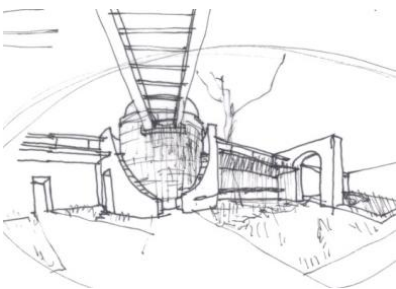
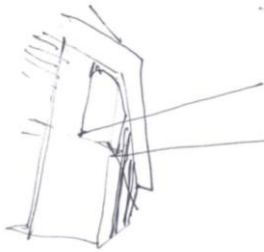
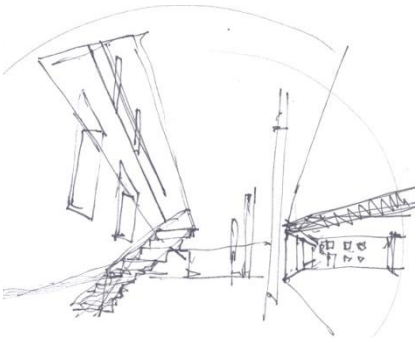
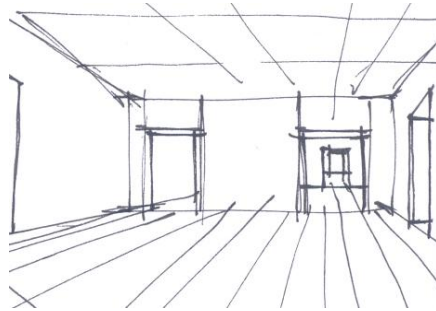
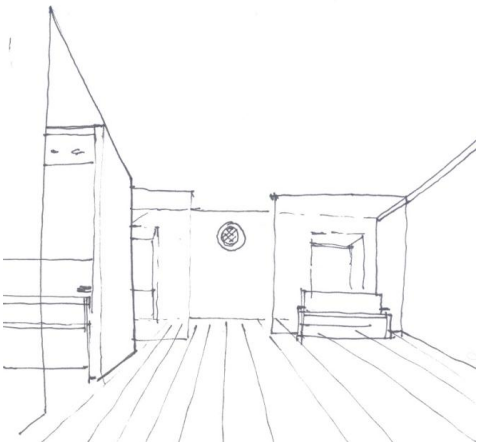


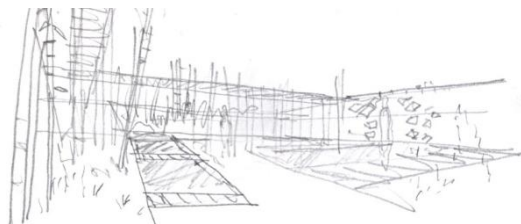
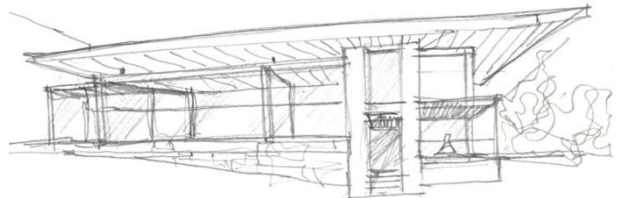
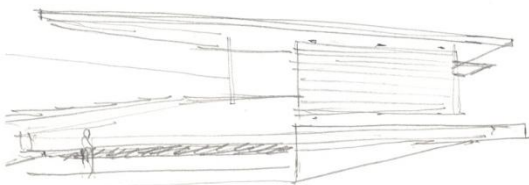
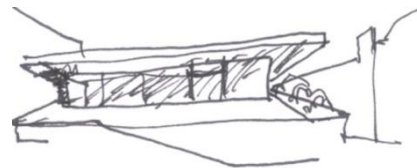
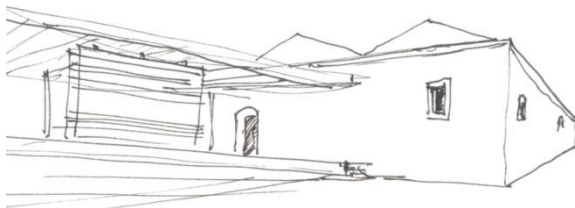
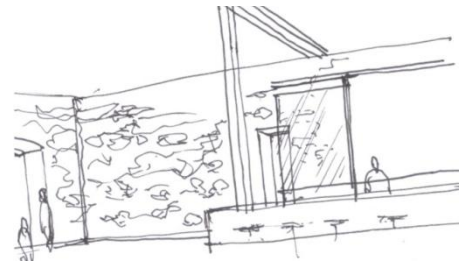


A relação entre novo e antigo baseada numa ideia de integração de elementos com características contrastantes mas de integração mútua, provoca um entendimento que se reflecte no interior dos restantes espaços interiores, aqui, a modelação dos pavimentos e tectos garante essa continuidade. Os pavimentos ora de pedra ora de madeira evocam essa dualidade de tempos através da sua materialidade, por sua vez os tectos suspensos foram concebidos como planos brancos contínuos que parecem flutuar dentro dos seus espaços, desligados visualmente do seu perímetro permitem a integração oclusa da iluminação artificial e garantir dimensões necessárias para integrar infraestruturas técnicas.

A forma e materialidade destes elementos alteram-se em alguns espaços, como é o caso do vão da escadaria principal onde o duplo pé-direito cria uma verticalidade que alcança o interior da cobertura expondo a sua estrutura de madeira e cuja geometria cria um eco perspectico com a escadaria. Na galeria interior da casa, onde surgem conjuntos de arcos, foram modelados tectos suspensos para seguirem essas geometrias ao mesmo tempo que se mantém a ideia de elementos flutuantes. No bar concebeu-se uma diferenciação ao ocultar parte da estrutura de suporte da cobertura e expondo a outra metade, aumentando assim o pé-direito e incluindo aqui também a madeira no discurso arquitectónico deste espaço.







VIII- Conclusão

A intervenção de reabilitação da Quinta dos Alfinetes foi desenvolvida com base na metodologia do Projectar com o Lugar, o que permitiu por um lado reconhecer as condicionantes inerentes às estruturas e elementos arquitectónicos presentes e o sistema espacial que estas definem, por outro lado a conformação de um novo programa arquitectónico decorrente da adaptação deste ao carácter da quinta de recreio salvaguardou a sua identidade e garantiu a autenticidade na relação entre antigo e novo.

A investigação de apoio ao projecto final de mestrado incidiu sobre o estudo do espaço existencial e do construir sobre o construído, a integração destes campos teóricos da arquitectura permitiu criar as bases de sustentação e desenvolvimento do projecto de reabilitação.

A relação entre o existente e o projecto de arquitectura foi definida com base nas características específicas do “Lugar” que esta quinta de recreio conforma, o que veio desde logo distinguir o domínio da arquitectura como disciplina a desenvolver o projecto de restauro e arquitectura. Esta definição híbrida parte do facto de o espaço arquitectónico existente se colocar como condição para proceder a este tipo de intervenção, o que diferencia os elementos pré-existentes e o tipo de acção a exercer sobre eles.

Podendo afirmar-se que o sistema espacial substantivo se encontra intacto relega esta intervenção para o domínio da arquitectura, uma vez que o espaço é a matéria-prima do arquitecto, que como projectista se assume como agente de transformação, pese embora a coordenação de outras disciplinas e projectos de especialidade ligados ao campo do restauro e conservação.

Este estudo incidiu também na ideia de suporte constituído pelos elementos presentes, que incluem edificado, componentes isolados, topografia, envolvente natural e o sítio, que consolidam um suporte não apenas físico mas principalmente artístico sobre o qual se estrutura a sedimentação do acto criativo proveniente da acção de projecto de arquitectura. Esta ideia de suporte é sustentada pela evolução e tratadística do campo do Restauro e Conservação incluída no domínio da Arquitectura, que não se concentra numa acção de restauro superficial sobre o envoltório arquitectónico existente, pois estabelece como alvo de salvaguarda o valor mais importante deste património, isto é o seu sistema espacial, a sua vivência e o seu habitar específico a esse espaço arquitectónico.

O objectivo desta arquitectura de salvaguardar o existente, incide na ligação entre o suporte e o habitar como dimensão própria da interacção entre homem e ambiente, garantindo a continuidade temporal ao estender a sua linha temporal de existência, ao devolver a sua vitalidade associada a uma noção de utilidade que extravasa a mera adaptação funcional, englobando este projecto no enquadramento cultural desde o nível do bairro até à escala da cidade, país e mesmo a sua dimensão internacional.

BIBLIOGRAFIA

- ZEVI, Bruno. *Saber Ver a Arquitectura*. Martins Fontes. São Paulo.2000
- NORBEG-SCHULZ, Christian. *ESPAÇO, EXISTÊNCIA E ARQUITECTURA*. Editorial Blume. Londres.1975
- PIRES, Amílcar de Gil e. *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*
- VENTURI, Robert. *Complexidade e Contradição*. Martins Fontes. São Paulo 2004
- VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. *Learning From Las Vegas*. The MIT Press. Cambridge, London. 1977
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Edições 70. Lisboa. 1999
- ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Collage City*. The MIT Press, Cambridge, London. 1983
- BAEZA, Alberto Campo. *Pensar Com as Mãos*. Caleidoscópio. Casal de Cambra. 2011
- ÁBALOS, Ináki. *A Boa-Vida*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. 2001
- ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*.Edição Cosmos. Lisboa. 2001
- ZUMTHOR, Peter. *Pensar a Arquitectura*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona.2005
- CONSIGLIERI, Victor. *A Morfologia da Arquitectura*. Referência/Editorial Estampa. Lisboa.1999
- APPLETON, João. *Reabilitação de Edifícios Antigos*. Edições Orion. Alfragide.2003
- PINTO, Jorge Cruz. *Arquitectura Portuguesa: A Imagem da Caixa*. Volume III. ACD Editores. Lisboa.2007
- VANDERBERG, Maritz. *Farnsworth House*. Phaidon. London.2003
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. Martins Fontes. São Paulo
- AFONSO, Luís. *Elementos para uma Metodologia de Caracterização Tipológica*. Carcavelos. FAUTL 1986
- AFONSO, Luís. *Geometria e prática do Projecto*. Carcavelos. FAUTL.2000
- AFONSO, Luís. *A Tipologia*. Carcavelos. FAUTL.1994
- AFONSO, Luís. *Notas sobre a Noção de Memória Estruturante*. Carcavelos. FAUTL.1994
- Pires, Amílcar de Gil e. *O Lugar da Quinta de Recreio*.
- Rossi, Aldo. *O Elogio da Arquitectura Civil*.
- ALMEIDA, Eneide de. *Construir no Construído*:
- TÁVORA, Fernando; PIMENTEL, Rui; MENÉRES, António; FILGUEIRAS, Octávio Lixa; ARAÚJO, Arnaldo; DIAS, Carlos Carvalho; AMARAL, Francisco Keil do; LOBO, José Huertas; MALATO, João José; PEREIRA, Nuno Teotónio; FREITAS, António Pinto de; DIAS, Francisco Silva; GEORGE, Frederico; GOMES, António Azevedo; ANTUNES, Alfredo Mata; MARTINS, Artur Pires; CASTRO, Celestino de; TORRES, Fernando. 2004. *Arquitectura Popular em Portugal* . Centro Livreiro da Ordem dos Arquitectos. Lisboa.2004

BIERMANN, Veronica; GRONERT, Alexander; JOBST, Christoph; STEWERING, Roswitha; FREIGANG, Christian; KREIMEIER, Jarl; KLEIN, Barbara Borngasser ; RUHL, Carsten ; EVERS Bernd ; ZIMMER, Jorgen; LUPFER, Gilbert; PAUL, Jorgen, SIGEL, Paul. *Teoria da Arquitectura: Do Renascimento até aos Nossos Dias*. Taschen. Itália.2003

FARINA, Mónica.Espaços, Marcas e Símbolos num Bairro de Habitação Social em Lisboa. Livros Horizonte.2001

ALMEIDA, Eneida de .“ Construir no Construído” na produção contemporânea: relações entre teoria e prática. São Paulo,Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitectura e Urbanismo.2000

Anexos

1-Análise Histórica e Cultural

QUINTA DOS ALFINETES – Azinhaga dos Alfinetes



(Fotos do autor)

Quinta de Recreio que pertenceu aos Duques de Lafões, construída na primeira metade do séc.XVIII

No séc. XIX instalou-se ali a Fábrica Estrela, trefilaria a que se deve a designação Quinta dos Alfinetes

Entre 1910 e 1935 funcionam os escritórios das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade.

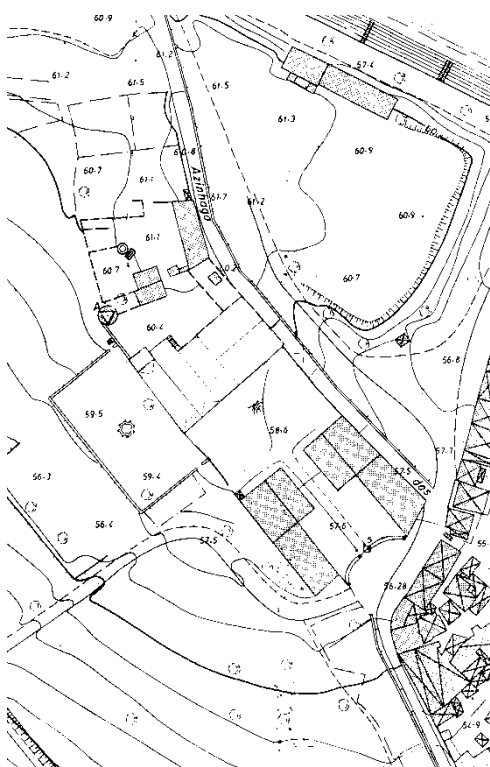
Em 1935 a propriedade é vendida à Caixa Geral de Depósitos.

Após o seu abandono sofre um incêndio em 1964.

Nos anos 90 é desenvolvido um projecto para a construção da Fundação Luso-Brasileira, da autoria de Óscar Niemeyer mas a sua construção não é concluída por falta de financiamento.



Localização : Marvila, Azinhaga dos Alfinetes (Latitude : 38° 44' 33.93 " N Longitude : 9° 6' 38.47" W



Mapa disponibilizado pela Câmara Municipal de Lisboa – Imagem do Mapa de Silva Pinto de 1910

História da “Vila do Mar”



Mapa de Lisboa em 1758

O objecto de estudo localiza-se na zona oriental de Lisboa em Marvila. A Quinta dos Alfinetes faz parte de um conjunto de quintas que caracterizam esse território, e cuja origem remete para as primeiras transformações da paisagem e do desenvolvimento urbano desta área.

Marvila é freguesia de Lisboa desde 1959, estendendo-se entre as freguesias de Alvalade, S.João de Brito, Santa Maria dos Olivais, Beato e Alto da Pina, tendo o constante enquadramento do Tejo e do Mar da Palha onde vai buscar o seu nome.

A presença e fixação humana nesta área remonta à Pré-história, havendo vestígios que datam cerca de 3000 a.C., bem como elementos da época romana e da cultura visigoda do séc.III.

Em termos de uso de solo este território sempre esteve ligado à produção agrícola, sendo a sua estrutura fundiária primária estabelecida pelas ordens religiosas, militares e monásticas cuja presença nestas terras data do séc. VII.

Após a Reconquista de Lisboa, D. Afonso Henriques dou estas terras à Mitra de Lisboa. Estas são divididas e parceladas pelo Bispo de Lisboa D. Gilberto em 1150, e é a partir destas porções de terrenos que se estabelece a estrutura fundiária sobre a qual mais tarde se constituem as quintas de Marvila.

A importância das ordens religiosas é também constatável em alguns edifícios importantes como é o caso do Convento de Chelas, edifício monástico cuja construção remonta ao séc. VII, assim como a proximidade da construção do Mosteiro de S.Vicente de Fora em 1582 no local onde D. Afonso Henriques havia comissionado um templo invocado a S. Vicente.

No séc.III as ordens religiosas, militares e monásticas detinham a posse dos bens de Marvila. Estes eram compostos na sua maioria por terrenos cultivados como vinhas, hortas e olivais. Sobre este parcelamento e usufruindo deste uso de solo a aristocracia e o clero começam a estabelecer diversas quintas de recreio e produção entre o séc. XV e XVI.

As qualidades destes terrenos e o seu típico usufruto foram registadas em 1571 no tratado escrito por Francisco de Holanda “ Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa”, nele são descritas as terras, vistas e as possibilidades de realizar um conjunto de obras à semelhança do que se fazia na corte francesa em Fontainebleau, com o intuito de usufruir da vivência do campo, das boas condições de acostagem do rio, e outras actividades como a caça, tirando partido da proximidade da cidade de Lisboa.

Estas obras propostas a D. Sebastião não se realizam, mas desenvolvem-se um conjunto significativo de quintas cujo perfil de residências temporárias se coadunava com a vivência do sítio de Marvila.

Vão surgindo alterações nas estruturas destas propriedades até ao séc. XIX. Apesar de, no período do terramoto de 1755 e a abolição dos morgadios, serem abandonadas pela aristocracia são mais tarde adquiridas pela burguesia, nesta altura a paisagem era marcada por este conjunto de quintas, os seus espaços verdes, e pelo conjunto de vias compostas por estradas, azinhagas e caminhos que interligavam o conjunto de quintas entre si e aos pequenos núcleos de habitações que floresciam ao longo desses eixos.

A qualidade destas terras e a sua exploração agrícola fora aproveitada pelo início do período de industrialização de Lisboa, com a integração do caminho-de-ferro e o aproveitamento das boas condições portuárias da frente ribeirinha, daqui surgiam os produtos que abasteceram os grandes mercados lisboetas desde mercadorias a matérias-primas.

Estabeleceram-se assim as condições necessárias para se fixarem ao longo do tempo diversos equipamentos industriais que progressivamente transformaram a frente ribeirinha deste território, entre Xabregas e Braço de Prata, estendendo-se também pelas colinas de Chelas.

Destaca-se o caso da Fábrica de Pólvora de Chelas, que se estabeleceu num edifício anexo ao Convento de Chelas, e a Fábrica Seixas no Palácio da Mitra. Estabelecem-se também conjuntos de habitações operárias nos pátios de edifícios existentes como é o caso da Quinta do Marquês de Abrantes.

Até ao início do séc.XX estas transformações criam importantes núcleos industriais, em especial na frente ribeirinha como é o caso do Poço do Bisbo onde surgem edifícios que são excelentes exemplos da arquitectura do início do séc.XX, destacando-se o edifício da firma Abel Pereira da Fonseca construído em 1917 e da autoria do arquitecto Norte Júnior, e também o edifício de José Domingos Barreiros firma montada em 1896.

Neste início de transformação do território vários dos edifícios existentes em Marvila são aproveitados para se estabelecerem unidades fabris nas suas estruturas, a Quinta dos Alfinetes também não foi excepção, sendo os seus espaços adaptados ao funcionamento de uma trefilaria, a Fábrica Estrela, à qual vai buscar a sua designação.

Até aos anos 50 a industrialização provoca várias transformações na estrutura urbana existente e fundiária, as propriedades são divididas e desse fraccionamento começa a estabelecer-se o início do processo de urbanização da zona oriental de Lisboa. A fixação da industria leva a movimentos migratórios de pessoas que procuravam emprego nesta zona, em especial oriundas do Norte do país, aumentando o número de habitações operárias. Para além dos pátios surgem as tipologias das Vilas operárias.

Esta mudança de paradigma reflecte-se no uso do solo, os campos são abandonados e desaparecem ou são alterados muitos dos jardins existentes, começa também um processo lento de urbanização baseado na construção de edifícios habitacionais cuja lógica de implantação se baseia no acompanhamento dos eixos viários existentes. Paralelamente são construídas grandes unidades fabris neste território sendo que a paisagem de Marvila se altera com estes elementos na sua morfologia.

Até ao final do séc. XX a industria mantém uma presença forte nesta área, aumenta o número de unidades fabris e grandes unidades industriais, verificável na implantação da Escola Industrial e na construção de novos eixos viários urbanos. As propriedades das quintas começam a ser loteadas, e dentro das suas estruturas surgem focos de clandestinos, que estabelecem habitações precárias ao longo dos seus muros, o que dá início ao processo de descaracterização destas arquitecturas. Nesta época a Quinta dos Alfinetes sofre grandes danos, sendo saqueada e sofrendo um grande incêndio em 1964, desaparecendo assim as suas coberturas e pavimentos.

A partir do final do séc.XX a paisagem e estrutura urbana existente sofre grandes transformações, dando-se início a um novo processo de urbanização, até esta altura a estrutura urbana desenvolvia-se lentamente mas este é catalisado e aumentado pelo desenvolvimento do Plano de Urbanização de Chelas.

Este projecto foi iniciado em 1964, mas a sua génese sofrera várias alterações e a sua concretização no terreno foi adiada até aos anos 80, estas mudanças no plano deveram-se às dificuldades na aquisição dos terrenos por parte da Câmara Municipal de Lisboa, e também pelas ocupações que aconteceram no decurso do 25 de Abril em 1974.

Aquando da implementação do P.U.C. já se verificava o abandono das quintas de Marvila e a consequente degradação das suas estruturas, mas com este processo de urbanização do território a estrutura urbana existente é transformada radicalmente, estabelecendo-se um rompimento total que anulou qualquer continuidade e compatibilidade com a morfologia estabelecida. Verifica-se assim uma maior degradação do património edificado acompanhado por um aumento exponencial de habitações precárias e da clandestinidade.

O P.U.C. não equacionou em grande parte dos casos questões de escala, afastamentos e relações morfológicas da estrutura urbana a implementar, que permitissem uma adaptação que garantisse a integridade plena do património existente, sendo implementada uma rede de eixos viários e áreas de implantação dos núcleos habitacionais que prejudicou e degradou o conjunto das quintas de Marvila.

Com o desenvolvimento da Expo 98 são concretizados eixos viários que ligam este território a Lisboa, mas a conclusão da construção de várias zonas do plano prolonga-se até ao início do séc. XXI, deste resulta uma ocupação das encostas que altera totalmente o perfil da paisagem desta área que da sua memória estruturante apenas se mantêm alguns edifícios cujo património se encontra classificado, incluindo o conjunto das quintas de Marvila do qual a Quinta dos Alfinetes faz parte.

Mapa de Marvila em 1928 com referências ao conjunto de quintas





Mapa de Marvila em 1910 de Silva Pinto com localização da Quinta dos Alfinetes





1- Quinta dos Alfinetes ; 2- Quinta do Vale Fundão ; 3 – QuintaLeal ; 4- Quinta dos Padres ; 5- Quinta do Marquês de Abrantes
 6- Quinta da Mitra ; 7- Quinta dos Marqueses de Marialva ; 8 – Quinta do Condado ; 9- Quinta das Conchinhas ;
 10- Quinta das Conchas ; 11- Quinta das Salgadas ; 12 – Quinta da Estação

Mapa de Lisboa em 1835



PATRIMÓNIO HISTÓRICO



convento de Chelas



Quinta do Marquês de Abrantes



Palácio da Mitra



Quinta das Conchas e Quinta das Salgadas



Edifício da Firma Abel Pereira da Fonseca



Edifício José Domingos Barreiros

HISTÓRICO DE MARVILA

DATA	DADOS	LOCALIZAÇÃO
Pré-História 3000 a.C.	Placa de xisto ornamentada	Quinta da Farinheira
Período Romano Séc. III	Lápides, friso de sarcófago, Necrópole	Chelas, Poço de Cortes
Séc. VII- 665	Convento de Chelas, fundação monástica	Chelas
Séc. XII - 1150	Metade das terras de Marvila são divididas por D. Gilberto, Bispo de Lisboa, são constituídas 31 partes e entregues aos cónegos da sé. Essas porções a partir do séc. XV dão origem a muitas das quintas deste território	
Séc. XII - 1154	Reconstrução do Convento de Chelas por D. Afonso Henriques após a reconquista. Todas as terras e rendas de Marvila que possuíam mesquitas dos mouros são doadas por D. Afonso Henriques à Mitra de Lisboa	Chelas
Séc. XIII	Marvila ainda sob o poder das instituições religiosas, mas também das ordens militares e ordens monásticas: Templo; Santa Cruz de Coimbra; Hospital; Santiago; Agostinhos de S. Vicente de Fora; colegiadas das Igrejas de S. Marinha e de Santo Estevão. Bens : vinhas,olivais	
Séc. XVI	Propostas de Francisco de Holanda a D. Sebastião para a execução de um conjunto de obras em Marvila e a oferta de serviços. “ Da Fábrica que Falece à Porta de Lisboa”-1571	
Séc. XVI -XVIII	Constituição de Quintas de Recreio e Produção, pertencentes à Aristocracia e Clero: Quinta do Arcebispo (da Mitra)- Palácio da Mitra Quinta do Marquês de Abrantes Quinta da Matinha (Braço de Prata)- António de Sousa Mendes Quinta do Perdigão(Conchinhas)- Manuel Sequeira Perdigão Quinta das Conchas Quinta dos Alfinetes - Duques de Lafões Quinta das Salgadas - D. Ana Joaquina Salgado Quinta do Pombeiro (Nossa Senhora da Conceição)- Joaquim Augusto Pombeiro	
Séc. XVIII-1755	Após o terramoto de Lisboa muitas quintas nobres são abandonadas pelos seus proprietários originais	

Séc. XIX	Abolição dos morgadios, propriedades repartidas e adquiridas pela Burguesia. Paisagem de Marvila : quintas, áreas de cultivo, jardins, palacetes, azinhagas	
A partir de 1840	Industrialização da zona de Marvila até aos anos 50 do séc. XX Instalação de equipamentos fabris em terrenos de boa aptidão agrícola, mudança da área ribeirinha e colinas de Chelas Fábrica de Pólvora de Chelas (anexa ao Convento de Chelas) Fábrica Seixas - Palácio da Mitra Fábrica Estrela - Quinta dos Alfinetes	Chelas, Xabregas e Braço de Prata
Meados Séc.XX	Transformações da estrutura fundiária, fraccionamento das propriedades, intensificação da construção de pequenas habitações ao longo dos eixos viários, instalação de várias fábricas e oficinas em algumas quintas. Implantação dos edifícios da Escola Industrial, e grandes construções de carácter industrial. Implantação de construções clandestinas e habitações precárias no conjunto das quintas.	
Final do Séc. XX	Alterações profundas no uso de solo Quebra de parte da estrutura urbana existente Nova estrutura viária Aumento da construção urbana, início do Plano de Urbanização de Chelas . Incompatibilidades entre pré-existências e nova estrutura urbana Abandono e degradação do conjunto patrimonial existente, sendo algumas quintas saqueadas e incendiadas Aumento do número de clandestinos e habitações precárias	
Início do Séc. XXI	Conclusão de várias zonas do P.U.C. Construção de várias torres de habitação Implantação de viaduto e vários eixos viários Alterações do território, topográficas e estrutura urbana não equaciona a integração do património pré-existente	

Fontes da Análise Histórica-Cultural :

Esta análise apresenta-se como uma síntese do trabalho de grupo realizado na cadeira de Projecto VI sob a orientação do Prof. Arq. Amílcar Pires . O trabalho base foi realizado por :

Marco Gomes 6556

Maria da Paz Ramos 1195

António Azevedo

Todas as informações e imagens foram retiradas desse trabalho

Bibliografia Base

CAEIRO, Baltazar Matos. (1989). *Os Conventos de Lisboa*. Destri Editora. Sacavém.

CONSIGLIERI, Carlos et al. (1993). *Pelas freguesias de Lisboa: Lisboa oriental :São João ,Beato, Marvila, Santa Maria dos Olivais*. Câmara Municipal. Lisboa.

DELGADO, Ralph. (1969). *A antiga freguesia dos Olivais*. Lisboa.

SEGURADO, Jorge. (1983). *Francisco da Holanda- Da fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*. Edição Fac-Similar. Lisboa.

MOITA, Irisalva. (1994). *O Livro de Lisboa*. Livros Horizonte. Lisboa.

PIRES, Amílcar. (2008). *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*. Tese de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa. (Policopiado).

SANTANA, Francisco; **SUCENA**, Eduarda. (1994). *Dicionário da História de Lisboa*. Ed. Carlos Quintas & Associados-Consultores, Lda. Lisboa

SANTANA, Francisco. (sem data). *Lisboa na 2ª metade do século XVIII: Plantas e descrições das suas freguesias*. Anuário Comercial de Portugal. Lisboa.

SILVA, Augusto Vieira da. (1950). *Plantas Topográficas de Lisboa. Publicações comemorativas do VIII centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros–Lisboa–1947*. Câmara Municipal. Lisboa.

Webgrafia

arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chelas>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Chelas

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Marvila_\(Lisboa\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Marvila_(Lisboa))

<http://ruinarte.blogspot.com>

<http://ulisses.cm-lisboa.pt/>

<http://www.gebalis.pt/site/html/alfinetes.html>

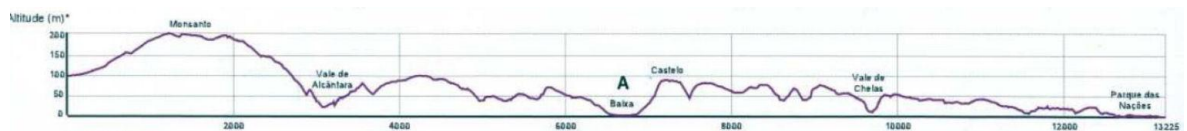
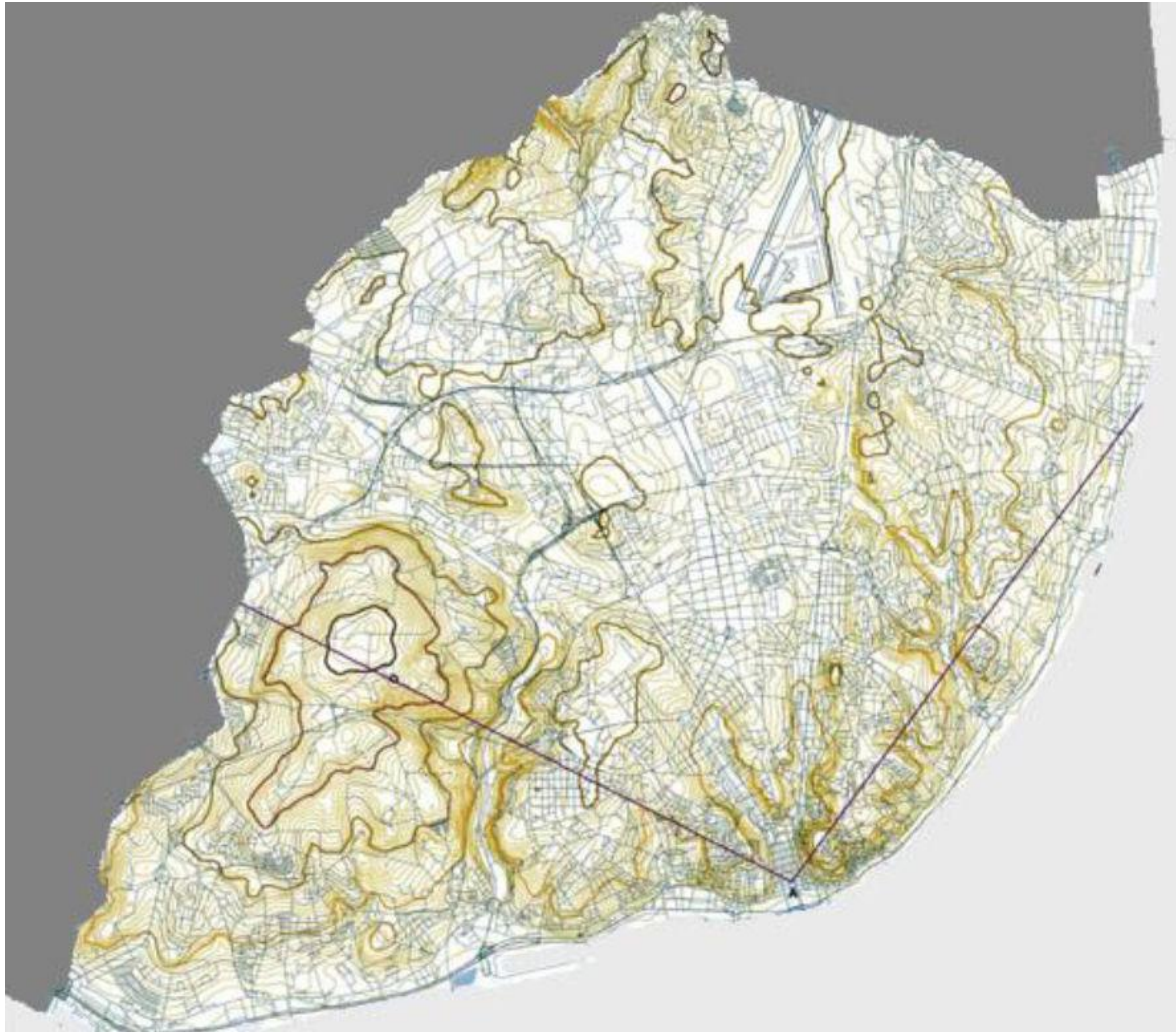
<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio>

<http://www.jf-beato.pt/>

<http://www.jf-marvila.pt>

PEREIRA, Paulo. (2006). *Discurso proferido no simpósio internacional “Novos Mundos –Portugal e a época dos Descobrimentos”*.

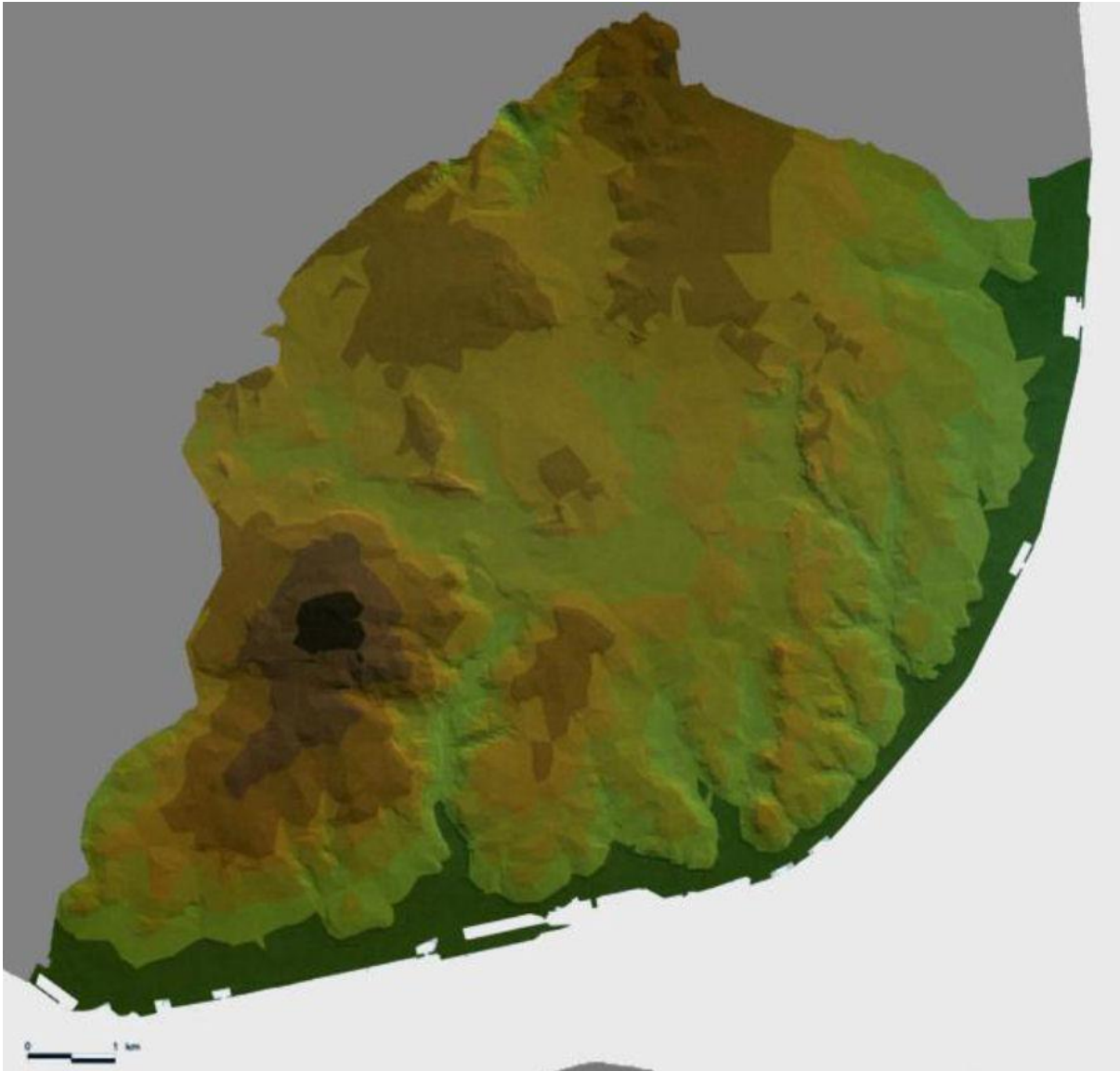
DHMWEBGRAFIA:



2. Análise Física e Social

1.1 – MORFOLOGIA DO SOLO / PAISAGEM

Altimetria da cidade de Lisboa - A cidade de Lisboa assenta sobre uma variada topografia que condicionou profundamente a expansão da sua malha urbana.



Altimetria da cidade de Lisboa

A implantação de Lisboa apresenta um sistema de vales ,que caracterizam a paisagem ribeirinha ,dos quais se destacam três pela sua dimensão e pela caracterização que traz em à morfologia do solo sobre o qual assenta a cidade:

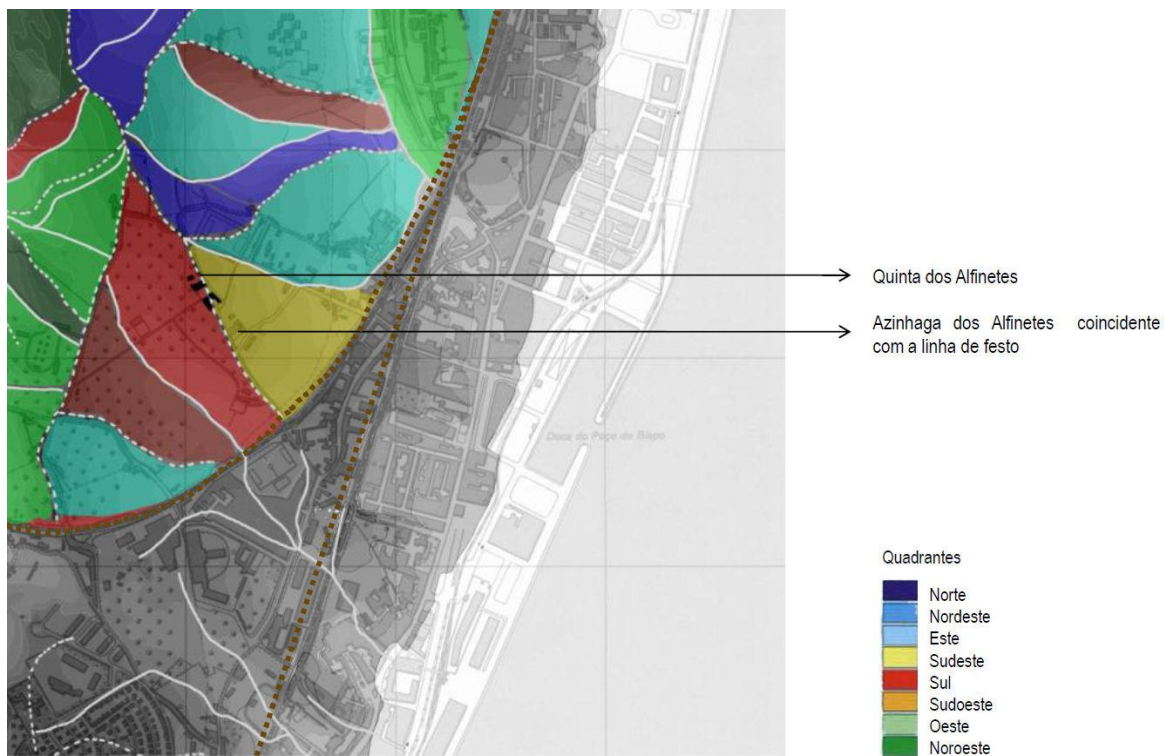
Vale de Alcântara-o mais profundo,quevai até sete rios.

Valverde ou vale da Av.da Liberdade-convergente na Baixa com o vale da Av.Almirante reis.

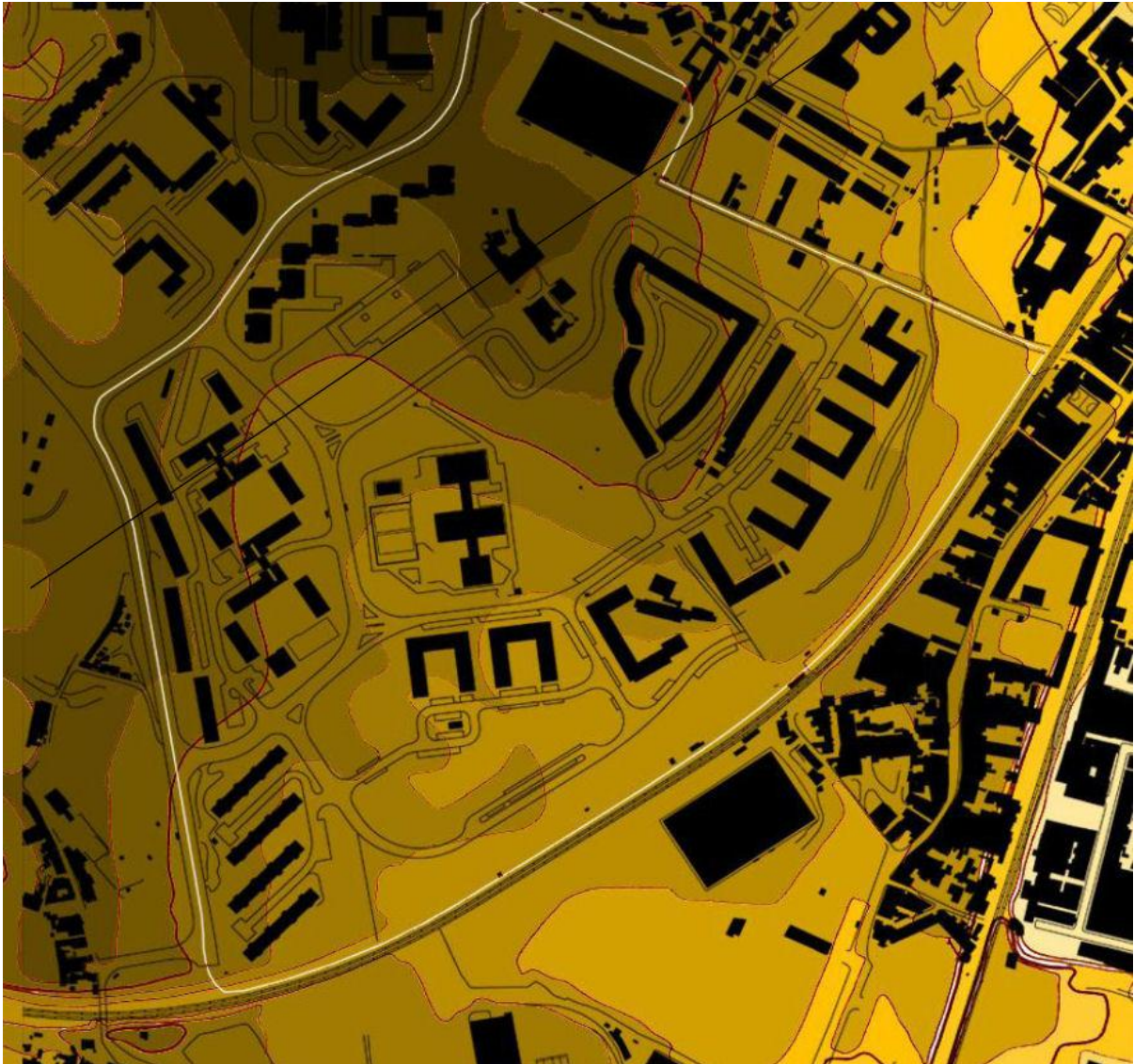
Vale de Chelas-cujas linhas de água estrutura a mais vasta bacia hidrográfica de Lisboa que modelaram o solo suporte da zona oriental da cidade.



Linhas de água e Linhas de Festo



Exposição Solar



Relação entre o solo e o edificado

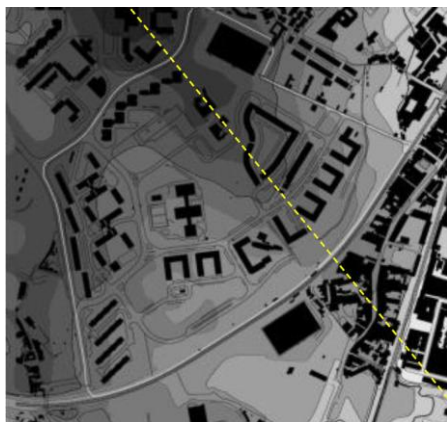
(base:carta militar de Lisboa em 2007)

No decurso da expropriação rápida de que este território foi alvo nos anos 60 e 70 ,foi criada uma reserva de terrenos camarários ,que serviu de palco a operações urbanísticas isoladas ,para suprir as necessidades de realojamentos resultantes das mudanças urbanas que iam ocorrendo noutras áreas da Cidade.

O passar do tempo demonstrou que os desvios aos princípios orientadores do Plano ,foram determinantes para a imagem que Chelas constitui: um somatório de intervenções isoladas, que introduziram debilidades na coerência do desenho urbano ,ausência de diversidade social e uma rede viária dilacerante.

Estes factores contribuíram para limitar as vivências urbanas ,indispensáveis à atractividade e valorização dos espaços construídos

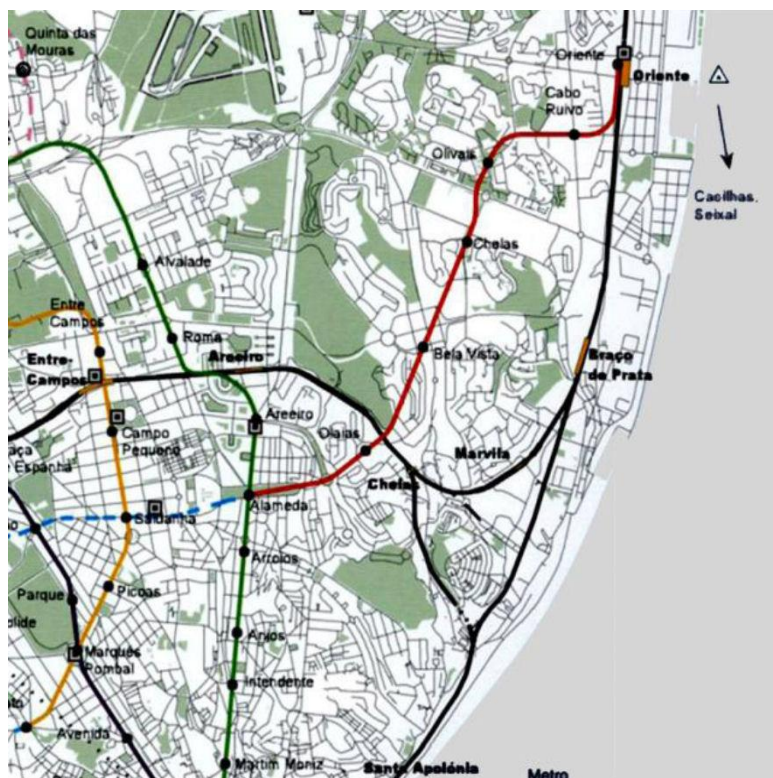
1.2- Morfologia das massas edificadas



Perfil topográfico 2

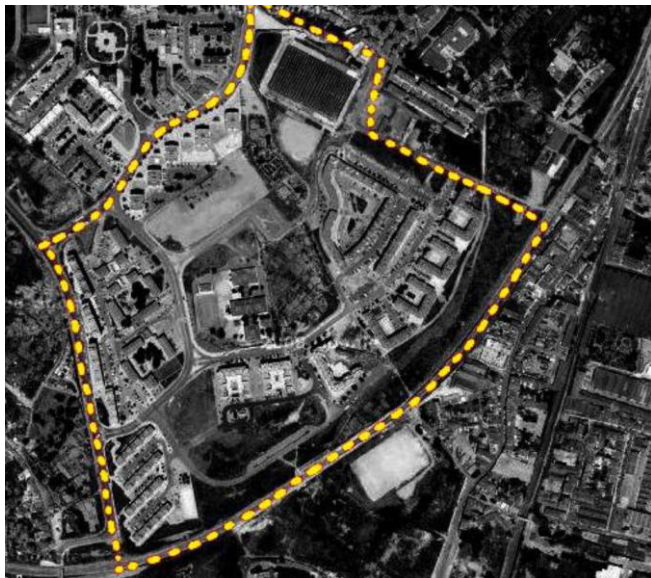
Perfil Topográfico – Relação da Quinta dos Alfinetes com a envolvente

1.3- Acessos

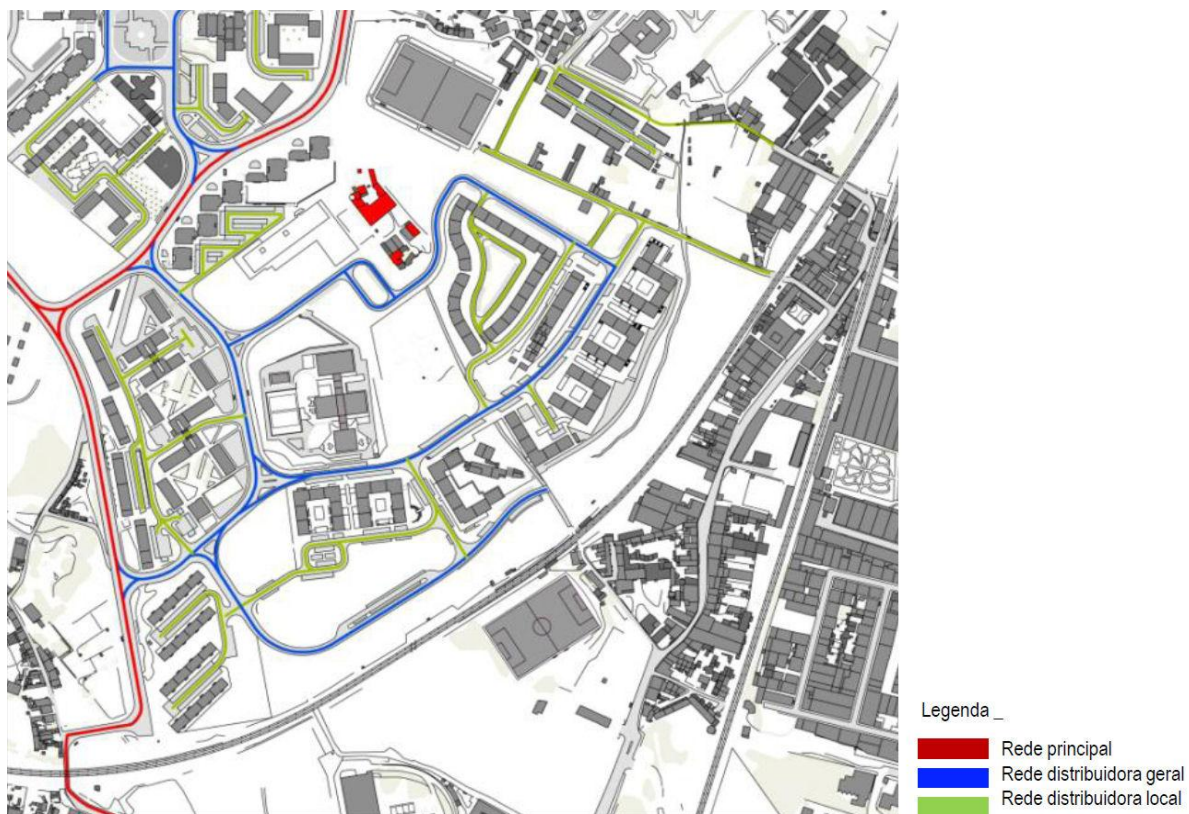


1.4 - Hierarquia Viária

Área de intervenção



Eixos viários



Espaços verdes, Estacionamentos e Equipamentos



1.5 – Eixos Visuais

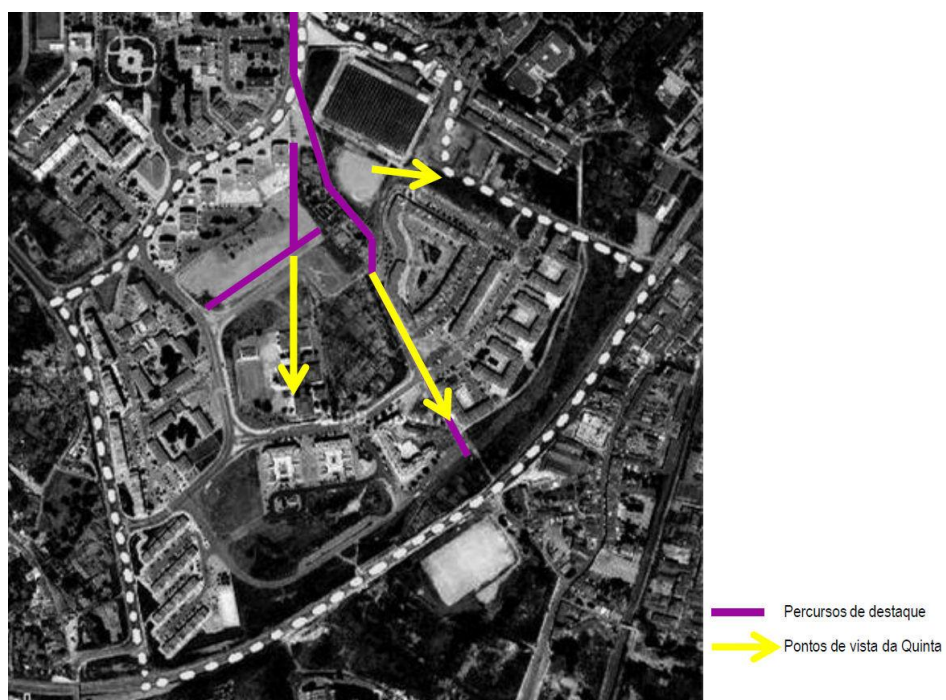




Imagem vista da Rua Dinah Silveira de Queiroz



Imagem vista da Av. Paulo VI



Imagem vista da Rua Mário Botas

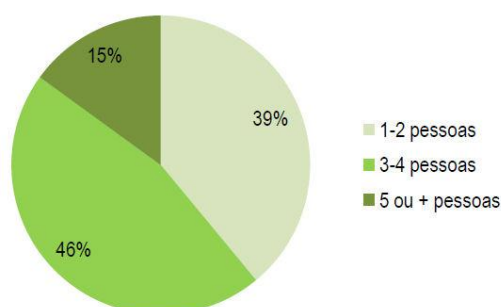




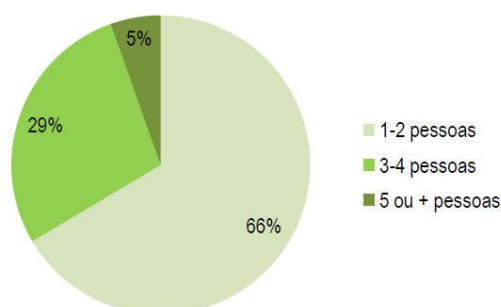
Imagem vista da quinta para Av. Paulo VI

1.6 – ANÁLISE SOCIAL

Marvila



Lisboa

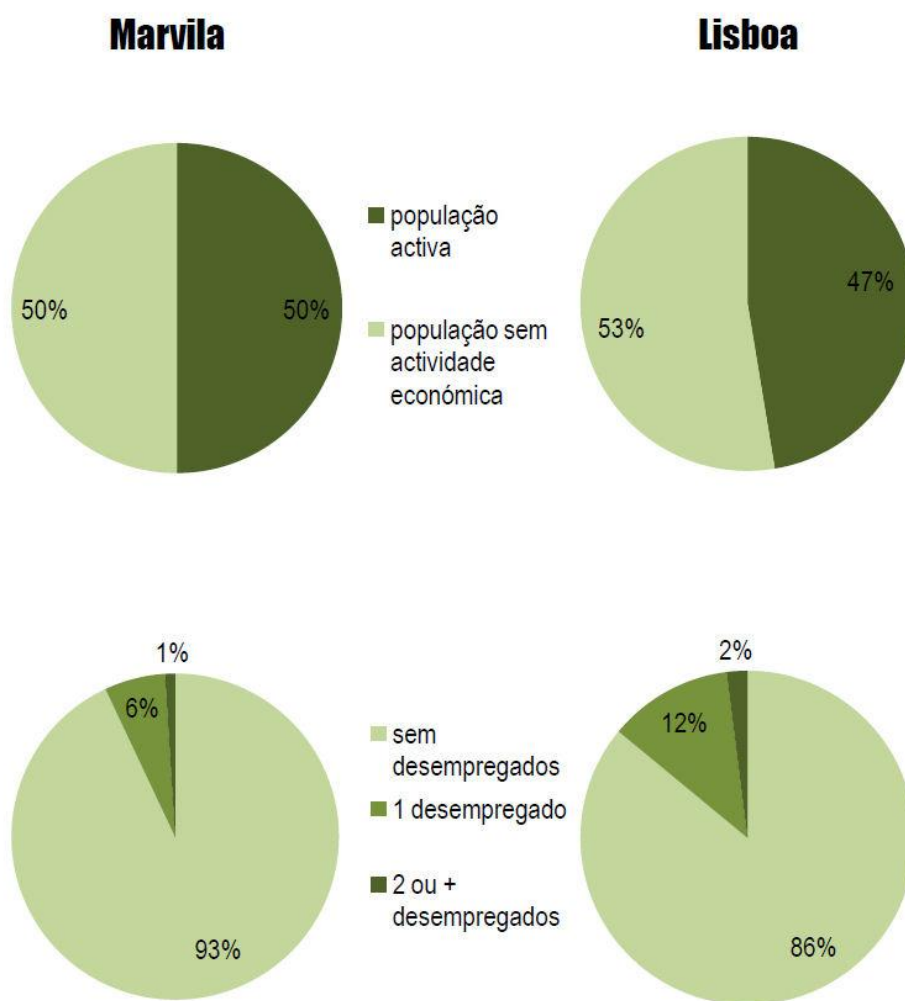


Verificam-se também, neste campo, grandes diferenças em comparação à normal estrutura familiar do concelho de Lisboa.

Se a maioria dos agregados familiares do concelho de Lisboa são constituídos por 1 a 2 pessoas (66%), na freguesia de Marvila, a maioria dos agregados familiares são compostos por 3 a 4 pessoas, o que corresponde ao número de uma família tradicional (pais e filhos).

Também no que diz respeito a grandes agregados familiares (5 ou mais pessoas), estes estão em evidente maioria em Marvila, sendo estes agregados familiares constituintes de 15% da totalidade de agregados familiares da freguesia. Este valor é cerca de 5 vezes superior à média concelhia, em que os grandes agregados familiares não ocupam uma percentagem na totalidade de agregados familiares superior aos 5%.

Juntando a estes dados, os dados verificados anteriormente, esta estrutura de agregados familiares está muito adjacente da estrutura etária da própria freguesia. Sendo esta uma freguesia muito jovem, é normal que os agregados familiares sejam maiores, e que estes jovens morem com parentes. Esta relação será explicitada nos gráficos seguintes.



A percentagem de população activa em Marvila (50%) é ligeiramente superior à percentagem média de população activa em todo o concelho de Lisboa (47%). Este facto é reflexo da grande percentagem de pessoas em idade activa na freguesia, em relação aos idosos. Porém as taxas de desemprego são significativas, sendo a percentagem de famílias com elementos desempregados em Marvila de 14%, contra os apenas 7% de média geral das freguesias do concelho de Lisboa.



Terrenos junto à Escola Básica de Marvila

Através da investigação e análise dos dados demográficos (CENSUS2001), constata-se que a freguesia de Marvila é uma freguesia jovem e aparentemente demográfica e socialmente dinâmica. Porém, a freguesia é detentora de vários problemas sociais e de situações de risco eminente. É constituída por vários bairros sociais e de génese ilegal, com falta de condições de habitabilidade individual e colectiva.

Partindo do princípio de que os dados disponibilizados para esta análise são de há uma década atrás, e admitindo e considerando a agravante crise económica e de emprego nacional, prevê-se que as condições de precariedade e desemprego sejam ainda consideravelmente maiores e mais graves do que as representadas nos gráficos expostos.

Existe assim uma grande percentagem de famílias em situação de vulnerabilidade económico-social, devido aos grandes agregados familiares e às taxas de desemprego verificadas na freguesia.

Estas zonas de vandalismo, actos ilícitos e sentimento de insegurança ocorrem em locais específicos do bairro, nomeadamente em:

- interiores de quarteirões não qualificados (Bairro dos Alfinetes, Marquês de Abrantes e Salgadas);
- traseiras dos quarteirões (Marquês de Abrantes);
- dentro dos próprios bairros, nos edifícios e nas suas galerias exteriores;
- todo o local próximo da linha férrea, deixado ao total abandono e desqualificação;
- zonas desqualificadas, edifícios abandonados ou em ruínas;
- lojas desocupadas e vandalizadas (Bairro dos Alfinetes);
- ruas estreitas, mal iluminadas e pouco frequentadas (Azinhagados Alfinetes). De um modo geral, estes locais são distantes das linhas de acesso rodoviário principais (Avenida Paulo VI e Rua João César Monteiro).

Também são alvo de maior vandalismo e actividades ilícitas os locais não detentores de actividades comerciais.

A população de Marvila apresenta vários problemas sociais desde uma grande taxa de desemprego, exclusão social, toxicodependência e criminalidade.

A arquitectura e situação urbana, porém, não previnem essa situação social, uma vez que promove e cria espaços propícios a actividades ilícitas, como acesso sem galerias, becos e interiores de quarteirões totalmente desqualificados e desprovidos de funcionalidade.

A população apresenta uma clara e evidente camada jovem, mas na freguesia são raros os exemplos de equipamentos para uso desta faixa etária.

A população de Marvila é uma população que vive os espaços sociais, as zonas colectivas dos prédios nomeadamente as galerias e é uma população com um forte espírito de vizinhança e partilha. No entanto, essa característica social e positiva desta população é negligenciada pelas estruturas que não promovem e facilitam essa troca de culturas.

Faltam de forma clara e evidente espaços verdes, colectivos e de equipamentos de uso público e geral.

Fontes da Análise Física-Social :

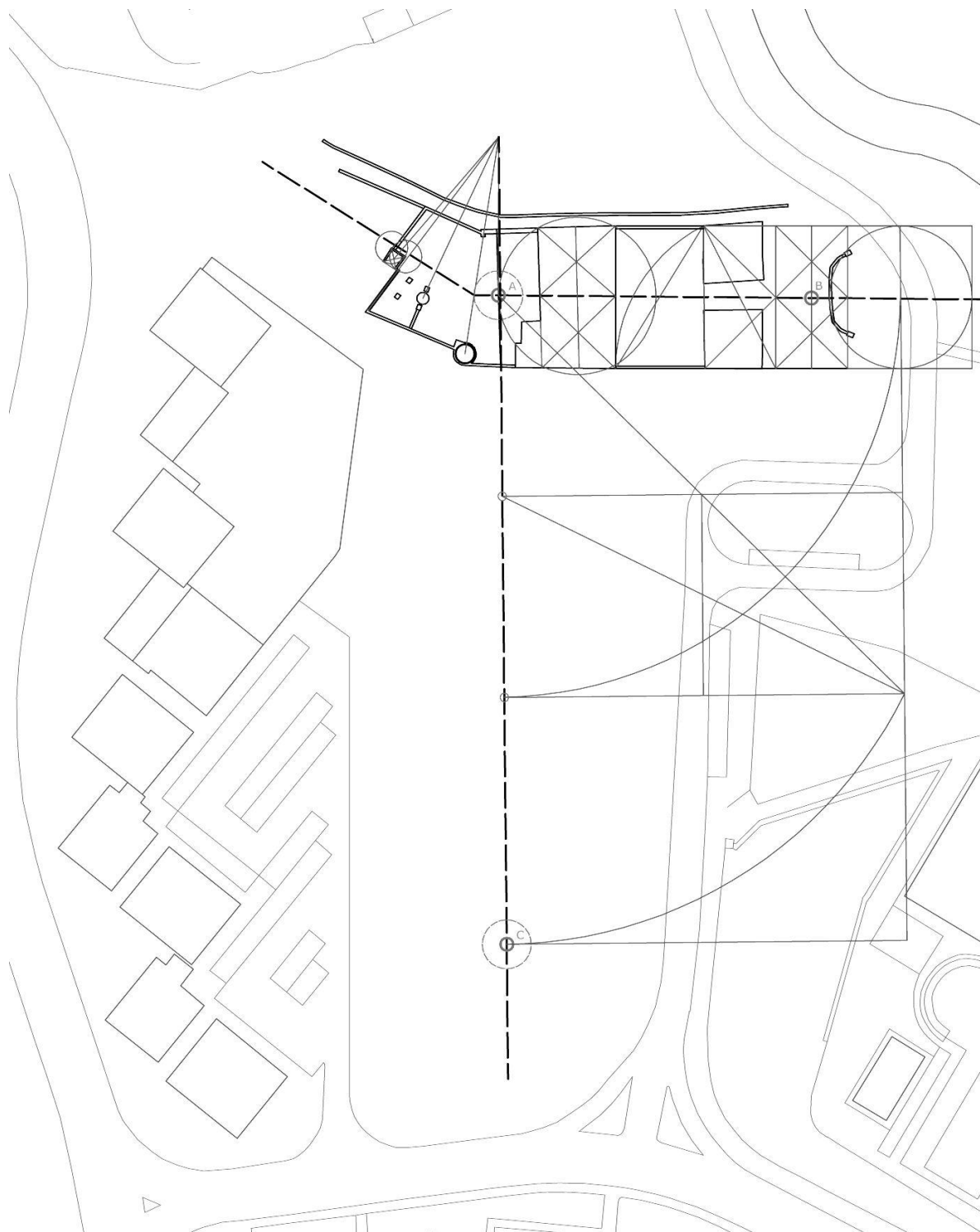
Esta análise apresenta-se como uma síntese do trabalho de grupo realizado na cadeira de Projecto VI sob a orientação do Prof. Arq. Amílcar Pires . O trabalho base foi realizado por :

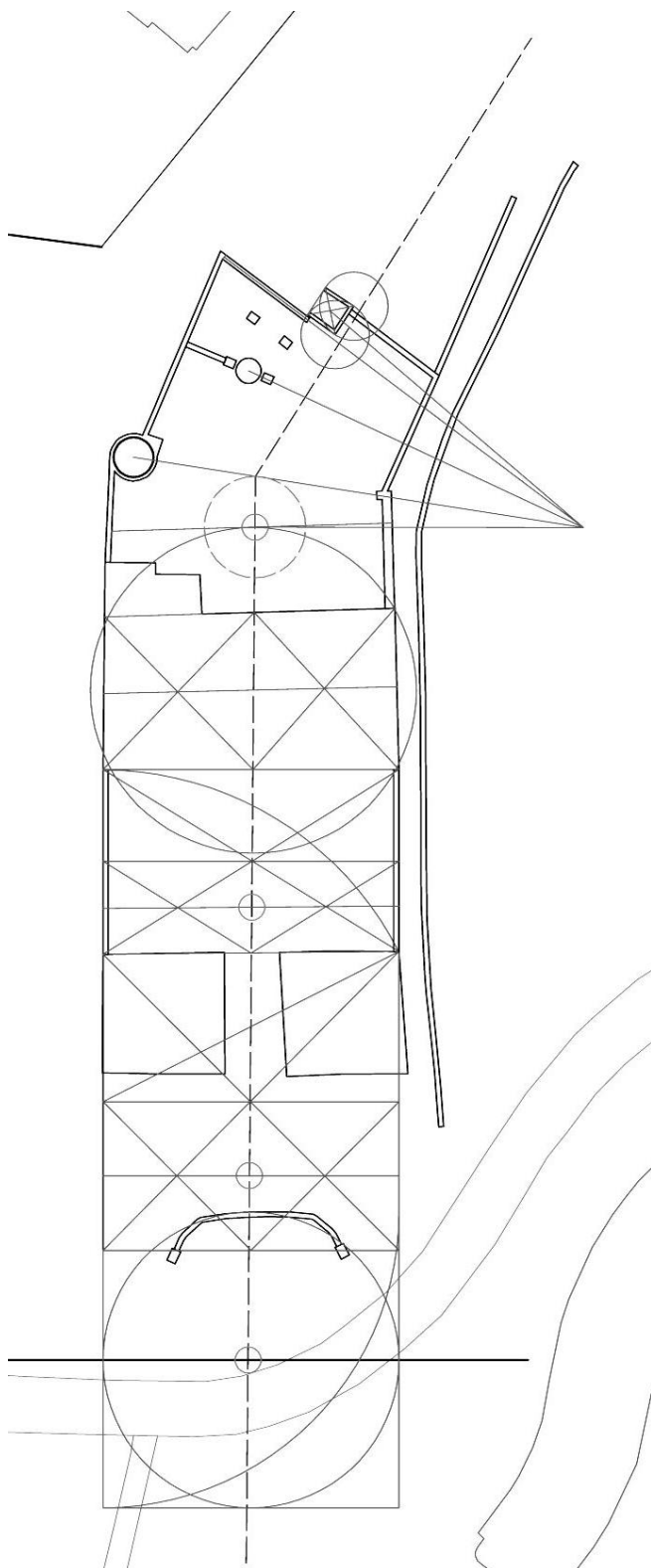
Beatriz Correia #6505 ; Fabiana Costa #6214 ; Inês Fernandes #6222

Todas as informações e imagens foram retiradas desse trabalho.

3-Análise Geométrica

Traçado Geométrico do existente e relação com a sua extensão de terreno natural





Composição Geométrica

Traçado com base na progressão do quadrado e da regra de ouro

Composição, orientação e estrutura apoiada sobre os centros dos vazios estruturantes exteriores

O traçado regular e simétrico altera-se para se adaptar ao terreno, transformando-se numa composição radial.

4- Memória Descritiva

Reabilitação da Quinta dos Alfinetes – Casa Museu de Marvila

Este projecto de reabilitação da Quinta dos Alfinetes integra um conjunto de extensões ao edificado existente, consolidando desta forma uma galeria, auditório e uma casa de chá a partir dos volumes das antigas cavalariças, e acoplado à casa e aglutinando as duas fachadas que se encontravam isoladas surge um novo volume que cria áreas de exposições e um bar. Para além de recuperar o edificado existente o projecto inclui a reestruturação da envolvente natural da quinta, esta foi transformada num jardim público que conecta os núcleos residenciais antes isolados, dotando estes de espaços de lazer, contribuindo para a afirmação da identidade do bairro.

A Quinta dos Alfinetes conforma um exemplo importante das quintas de recreio do séc.XVIII que se estabeleceram em Marvila e catalisaram o processo de urbanidade deste território. Após várias transformações e outros factores que degradaram as suas estruturas, esta encontrava-se abandonada e em estado de ruína. Apesar da perda de alguns dos seus elementos a quinta mantinha a integridade do seu valioso sistema espacial, esta intervenção restabeleceu o seu carácter através da reposição das suas características externas e internas ao mesmo tempo que estende a sua capacidade de se integrar num novo tempo.

A maior parte da destruição de elementos verificava-se no seu pátio interior ligado à fachada tardoz da casa. Anteriormente este espaço que definia áreas dedicadas ao serviço da quinta foi transformado em áreas de lazer. Configurou-se a extensão da casa de forma a aglutinar o conjunto de elementos que se encontravam isolados e apenas ligados entre si pelos muros da quinta.

Este volume branco, etéreo que parece flutuar sobre o existente desenvolve-se na mesma implantação que estabelecia a antiga cozinha e seguindo a mesma progressão estende-se até encontrar o limite do pátio. A sua leveza e transparência exploram a exteriorização e continuidade do espaço interior da casa que progride para estabelecer percursos e momentos de pausa ao debruçar-se sobre a sua envolvente exterior.

Aos diferentes tempos da Quinta dos Alfinetes estiveram sempre associadas utilizações distintas dos seus espaços, a sua conversão a Casa Museu visa explorar a sua relação histórica com este território sem subverter a sua própria identidade e conciliando a sua relação com a sua envolvente urbana ao dotar-se este equipamento de áreas de formação, áreas de exposições, áreas de lazer e uma biblioteca. Este programa vem confirmar a criação de um pólo cultural, este liga a quinta ao bairro e à cidade através da sua versatilidade e potencialidades de usos. Desta forma transcende uma mera musealização do Lugar para se introduzir uma vitalidade que garante a sua própria continuidade ao longo do tempo.

5-Programa Arquitectónico

Galeria – 78 m2

Auditório – 50 m2

Casa de Chá – 145 m2

Esplanada – 144 m2

Recepção – 25 m2

Circuito de Divulgação – 93 m2

Circuito de Exposições – 184 m2

Biblioteca – 152 m2

Gabinetes/Gestão – 42 m2

Salas de Formação – 76 m2

Bar – 100 m2

Circuito de Lazer – 130 m2

Áreas Exteriores não contabilizadas

Jardim interior

Jardim Formal

Jardim Pedagógico

Jardim de Cheiros

Arboretto

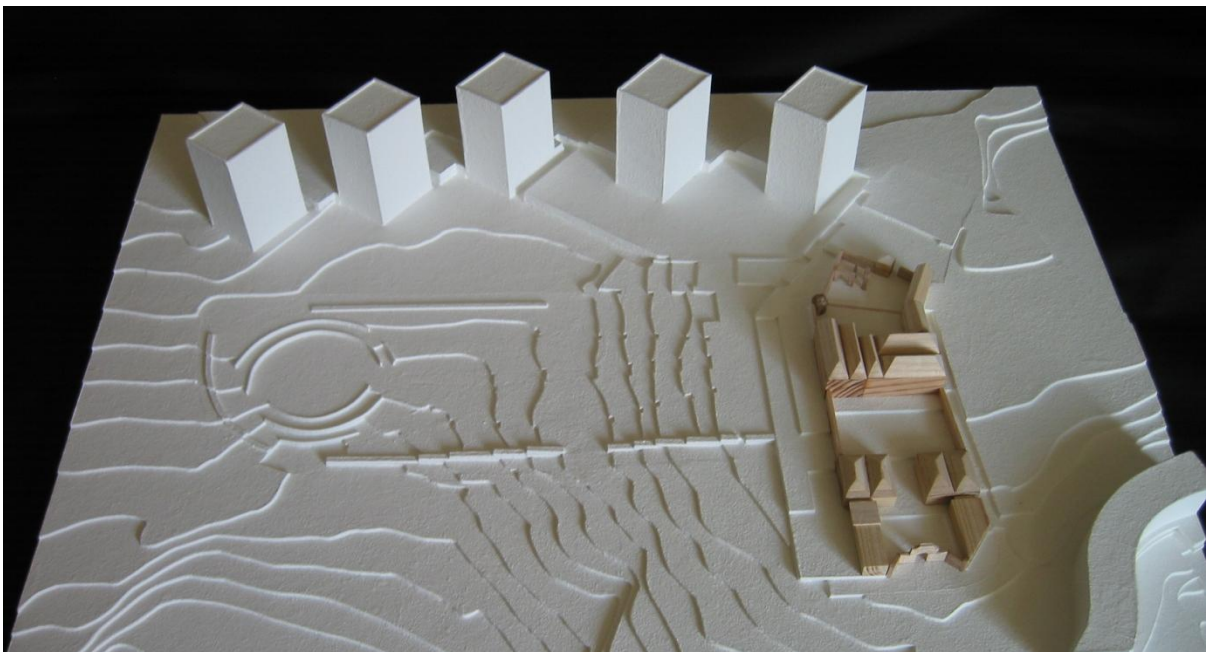
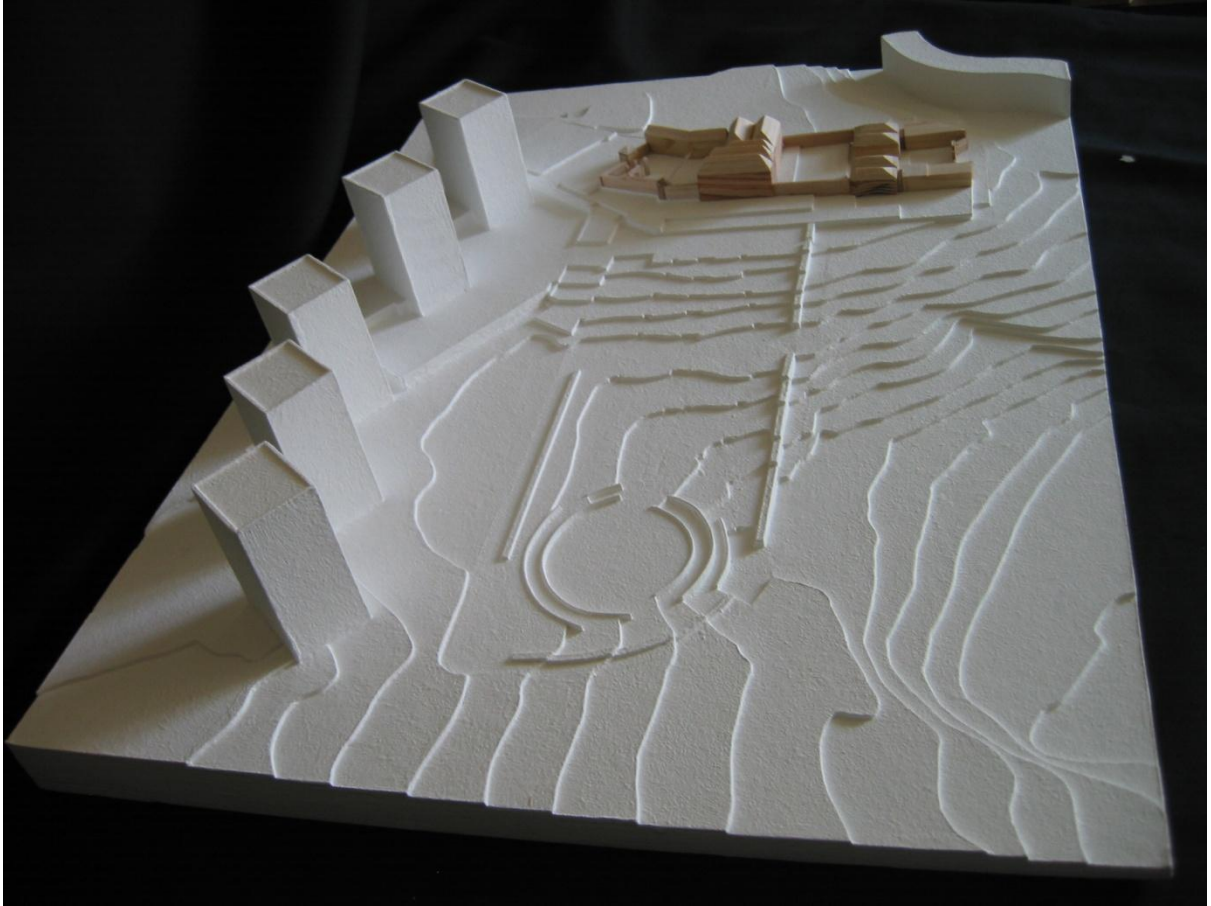
Planos de Água

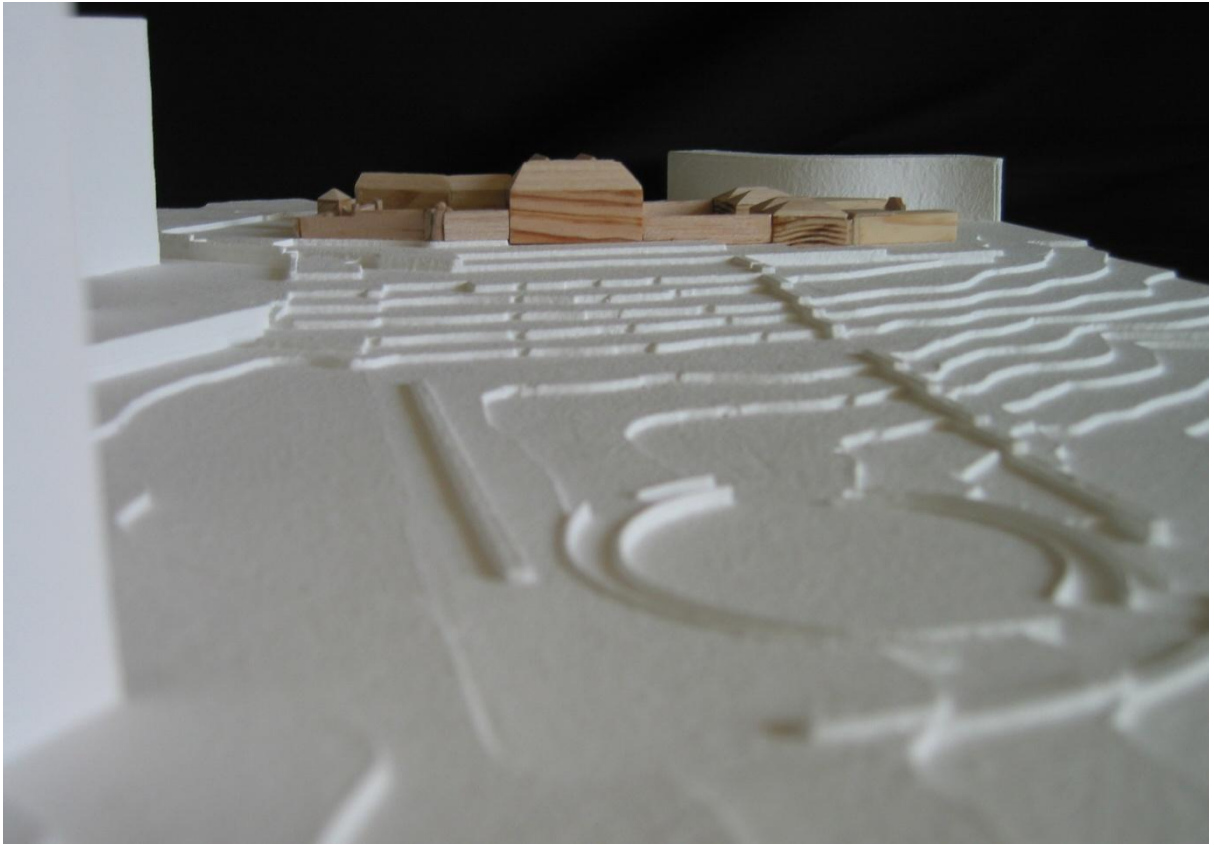
Cisterna/Captação de Águas Pluviais

Sprinklers/Mist Formation

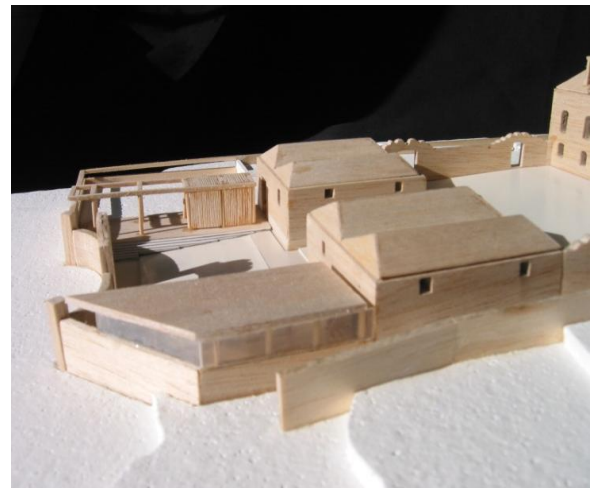
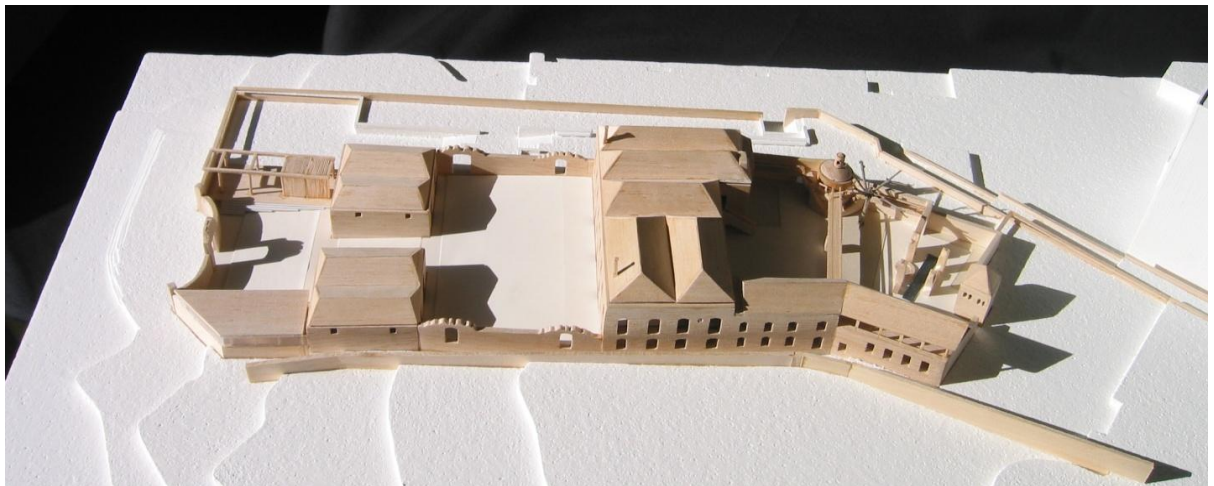
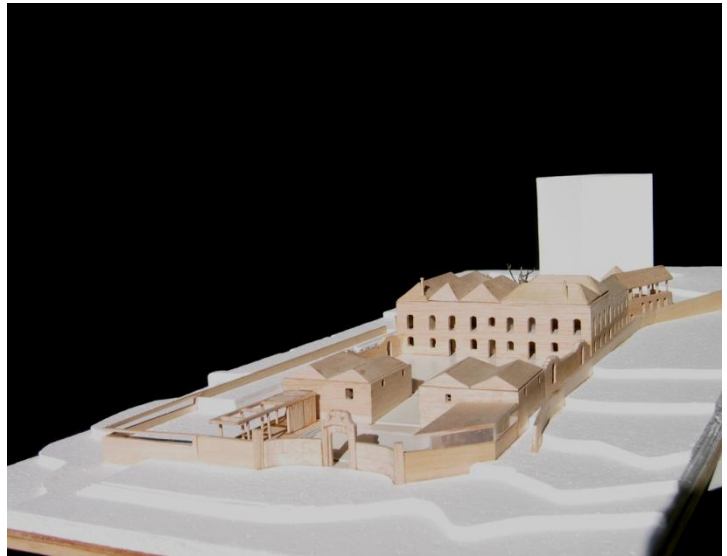
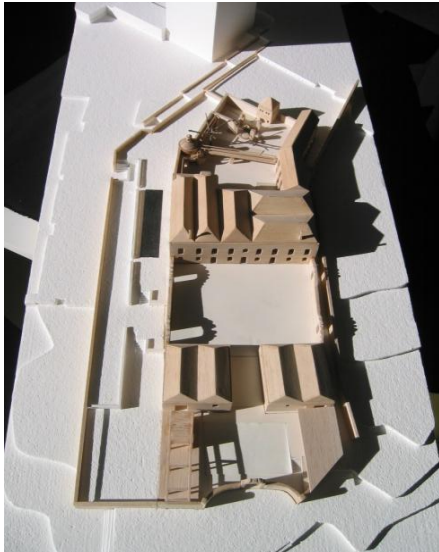
6-Maquetes:

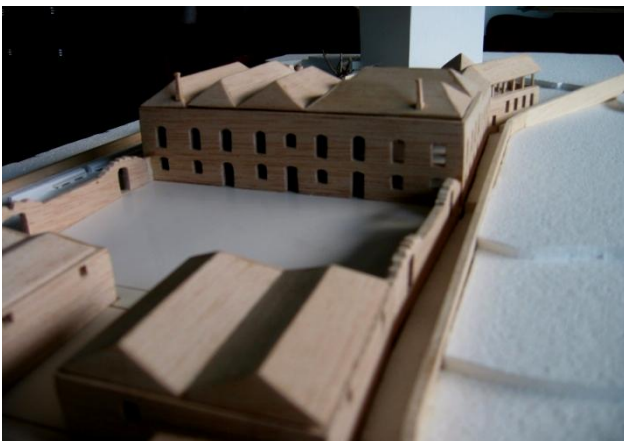
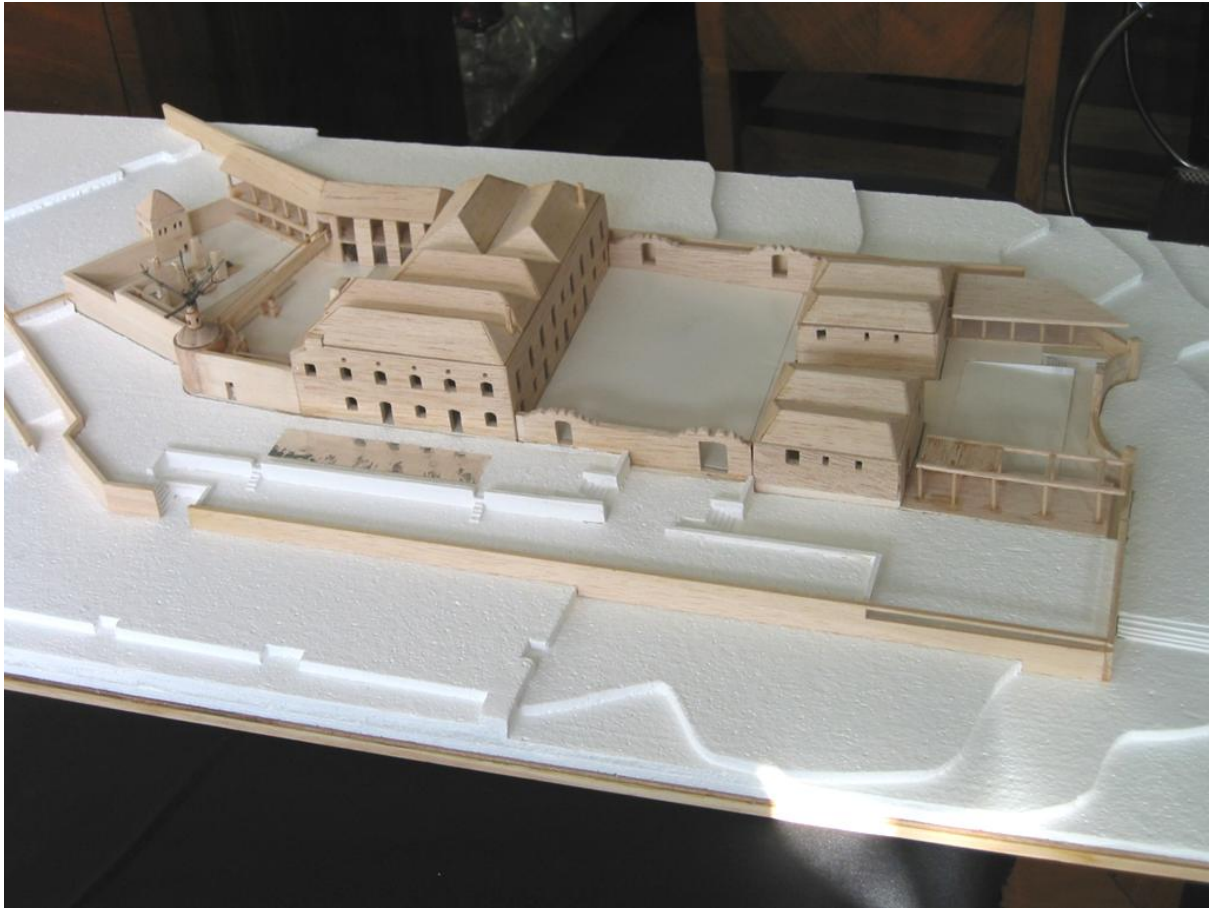
Maquete 1/500

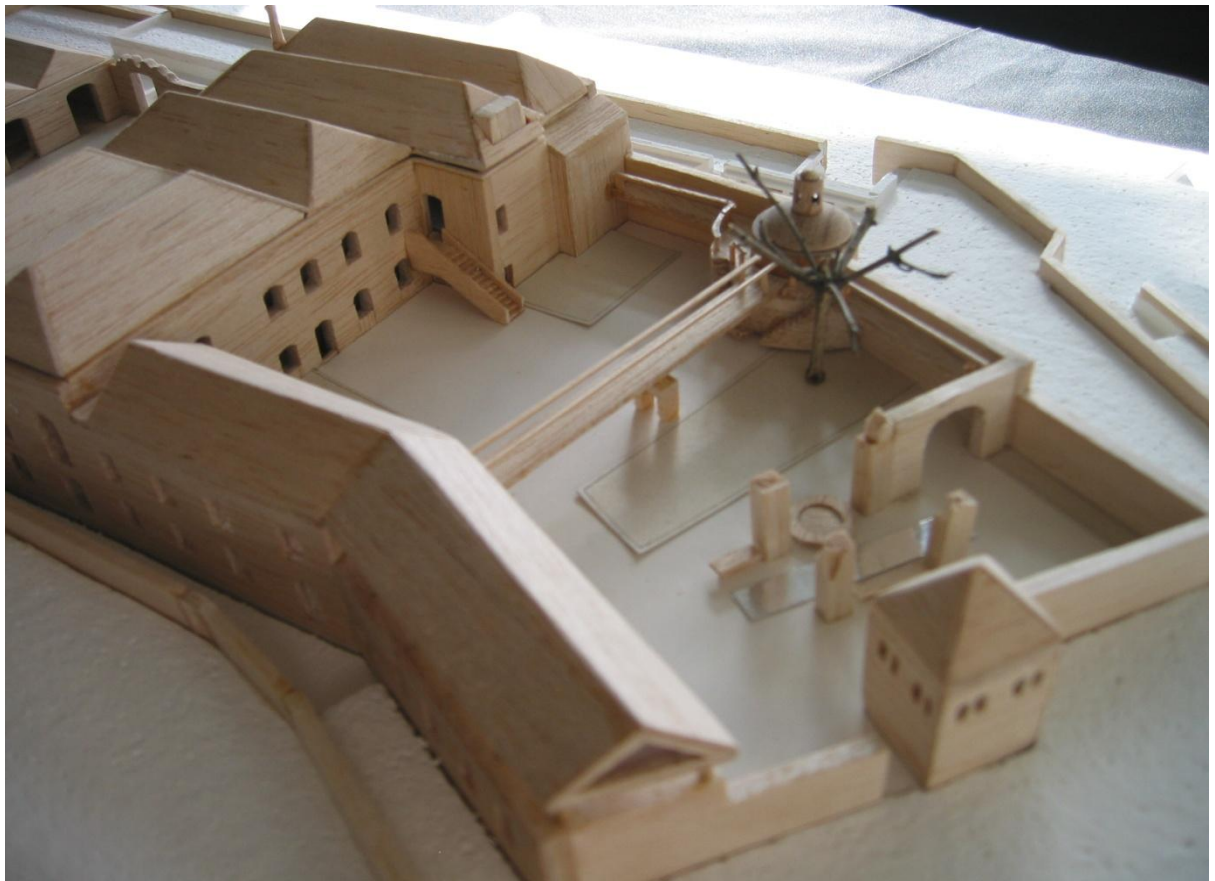
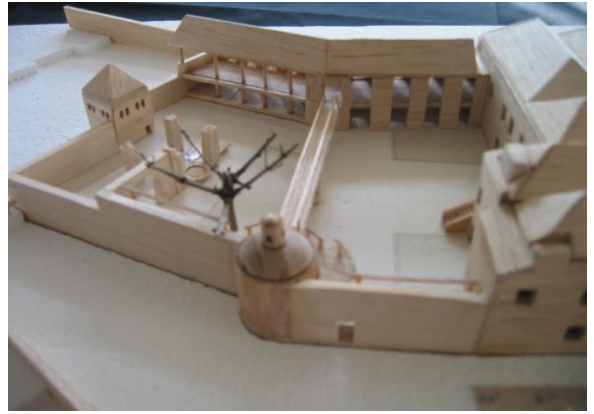
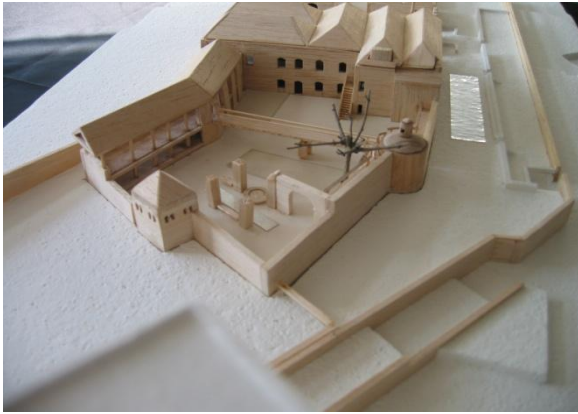




Maquete 1/200





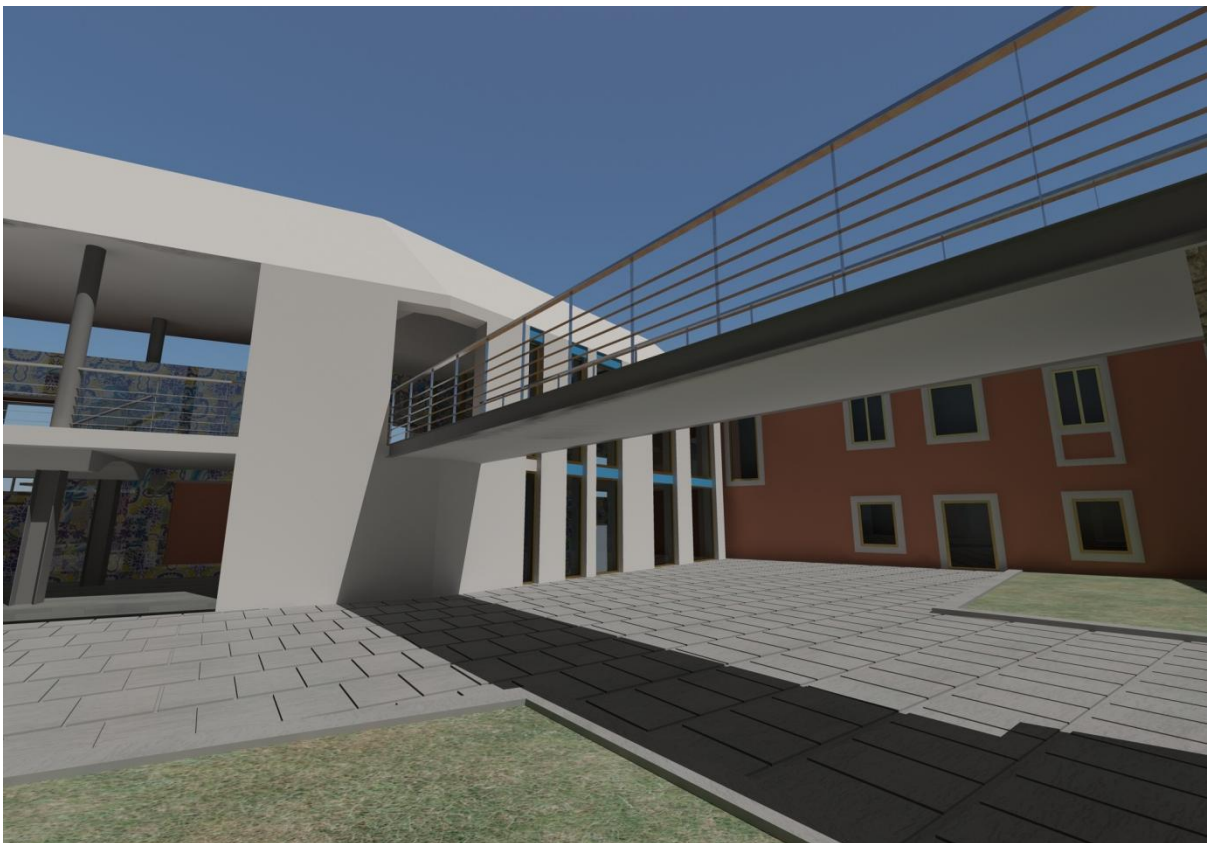
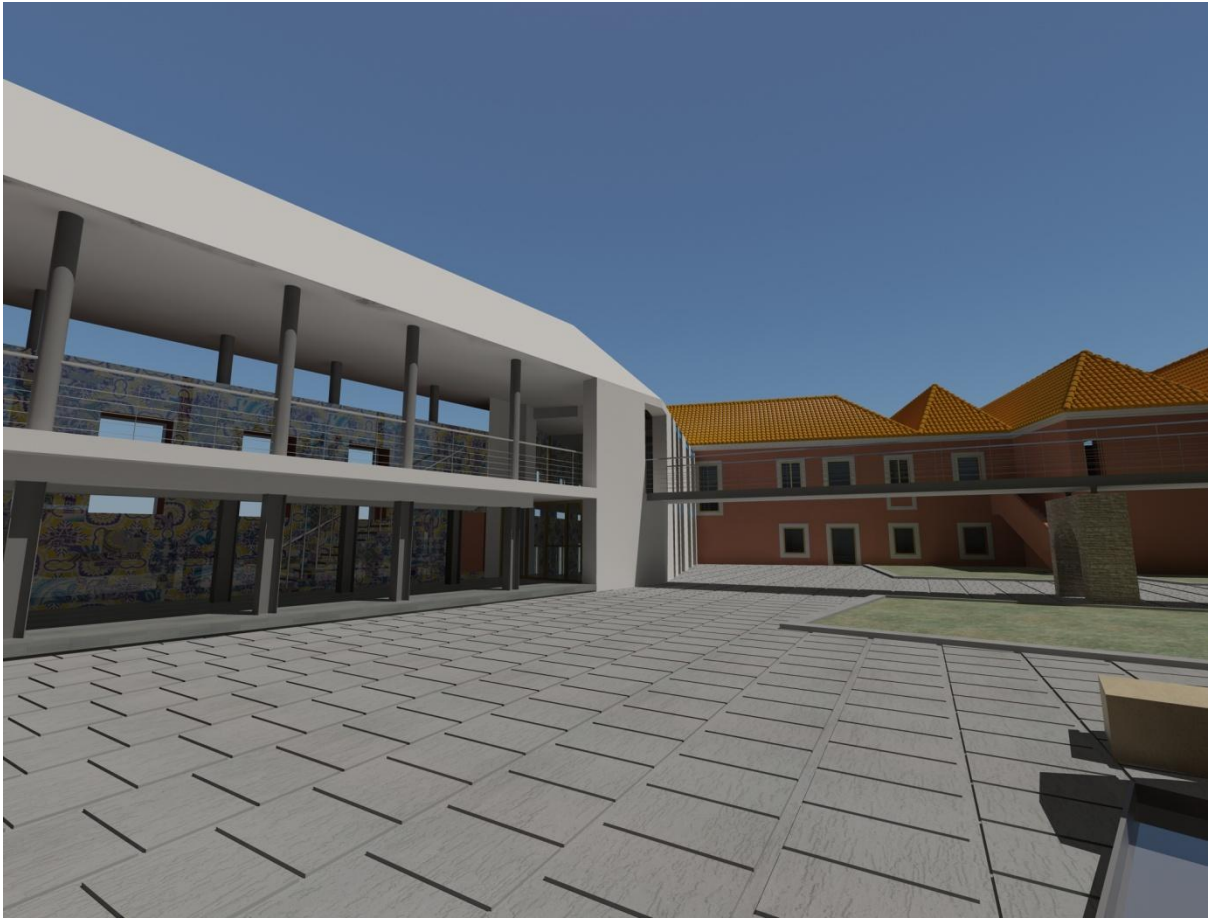


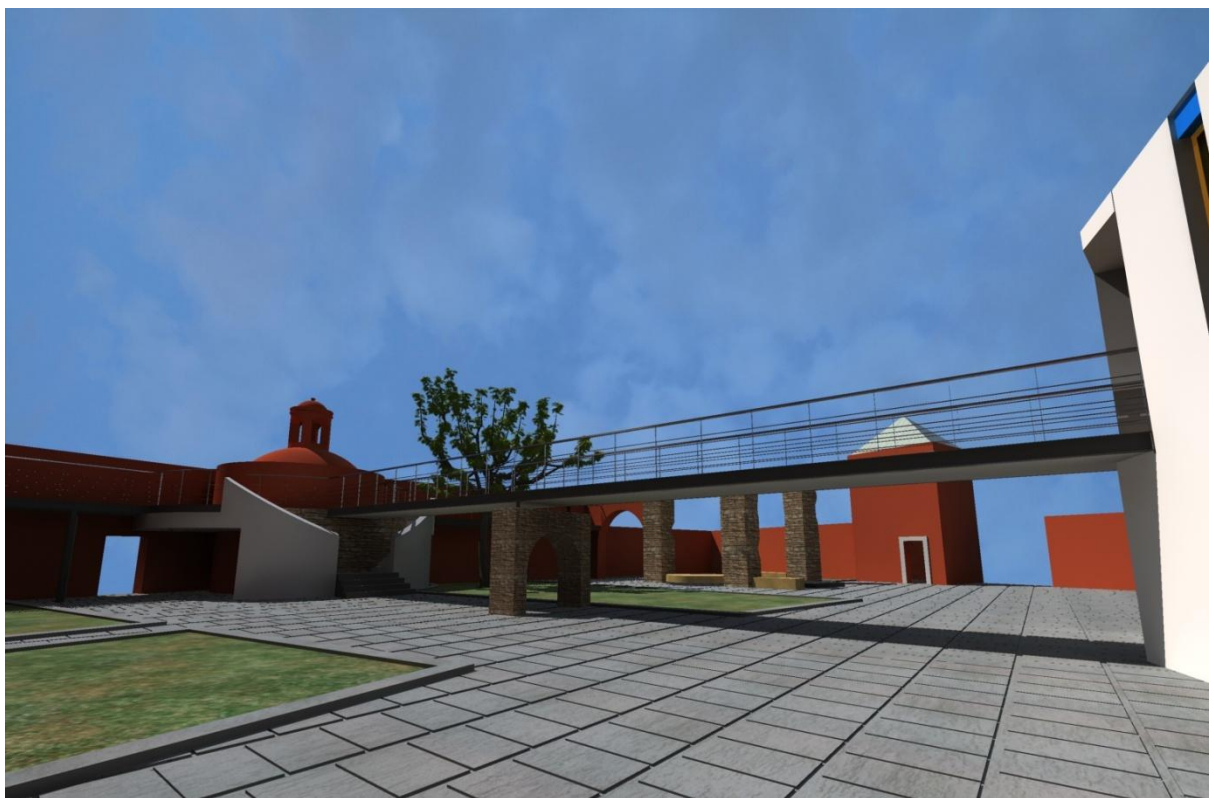
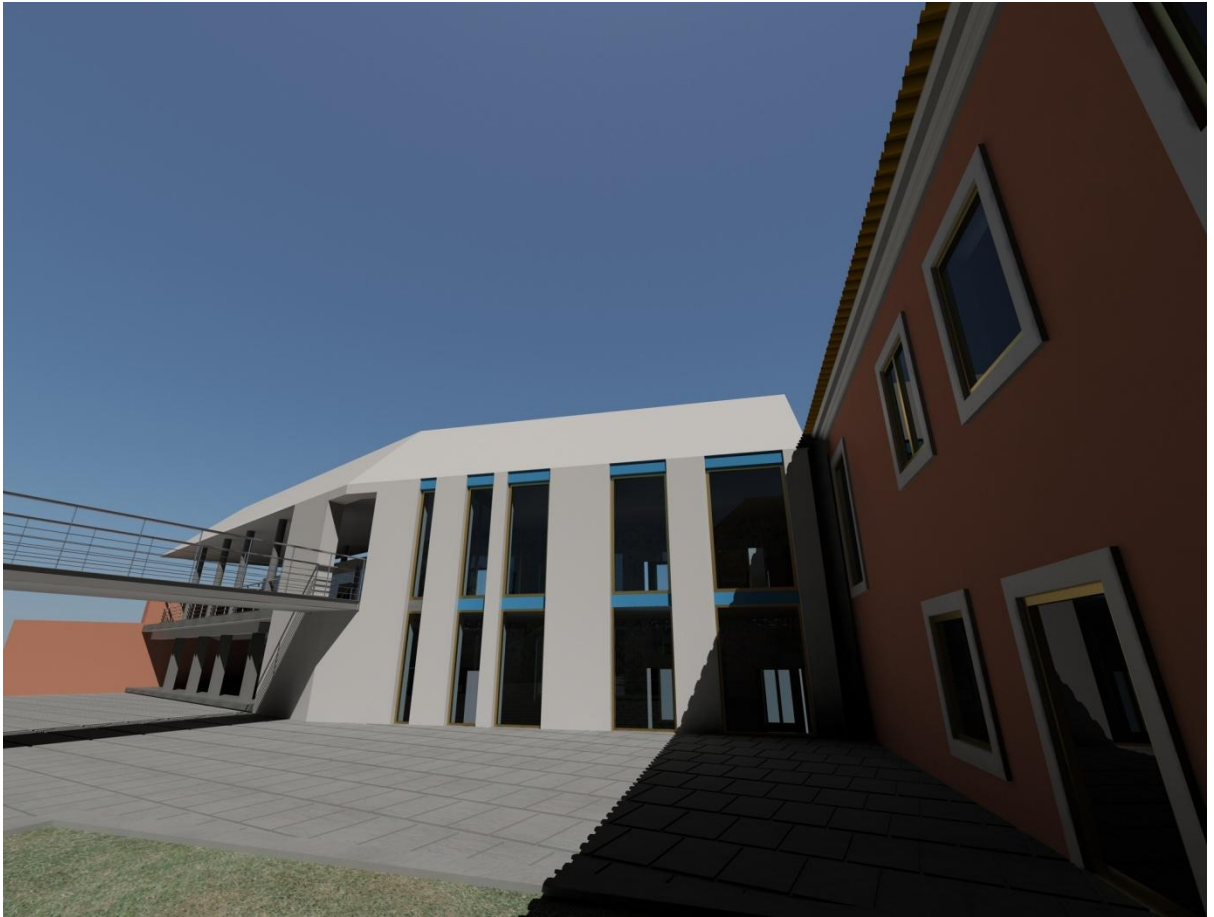
7-Modelo Digital

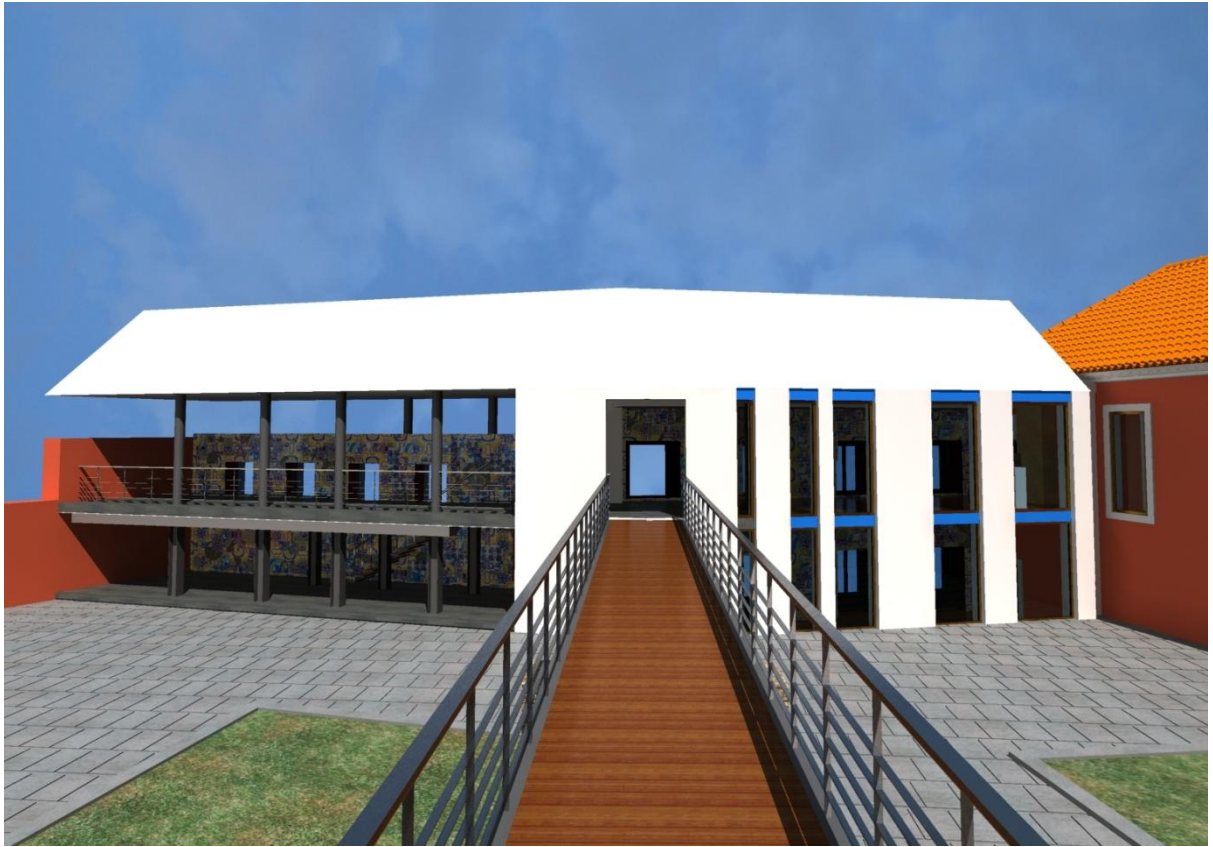
Perspectivas













8-Listagem dos Desenhos

Desenho nº1- Planta de Localização – Esc. 1/3500

Desenho nº2- Planta de Coberturas– Esc. 1/1000

Desenho nº3- Corte AA`Perfil do Terreno– Esc. 1/650

Desenho nº4 e nº5- Planta de Existente e Proposta (Piso 0) – Esc. 1/600

Desenho nº6 e nº7 -Planta de Existente e Proposta (Piso 1) – Esc. 1/600

Desenho nº8 e nº9- Alçados : Fachada Nordeste, Fachada Sudoeste – Esc. 1/300

Desenho nº10 e nº11-Alçados : Fachada Sudeste, Fachada Noroeste – Esc. 1/200

Desenho nº12-Planta de Piso 0 – Esc. 1/400

Desenho nº13-Planta de Piso 1 – Esc. 1/400

Desenho nº14 e nº15- Corte EE` e Corte FF`- Esc. 1/250

Desenho nº16- Corte GG`- Esc. 1/100

Desenho nº17- Corte HH`- Esc. 1/200

Desenho nº18- Corte FF`- Esc. 1/100

Desenho nº19- Corte JJ`- Esc. 1/100

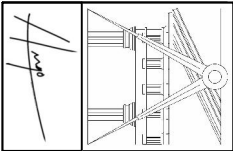
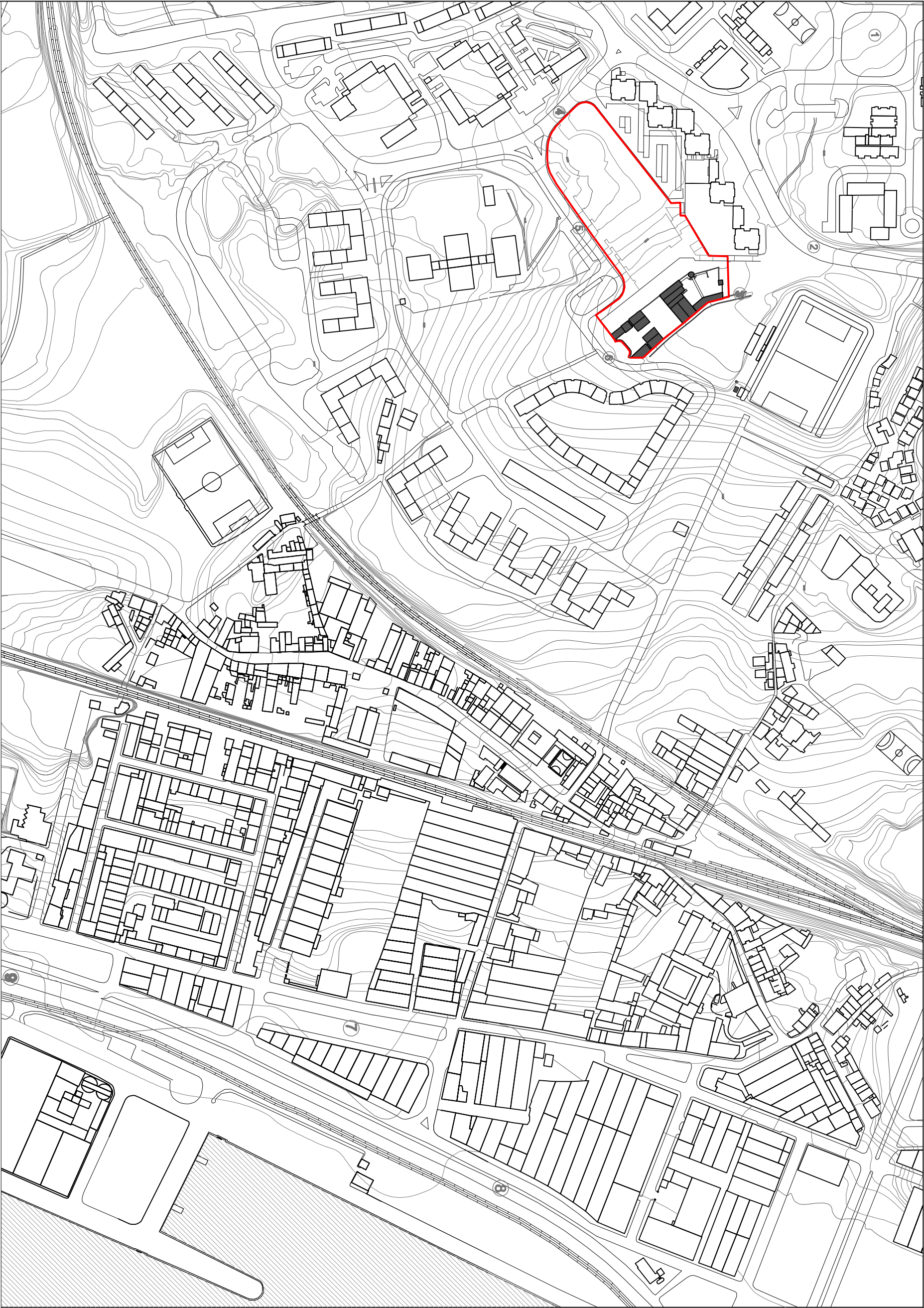
Desenho nº20- Corte FF`- Esc. 1/50 e 1/20

Desenho nº21- Corte JJ`- Esc.1/50 e 1/20

Desenho nº22-Mapa de Pavimentos e Paredes- Esc.1/500

Desenho nº23- Pormenores de Pavimentos – Esc. 1/50

/



Reabilitação da Quinta dos Alfínetes - Casa Museu de Marvila

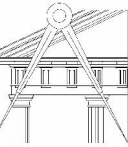
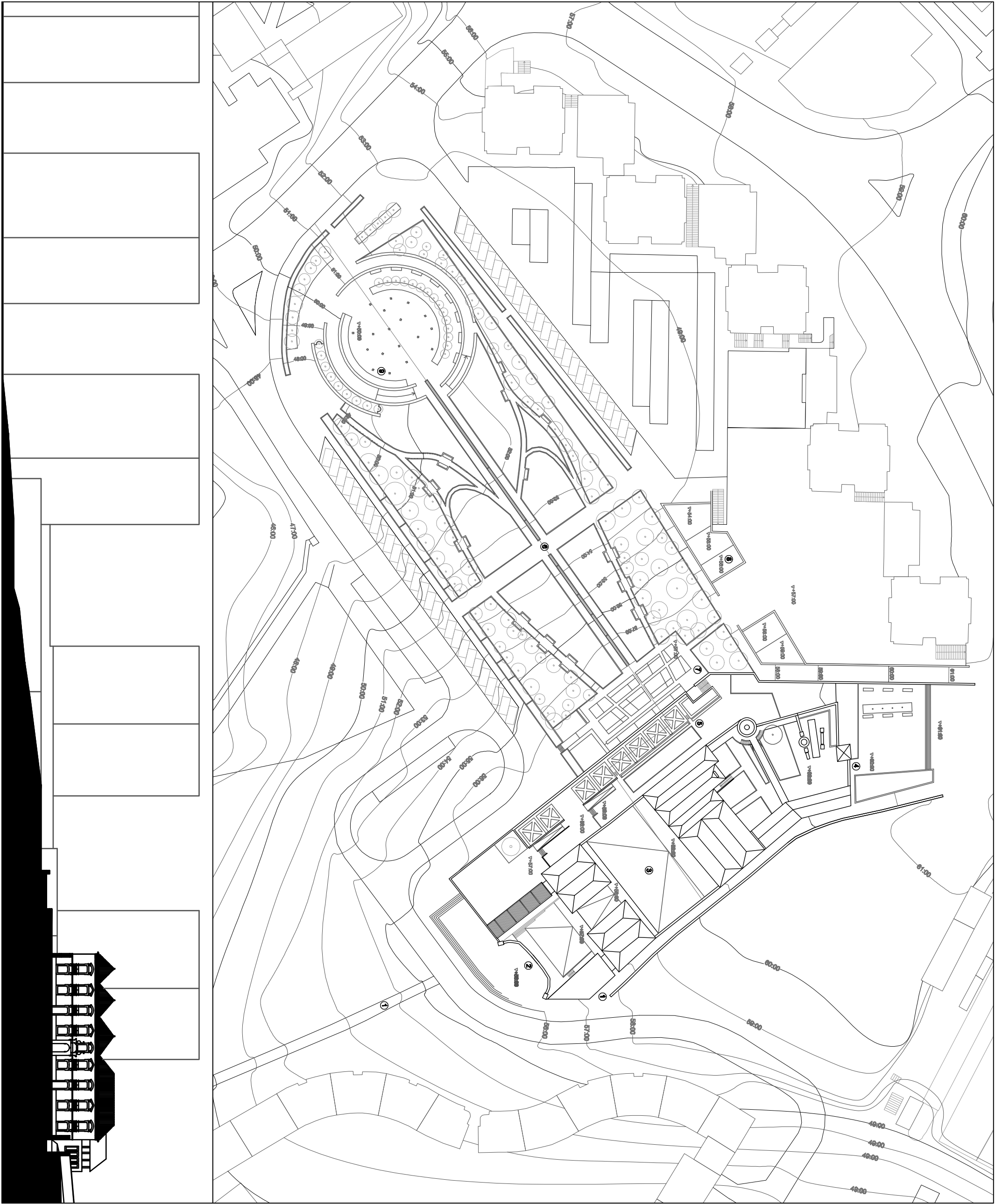
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327 Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires

Nº Des: 1 Designação: Planta de Localização

Escala: 1/3500



Legenda: -- Limite da intervenção GPS : 38º44`33.19`` N9º06`38.38`` O
1- MARVILA 2- AV. PAULO VI 3- AZINHAGA DOS ALFINETES
4- Rua DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ 5- Rua MÁRIO BOTAS
6 - Rua PADRE AMÉRICO 7- BEATO 8- Rua CINTURA DO PORTO
9- AV. INFANTE DOM HENRIQUE Localização



Reabilitação da Quinta dos Alfinetes - Casa Museu de Marvila

Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327 Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires



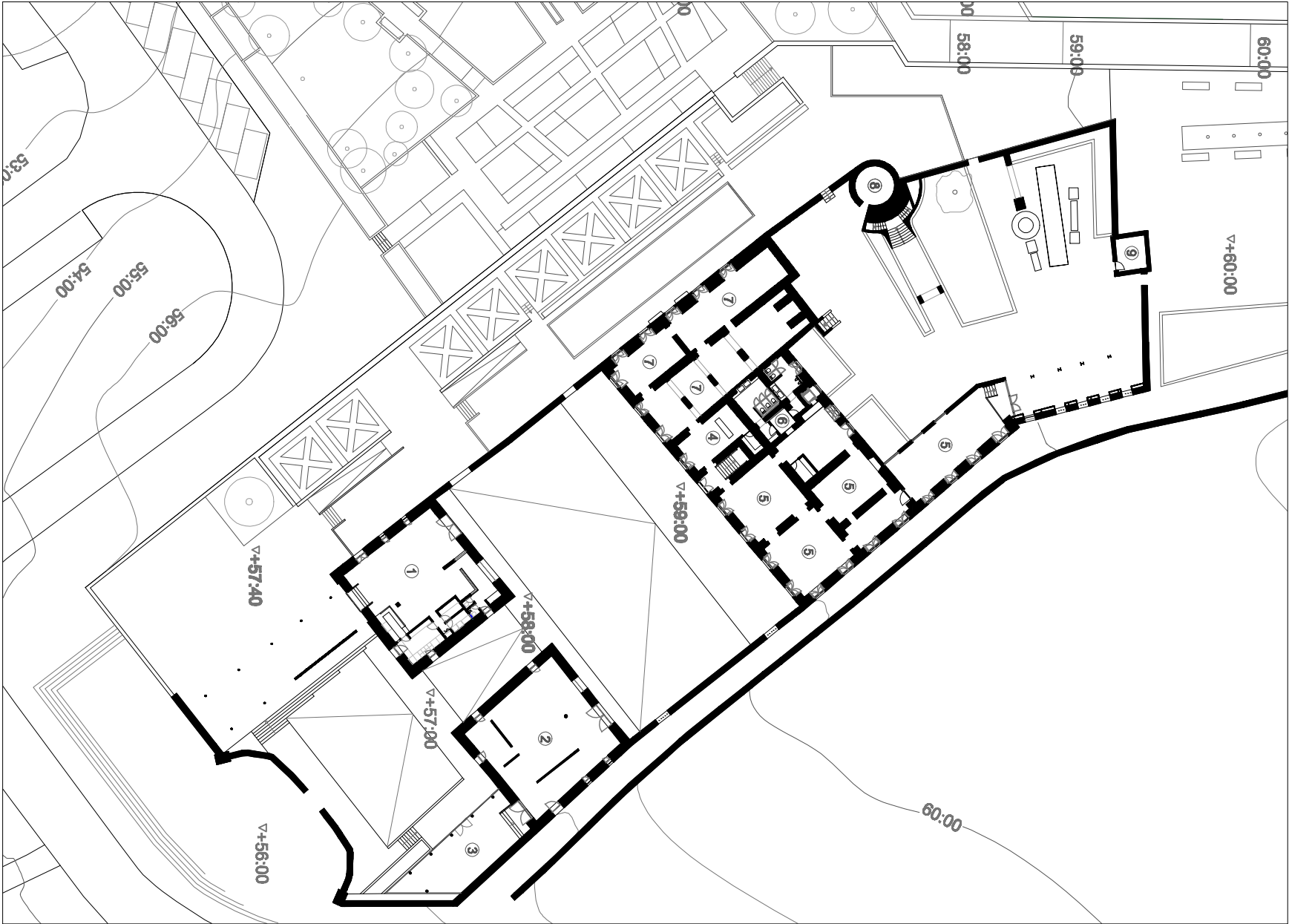
Nº Des: 2,3

Designação: Planta de Coberturas/ Corte AA`

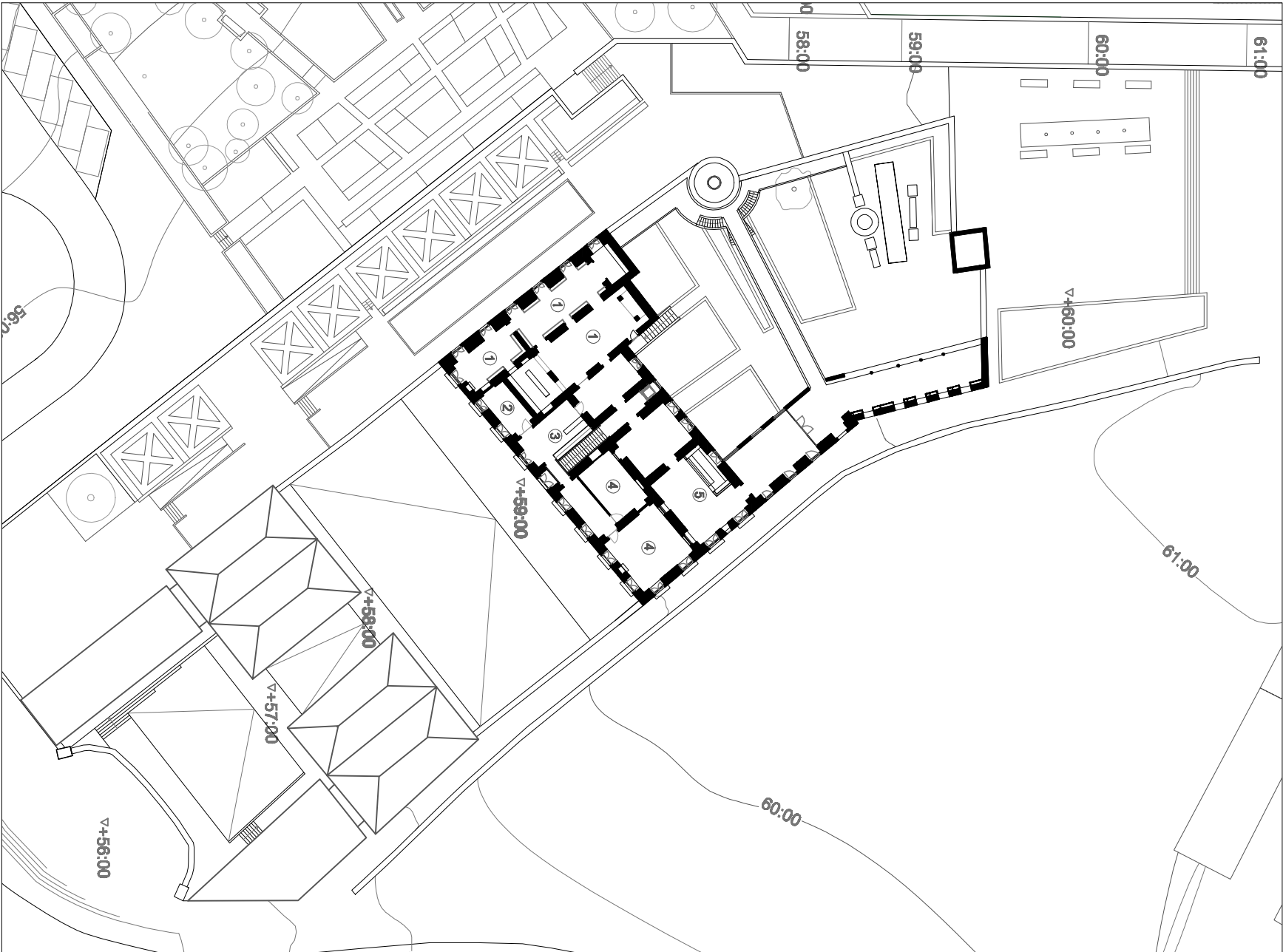
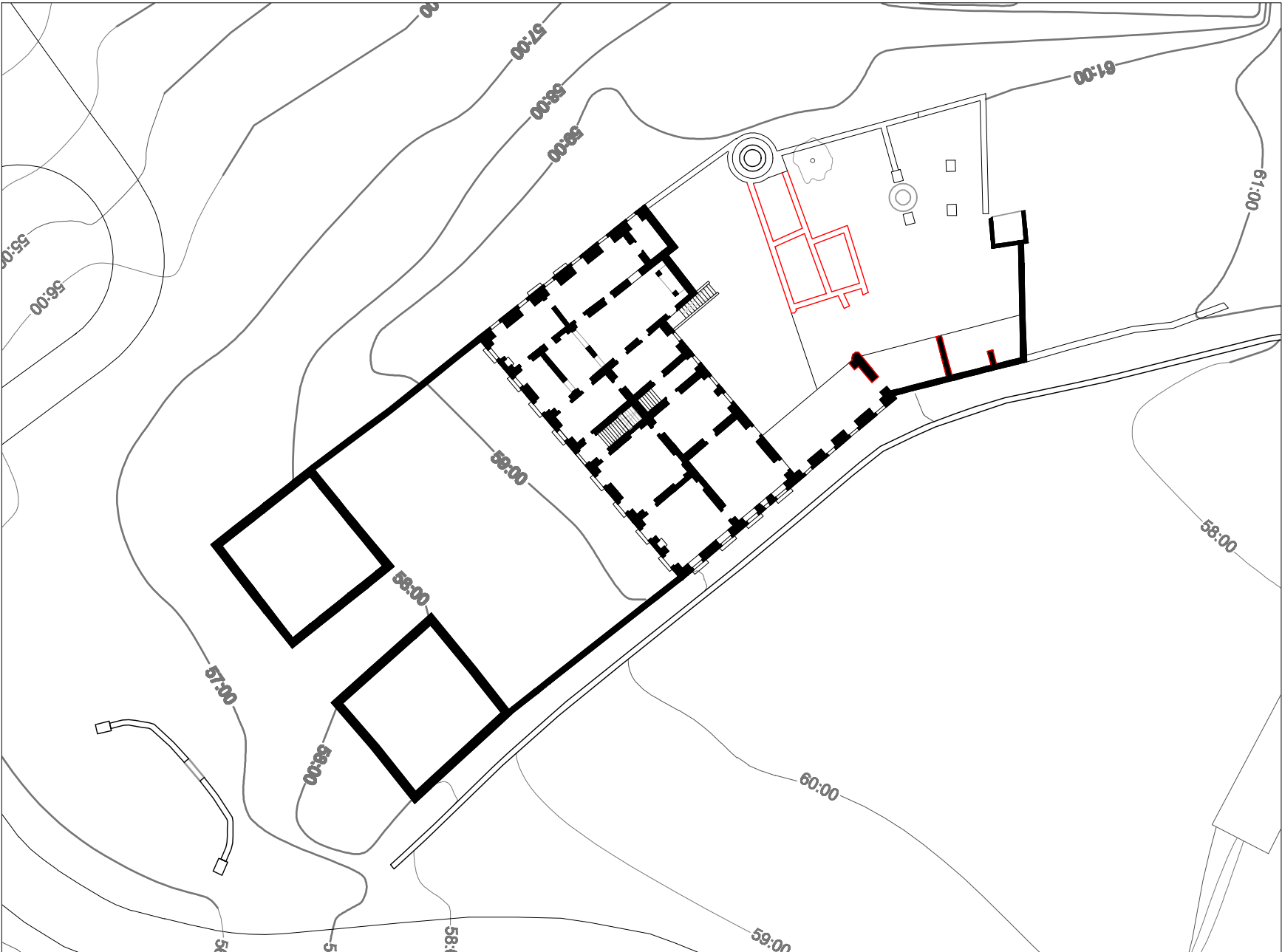
Escala: 1/1000;1/650



- Legenda:**
- 1- AZINHAGA DOS ALFINETES 2- ENTRADA PRINCIPAL
 - 3- CASA MUSEU DE MARVILA 4- ENTRADA TARDOZ
 - 5- JARDIM FORMAL, ESPELHO DE ÁGUA 6-JARDIM DOS ALFINETES
 - 7- JARDIM PEDAGÓGICO 8- JARDIM DE CHEIROS
 - 9- ESPELHO DE ÁGUA E SPRINCKLERS
 - AA` - CORTE/PERFIL DO TERRENO

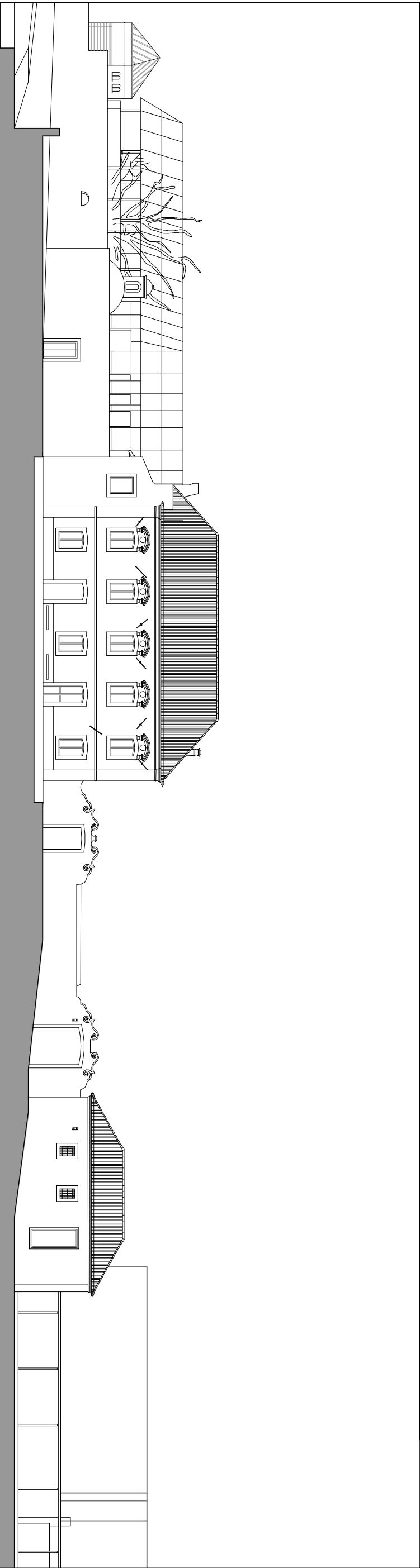
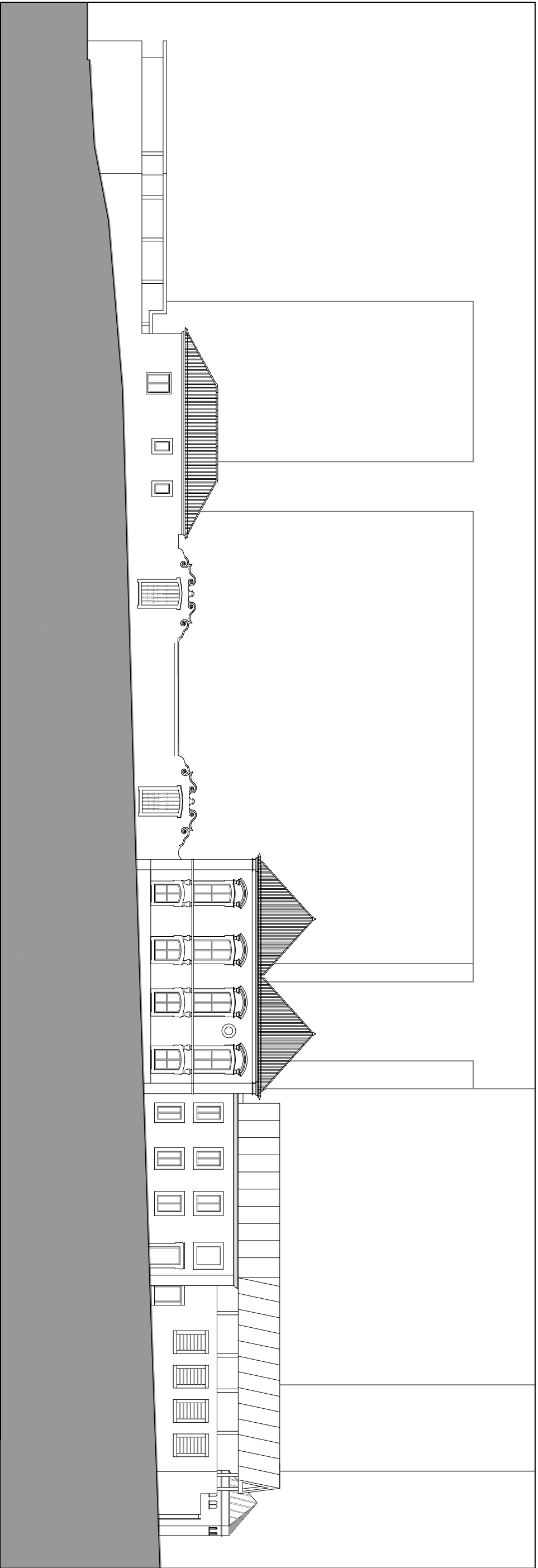


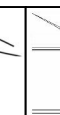
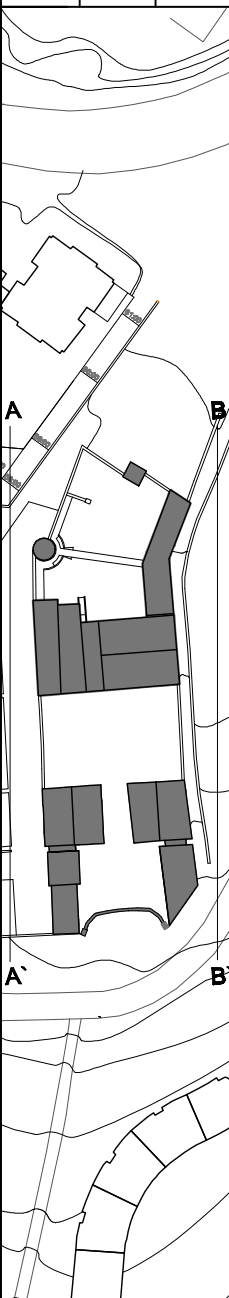

<div>Reabilitação da Quinta dos Alfinetes - Casa Museu de Marvila</div>		
<div>Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327</div>	<div>Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires</div>	
<div>Nº Des: 4,5</div>	<div>Designação: Planta de Existente Piso 0 / Proposta</div>	<div>Escala: 1/600</div>
<div>1</div>		
<div><div>Legenda:</div><div>1- Casa de Chá 2- Auditório 3- Galeria 4- Recepção 5- Circuito de Divulgação 6- I.S.</div><div>7- Circuito da Memória 8- Minarete 9- Torreão</div><div>--- Remoção : Apoios agrícolas e paredes</div><div>(Destruição total e parcial existente)</div></div>		

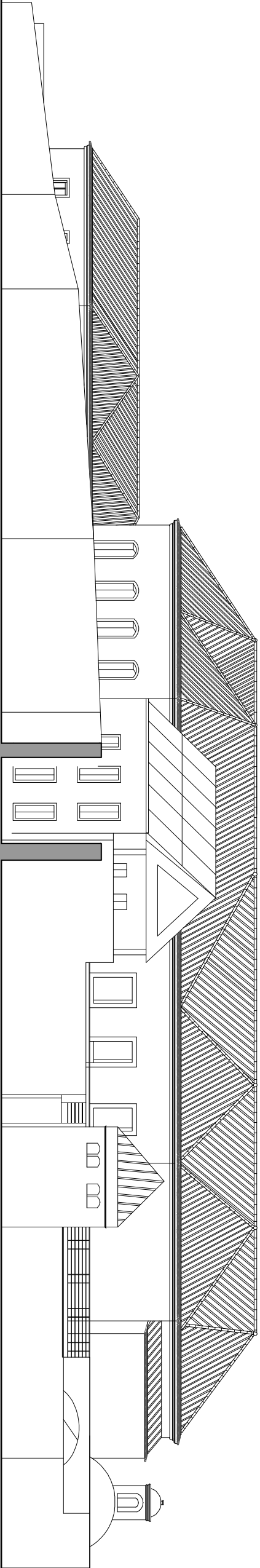
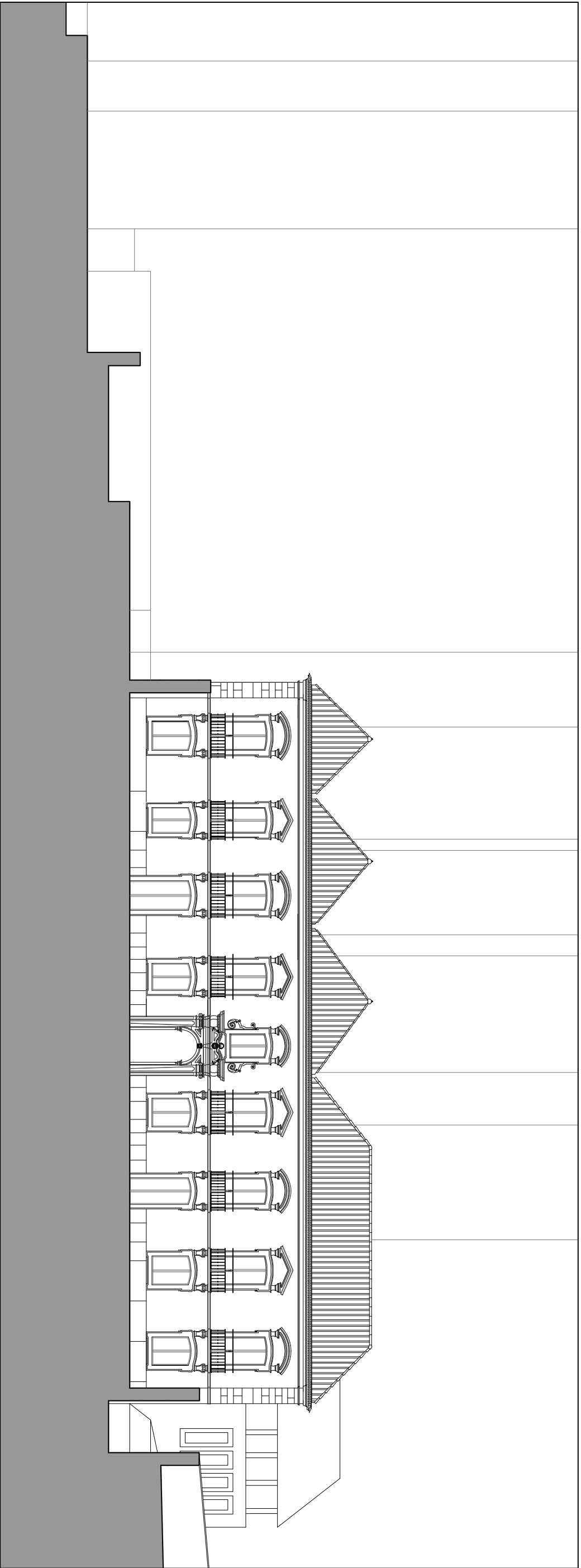





<div>Reabilitação da Quinta dos Alfineses - Casa Museu de Marília</div>		
<div>Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327</div>	<div>Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires</div>	
<div>Nº Des: 6,7</div>	<div>Designação: Planta de Existente 1 / Proposta</div>	<div>Escala: 1/600</div>
<div>1</div>		

Legenda:
1- Casa de Chá 2- Auditório 3- Galeria 4- Recepção 5- Circuito de Divulgação 6- I.S.
7- Circuito da Memória 8- Minarete 9- Torreão
-- Remoção : Apoios agrícolas e paredes
(Destruição total e parcial existente)



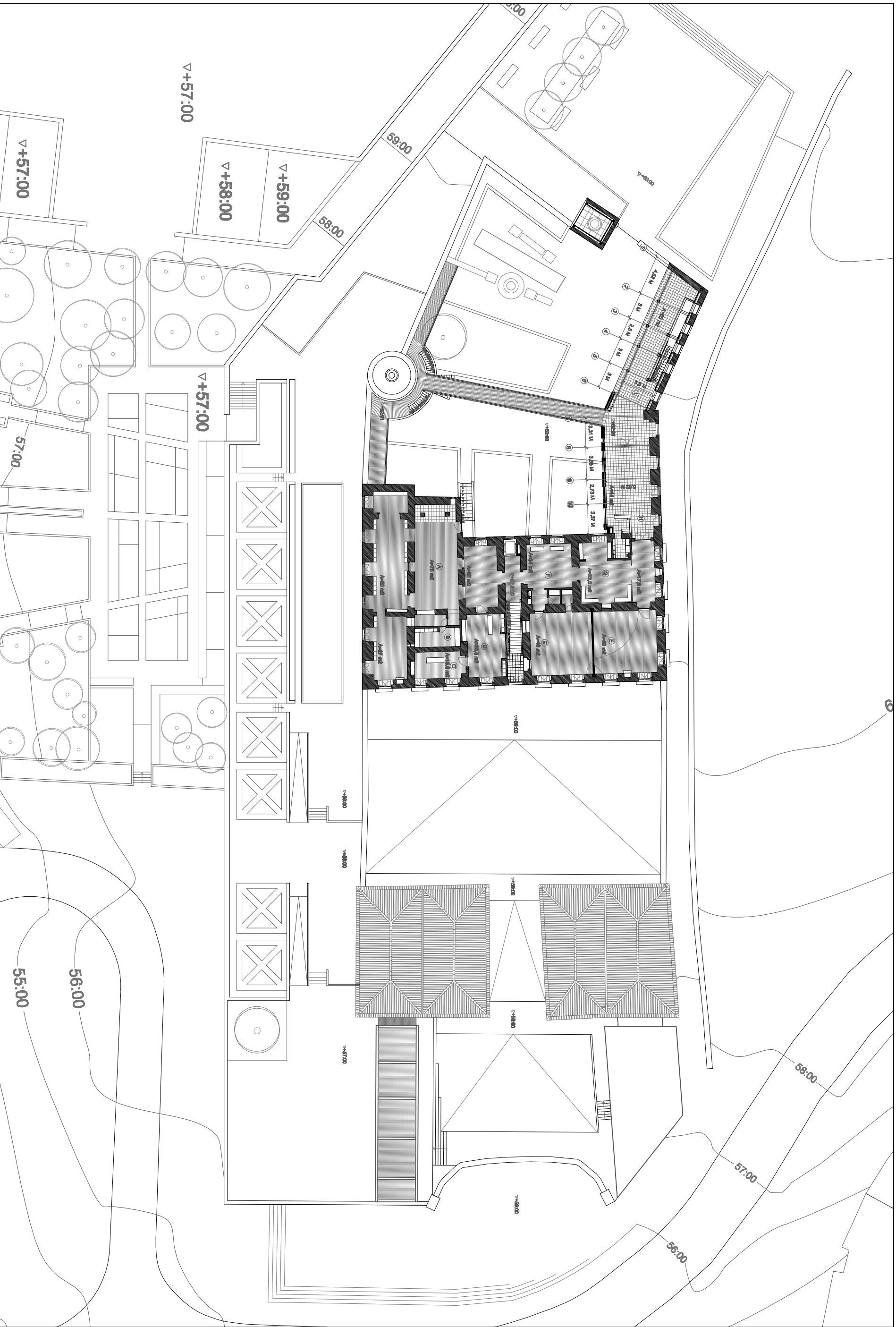
								
Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila								
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires						
Nº Des: 8,9	Designação: Alçados Nordeste/Sudoeste		Escala: 1/300					
								





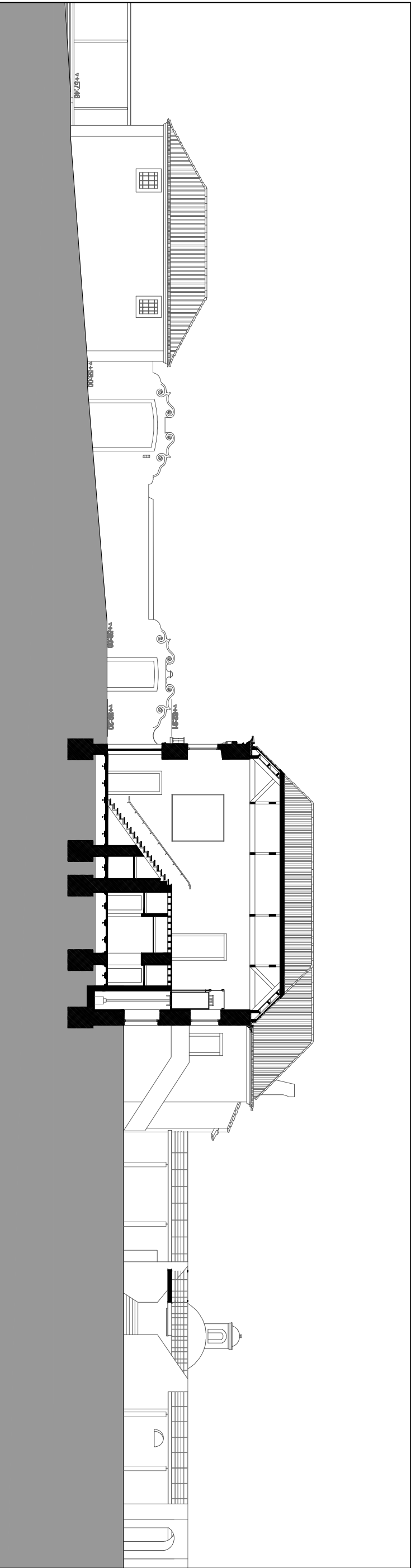
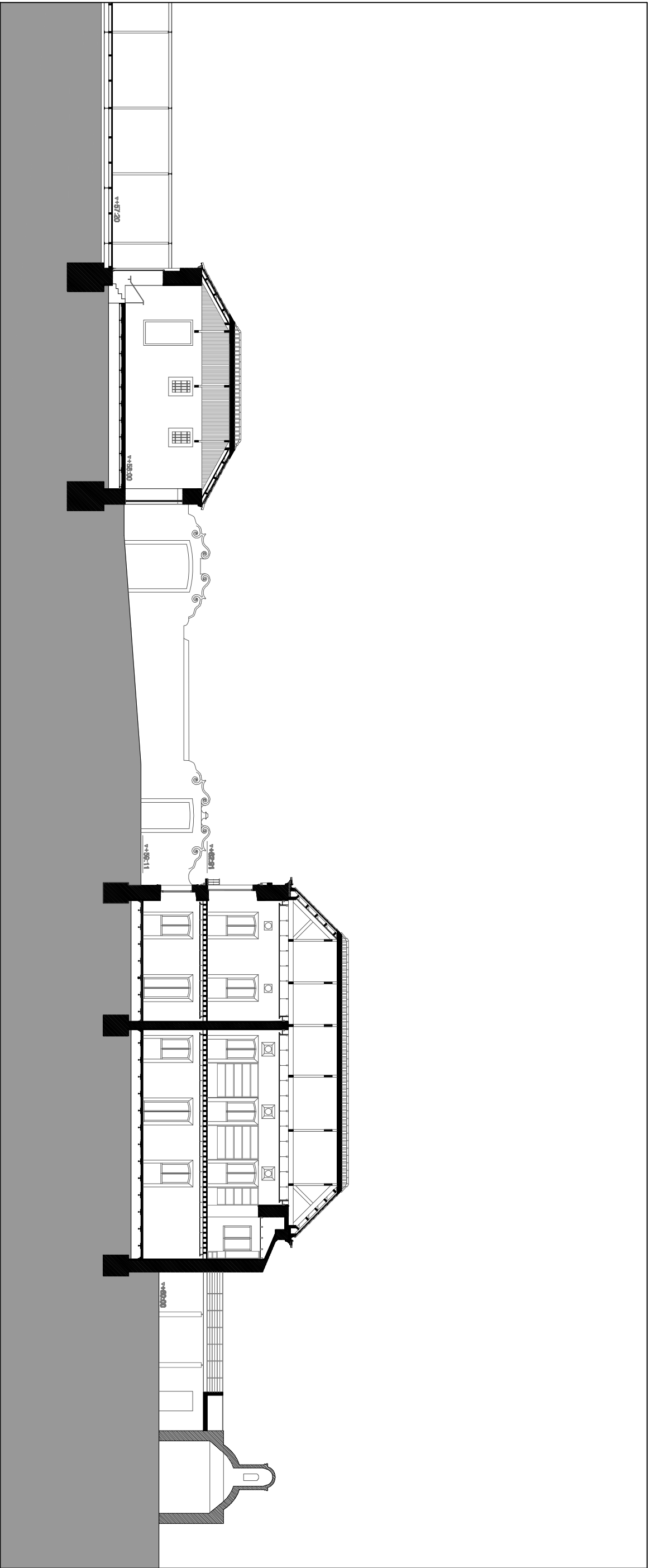
			Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila		
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires			
Nº Des: 10,11	Designação: Alçados Sudeste/Nordeste		Escala: 1/200		
					
					

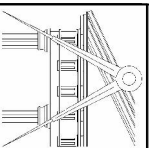
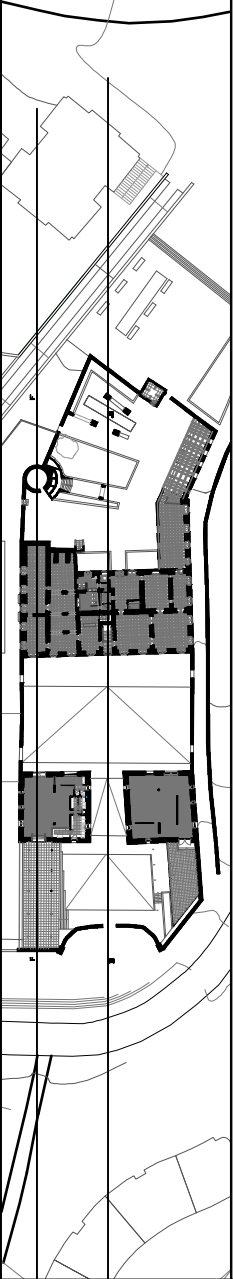


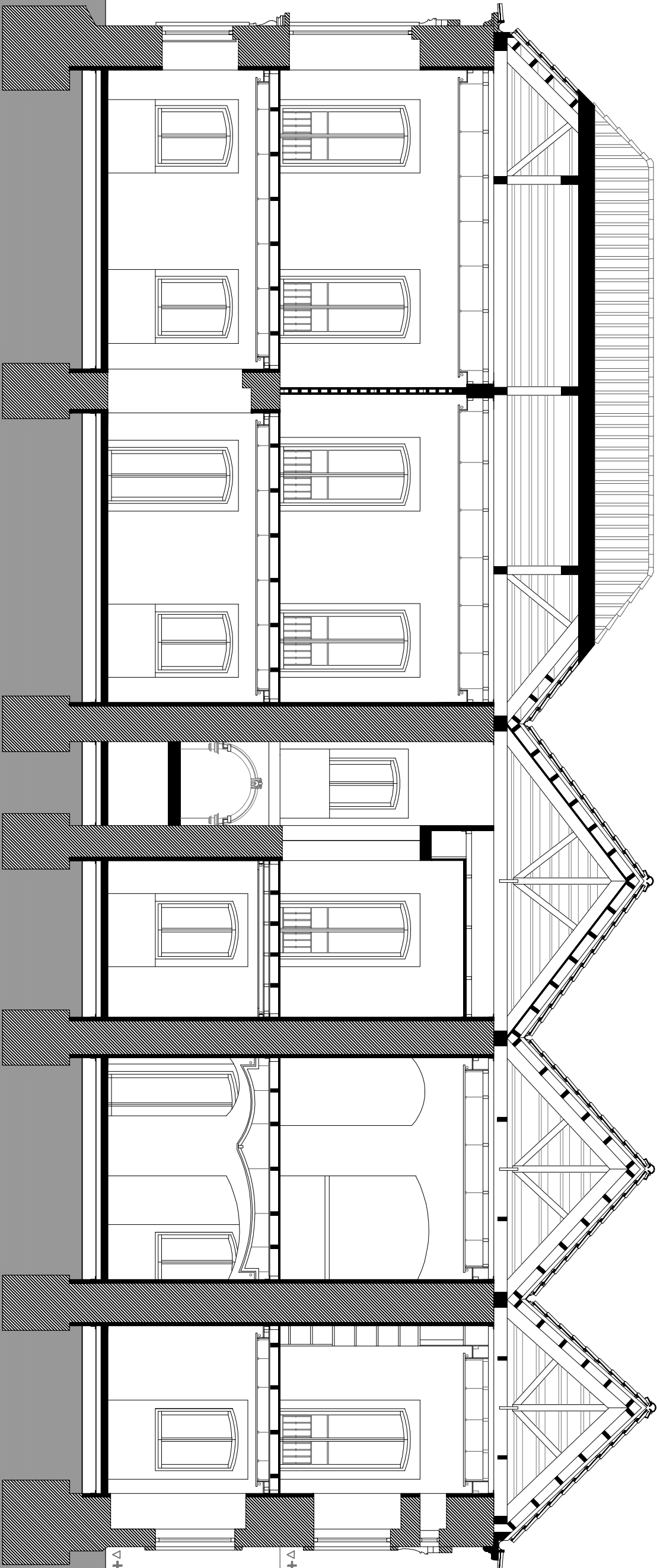
<div></div> <div>Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila</div>		
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires
Nº Des: 12	Designação: Planta piso térreo	Escala: 1/400
<div><div>Legenda:</div><div><div>A- Auditório</div><div>B- Casa de Chá</div><div>C- Galeria</div><div>D- Esplanada</div><div>E- Circuito de Divulgação</div><div>F- Recepção</div><div>G- I.S.H</div><div>H- Circuito da Memória</div><div>I- Galeria</div><div>J- Torreão</div></div></div>		



			<div>Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila</div>		
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327			Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires		
Nº Des: 13	Designação: Planta piso 1	Escala: 1/400			
<div>Legenda:</div> <div>A- Biblioteca B- Gabinete C- Recepção D- Sala de Aulas</div> <div>E- Sala F- Foyer G- Lounge H- Bar I- Esplanada</div>					



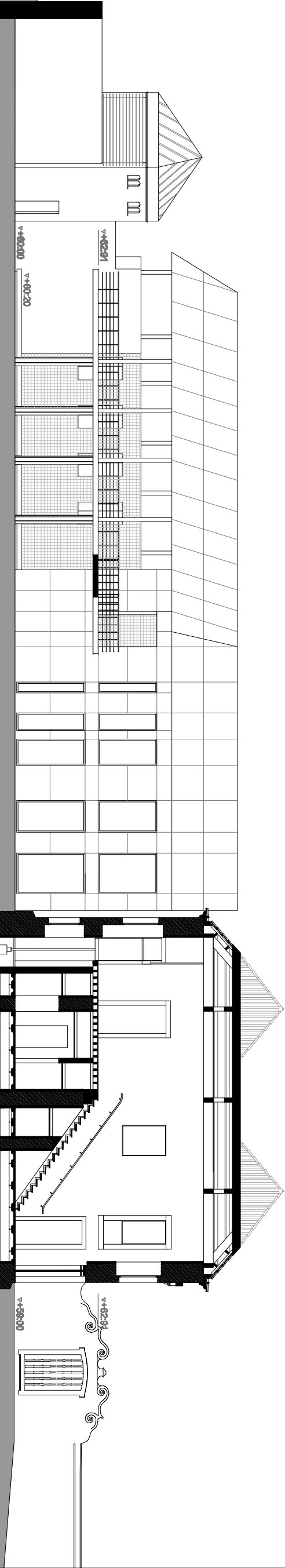
		
Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila		
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires
Nº Des: 14,15	Designação: Corte EE / Corte FF	Escala: 1/250
		


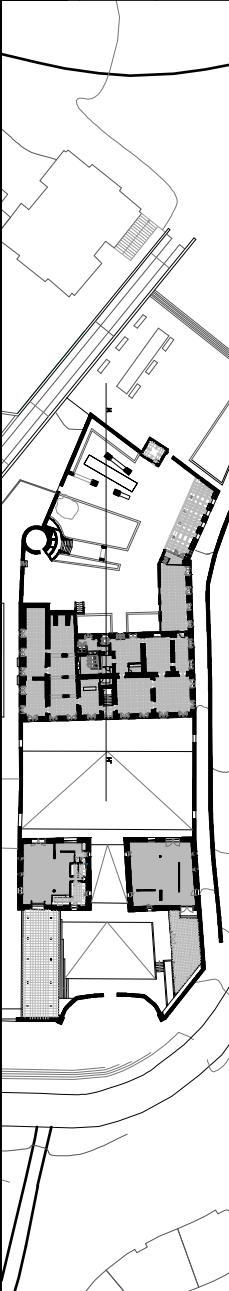



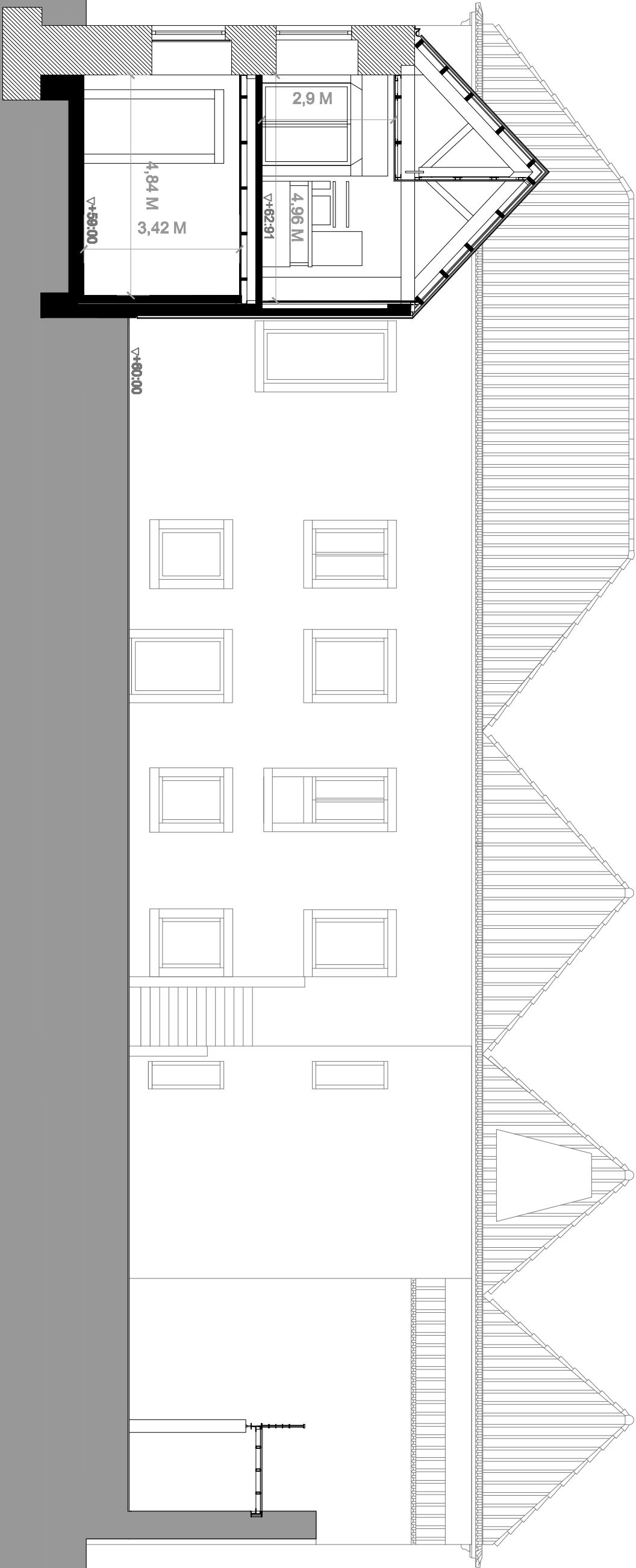
▽+59:00


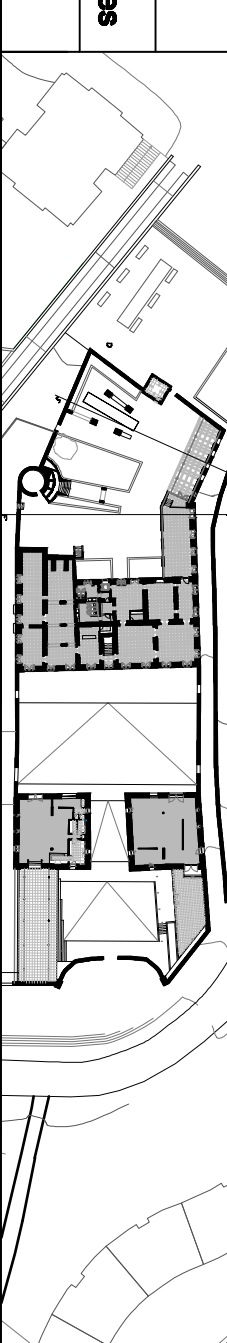

▽+62:91

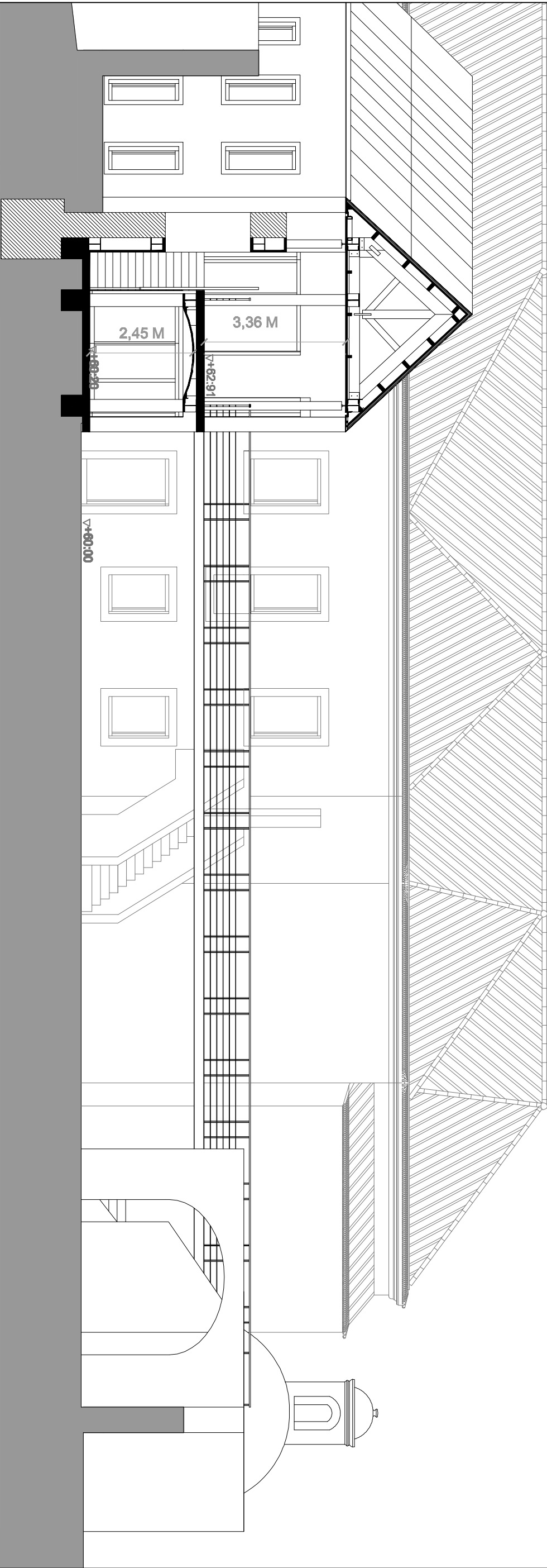
		Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila			
		Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº 5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires	
Nº Des: 16		Designação: Corte GG´		Escala: 1/100	



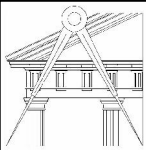
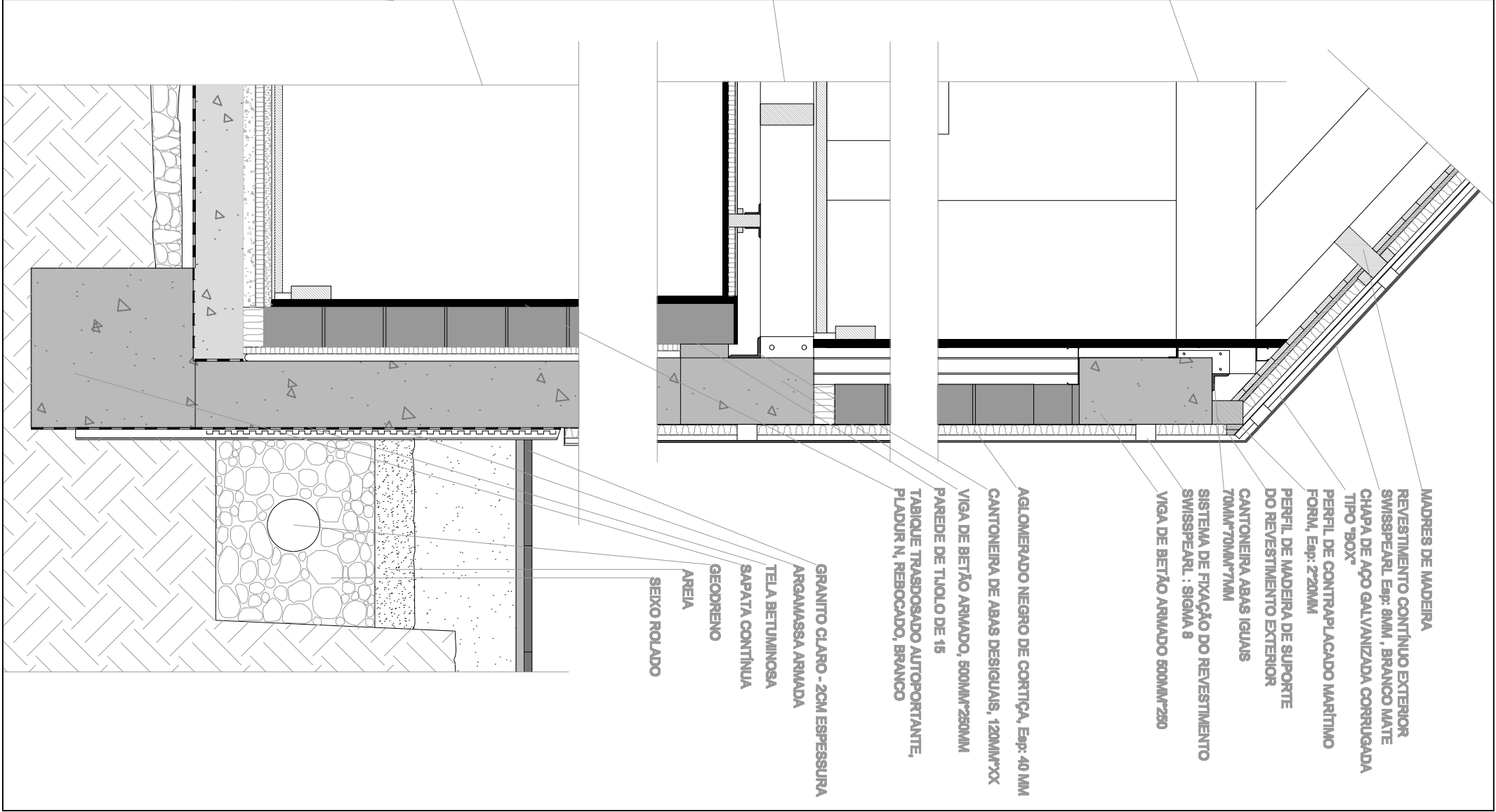
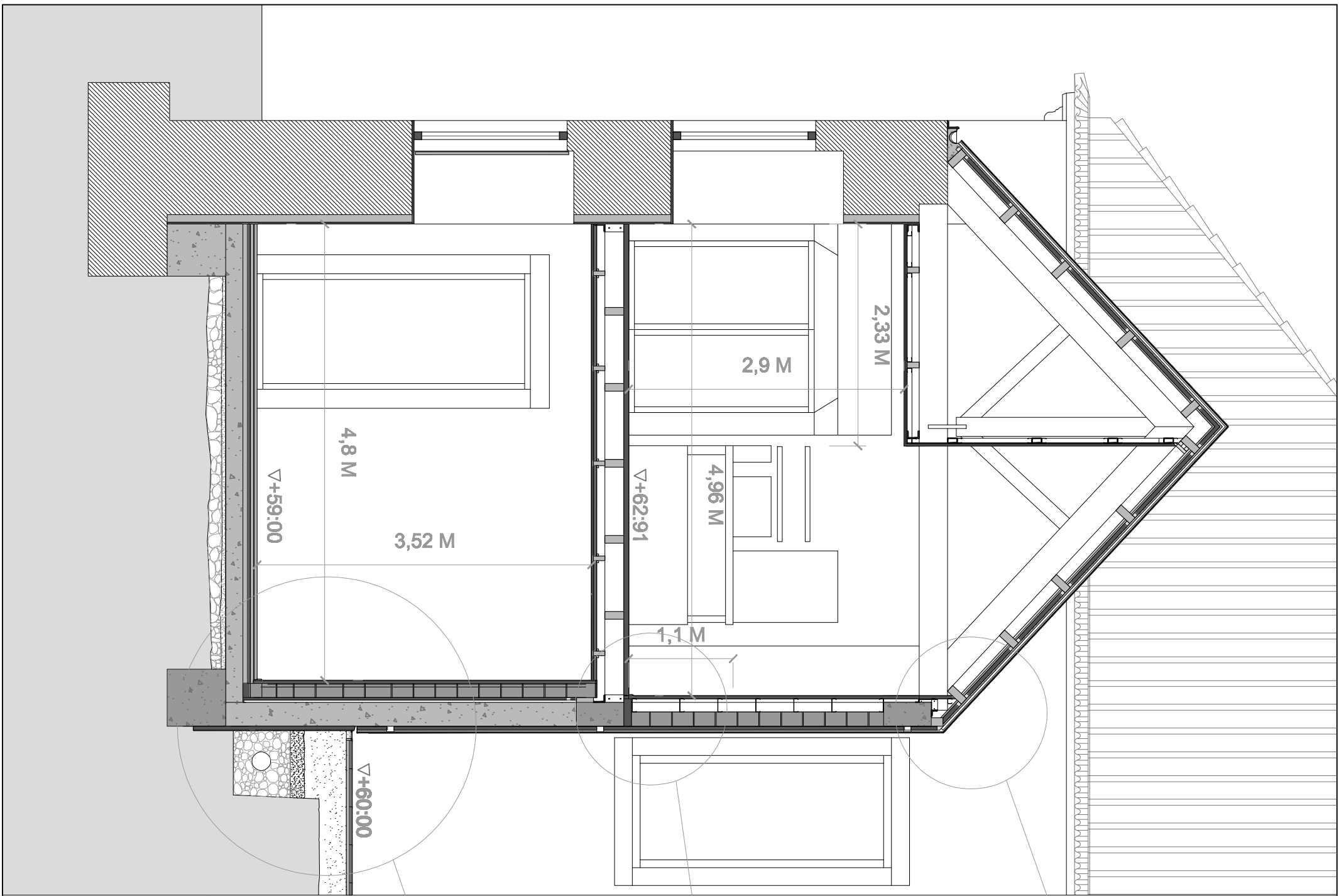
			Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila		
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires			
Nº Des: 17	Designação: Corte HH´		Escala: 1/200		
					



			Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila					
			Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327			Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires		
Nº Des:18			Designação: Corte FF			Escala: 1/100		



Reabilitação da Quinta dos Afínetes - Casa Museu de Marvila		
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires
Nº Des: 19	Designação: Corte JJ´	Escala: 1/100



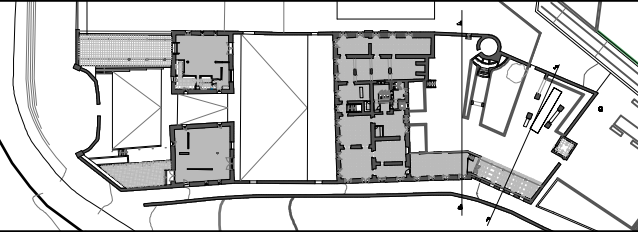
Reabilitação da Quinta dos Alfinetes - Casa Museu de Marvila

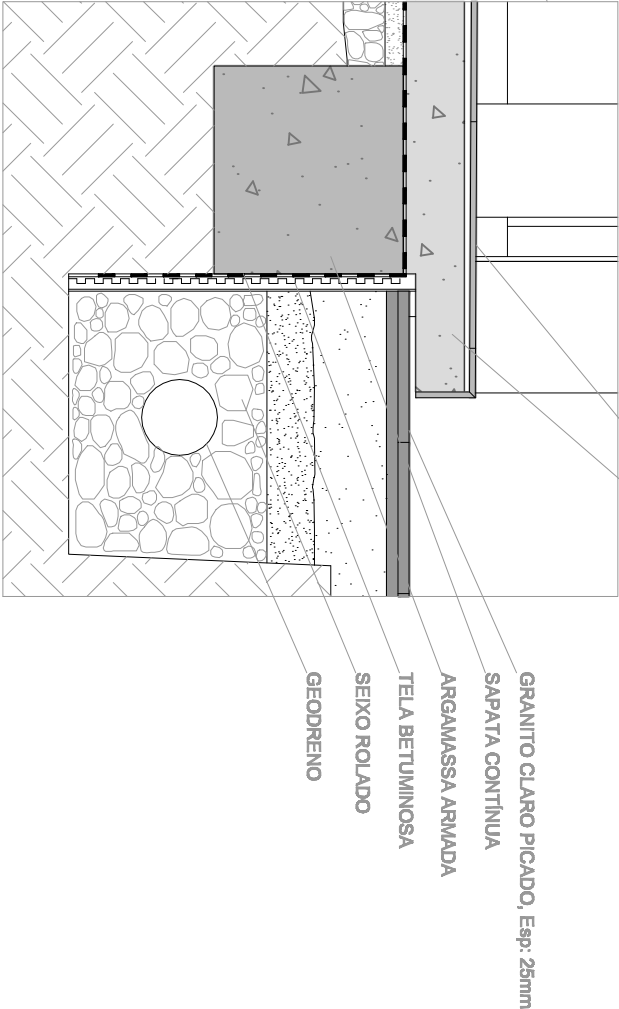
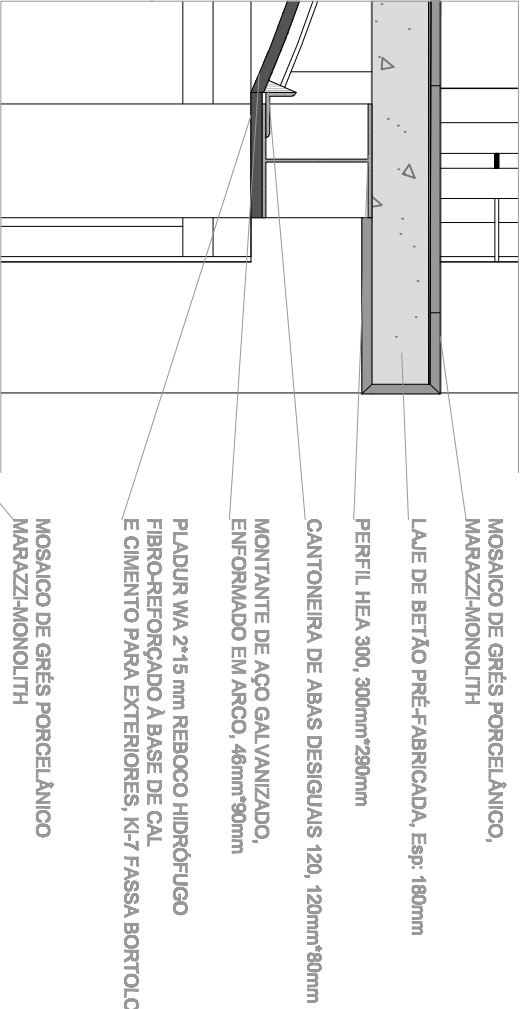
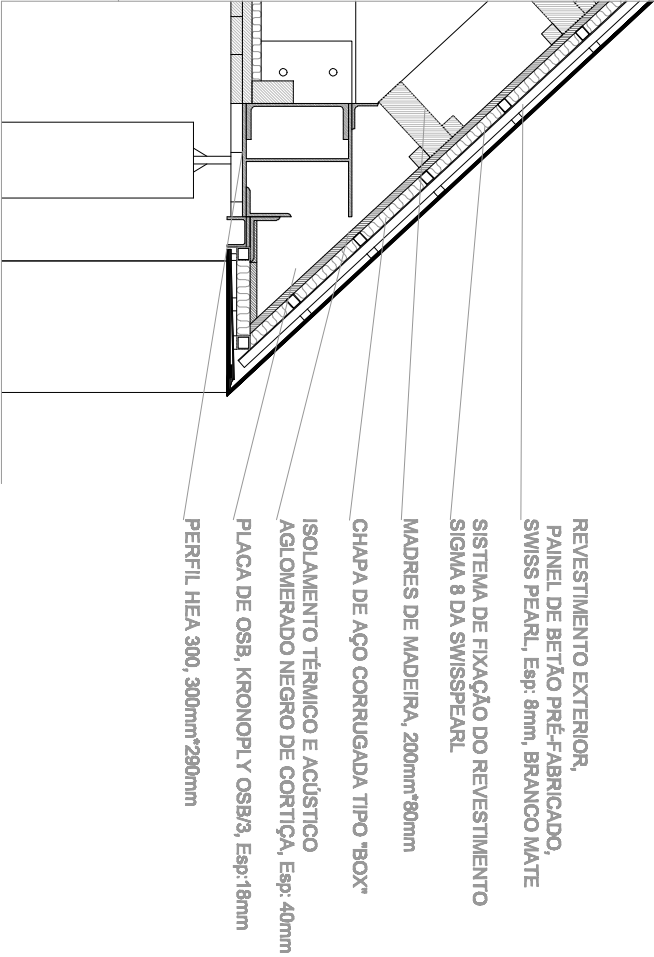
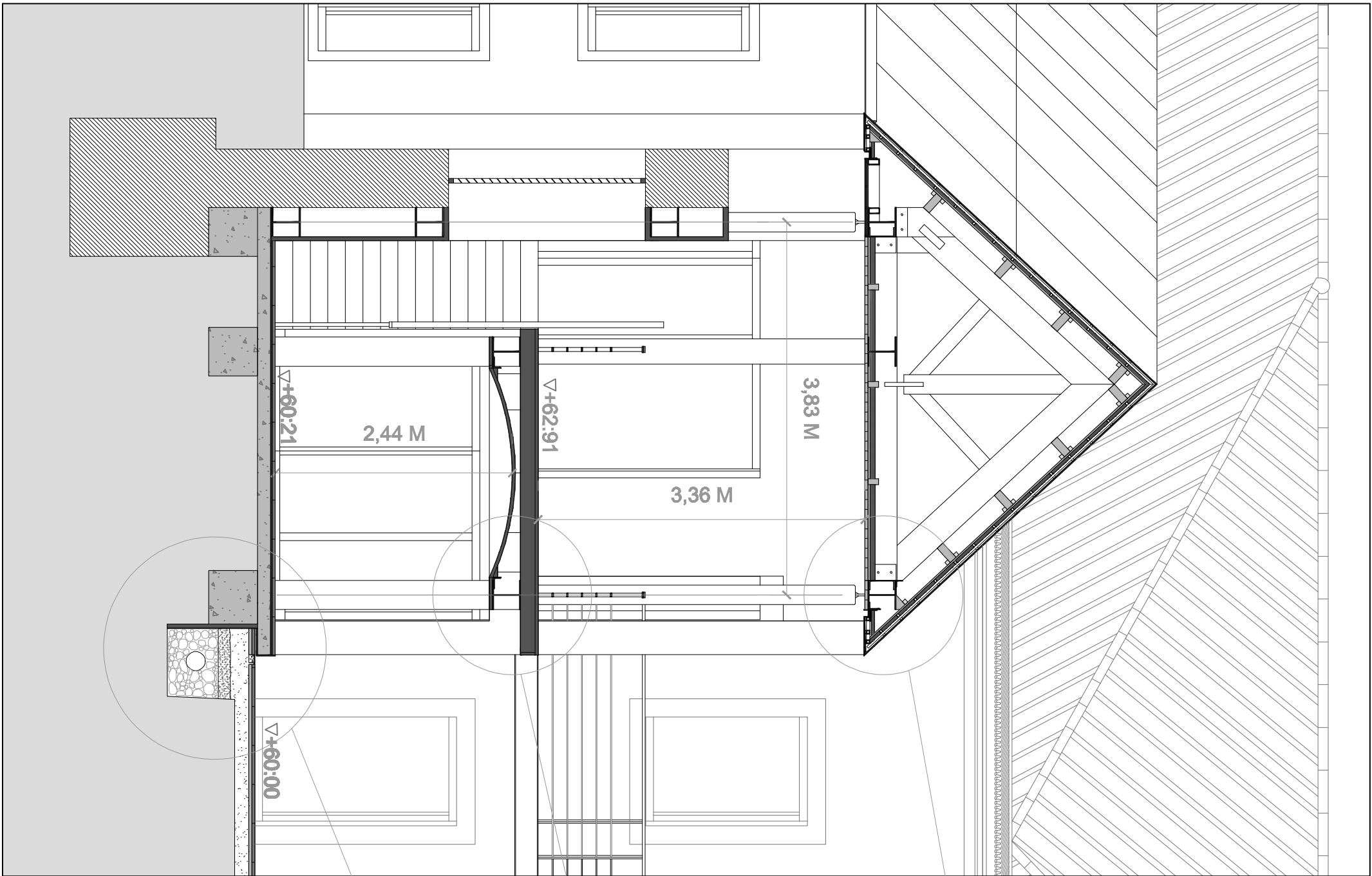
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327 Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires

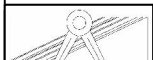
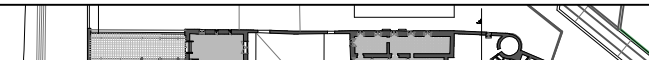

Nº Des:20

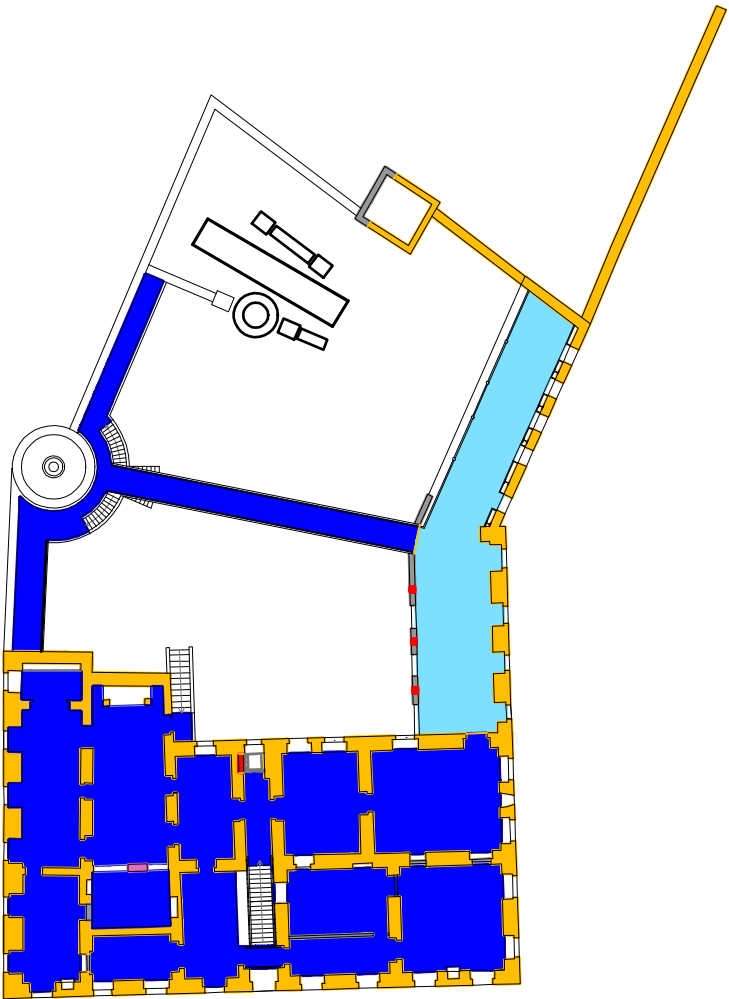
Designação: Corte FF`

Escala: 1/50 - 1/20


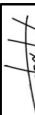


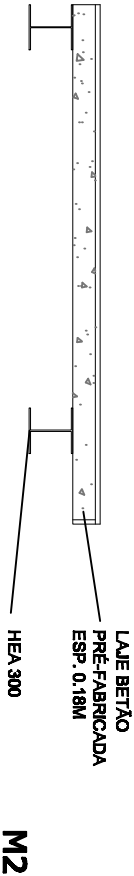
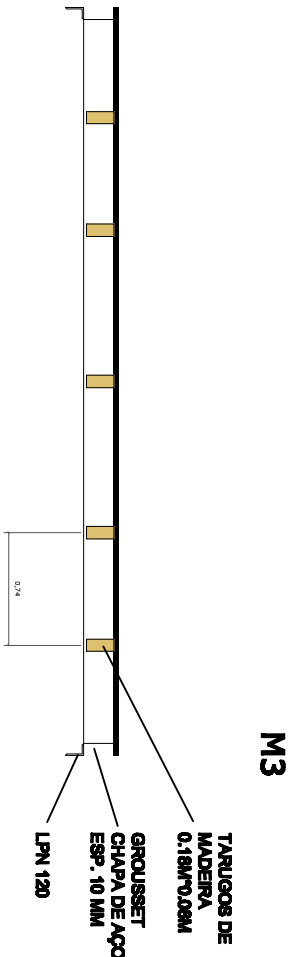
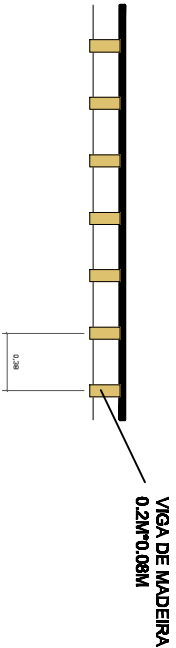
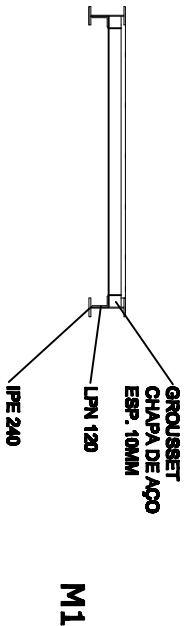
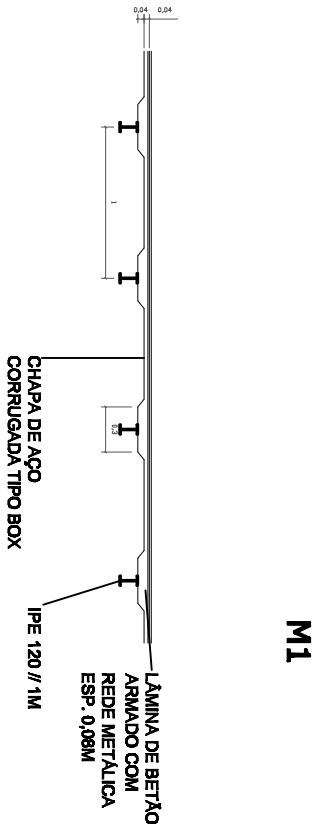


	Reabilitação da Quinta dos Alfinetes - Casa Museu de Marvila			
	Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires	
	Nº Des:21	Designação: Corte JJ'		Escala: 1/50 - 1/20



- ALVENARIA A CONSOLIDAR
- ARCOS A RECUPERAR
- BETÃO ARMADO
- PAVIMENTO DE BETÃO SOBRE CHAPA METÁLICA
- PRÉ-FABRICADO
- PAVIMENTO DE MADEIRA SOBRE ESTRUTURA METÁLICA

			Legenda:
Reabilitação da Quinta dos Alfinetes - Casa Museu de Marvila			
Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327		Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires	
Nº Des: 22	Designação: Mapa de Pavimentos e Paredes	Escala: 1/500	
			



	Reabilitação da Quinta dos Alfinetes - Casa Museu de Marvila		
	Nome: Hugo Manuel Cardoso Oliveira nº5327	Orientador: Dr. Arq. Amílcar de Gil e Pires	
	Nº Des:23	Designação: Pormenores de Pavimento	Escala: 1/50
<div>Legenda:</div> <div>M1 - PAVIMENTO DE BETÃO SOBRE CHAPA METÁLICA</div> <div>M2 - PAVIMENTO DE BETÃO SOBRE ESTRUTURA METÁLICA</div> <div>M3 - PAVIMENTO DE MADEIRA SOBRE ESTRUTURA METÁLICA</div>			